

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Bairros do Cairo bombardeados

pela aviação israelita

Seiscentos tanques
egípcios destruídos?

TEL-AVIV, 8 — (R.) — As forças israelitas destruíram já 250 tanques árabes, informou-se oficialmente. Círculos não oficiais, no entanto, calculam que o número exacto estará próximo dos 600, equivalente a dois terços do total de blindados da R. A. U.

Os árabes abateram
300 aviões — diz o Cairo

(Ler notícia na pág. 15)

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

SITUAÇÃO INTOLERÁVEL

Em menos de vinte anos, o pequeno Estado de Israel fez e ganhou três guerras de que saiu vencedor contra inimigos muito superiores em área territorial, população, recursos económicos e apoios internacionais. Nenhuma delas removeu as causas que as provocaram. Em todas os factores externos tiveram papel predominante e foram estes que ditaram a paz precária que delas resultou. Em 1948, 1956 e 1967, fizeram-se armistícios e falharam na sua missão aqueles que deviam aproveitá-los para criar no Médio Oriente, uma situação relativamente estável e duradoura. Uma nação — é esse o caso de Israel — não pode viver indefinidamente em pé de guerra, como um campo entrenchado, cuja guarnição está condenada a permanecer em alerta, pronta a acorrer, instantaneamente, aos pontos de maior perigo. Por outro lado o conflito israelo-árabe desenrola-se periodicamente num quadro condicionado por factores que lhe são estranhos e que dependem não dos seus protagonistas, mas de grandes potências que têm interesses a acautelar no Médio Oriente e neste procuram estabelecer a sua influência.

Essas potências só se entendem para impor a cessação das hostilidades quando estas se desencadeiam em virtude do seu encorajamento ou inspiração, desentendendo-se quando a guerra não devasta aquela região. Nem Israel deve aparecer aos olhos do mundo como um instrumento dos interesses dos Estados Unidos, nem os países árabes como marionetas do comunismo. Nada autoriza a supor que a crise do Médio Oriente seja resolvida pela vitória israelita, cujas consequências a União Soviética e os Estados Unidos procurarão limitar em nome da necessidade de não correrem para a confrontação que querem evitar. No entanto, é este o círculo vicioso em que Israel continua a viver, não dependendo da sua vontade ou da coragem dos seus filhos quebrá-lo.

BEIRUTE, 8 — (F. P. e R.) — O comando das Forças Armadas egípcias anunciou que aviões israelitas bombardearam hoje alguns bairros do Cairo e a zona do Canal de Suez. Num comunicado emitido por Rádio Cairo, os egípcios afirmaram ter sido abatidos nove aparelhos inimigos e que os ataques não causaram vítimas.

Por outro lado, círculos militares de Tel-Aviv disseram que os egípcios são os «restos» dos efectivos militares do Sinai que passaram agora para a segunda frente. Os mesmos círculos acrescentaram que os israelitas estão a tentar cortar a retirada dos egípcios, mais ao Norte.

Simultaneamente, unidades israelitas dirigem-se a toda a velocidade em direcção a Kantara, no centro da zona do Canal, a fim de tentarem tomar uma ponte.

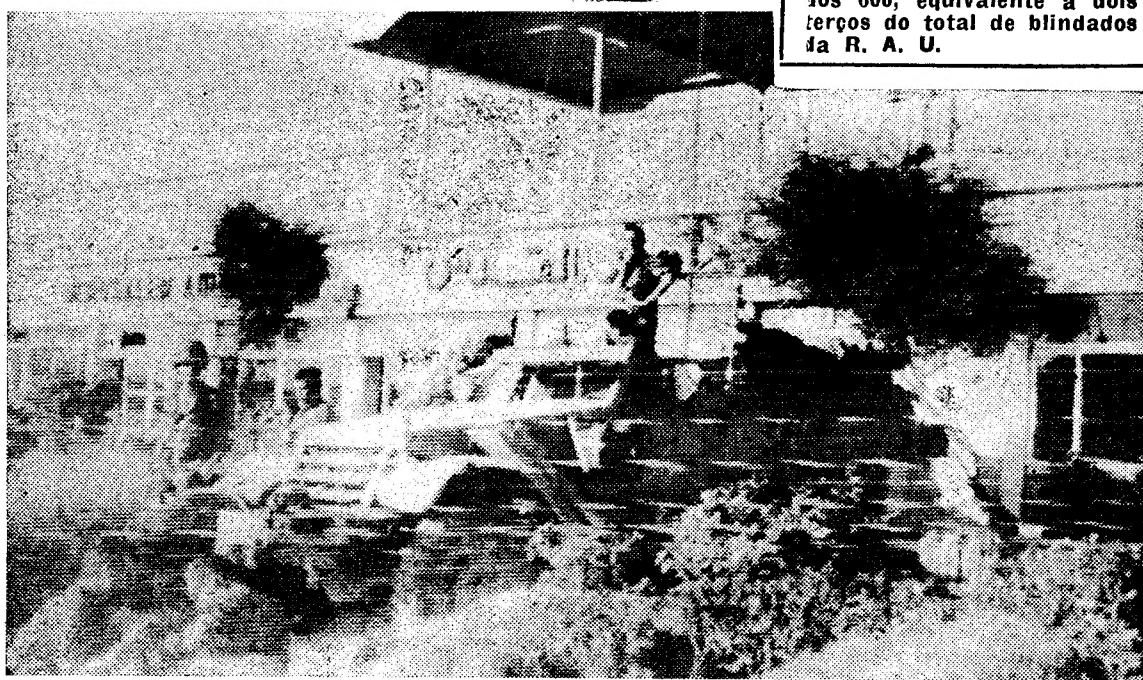
DESMENTE-SE QUE TROPAS SÍRIAS TENHAM PENETRADO EM ISRAEL

A limpeza de bolsas de resistência egípcia continua na frente do Sinai — declaram os círculos autorizados que se recusam, por outro lado, a dar indicações destes combates. No comunicado distribuído durante a noite, o Governo de Tel-Aviv anunciara que a península do Sinai estava praticamente dominada pelas tropas de Israel.

As operações actuais tendem a tornar total o domínio dos sectores em causa, nos pontos em que ainda é incompleto.

Na frente jordana, confirma-se

(Continua na 15.ª página)



Tropas israelitas no aeroporto de Kalandia, em Jerusalém, que pertencem à Jordânia, depois de o haverem tomado de assalto e ocupado (Telefoto).

O dr. Franco Nogueira abordou hoje numa conferência de Imprensa a guerra no Médio Oriente

O ministro dos Negócios Estrangeiros recebeu esta manhã, no Palácio das Necessidades, os representantes dos órgãos da Informação, para mais uma das suas habituais conferências de Imprensa.

Três dias depois da eclosão do conflito armado israelo-árabe, a intervenção do dr. Franco Nogueira revestia-se de iniludível importância, apesar da ausência de relações diplomáticas de Portugal com qualquer dos principais beligerantes. O ministro iria, aliás, referir-se amplamente ao problema.

A direita do dr. Franco Nogueira sentaram-se os drs. Moreira

Baptista, secretário nacional da Informação, e Hall Temido, director dos Negócios Políticos, e à esquerda o secretário-geral do Ministério,

(Continua na 17.ª página)

Presidente da República

Por motivo do nono aniversário da sua eleição para o primeiro mandato na Presidência da República, o sr. almirante Américo Thomaz recebeu, hoje, muitos cartões e telegramas de felicitações, tendo também passado pelo Palácio de Belém muitas pessoas de todas as condições sociais, que pessoalmente ali deixaram as suas saudações.

32 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA

Nota do dia

IGNORÂNCIA

O correspondente do «ABC» de Madrid em Hong-Kong não é forte em História. Referindo-se à situação criada em Macau depois dos acontecimentos que ali se verificaram no princípio deste ano, leva a sua «simpatia» pela pequena província portuguesa do Extremo Oriente a denominá-la «el Macao entrañable, que fue español durante ochenta años y que está lleno de restos de la época española».

Claro que o jornalista ignora completamente a história de Macau. Aconteceu exactamente o contrário do que ele pensa. Macau conservou-se sempre fiel à Mãe-Pátria durante os sessenta anos (e não oitenta) da dominação espanhola. Nunca flutuou sobre a cidade a bandeira dos Filipes e não há, portanto, vestígios de uma ocupação que não existiu. Foi o reconhecimento dessa fidelidade que levou a inscrever no seu brasão de armas a legenda «Não há outra mais leal» e a conferir o nome de Leal Senado à instituição municipal que administra a cidade. Com a ligeireza de opiniões manifestada pelo correspondente do «ABC» em Hong-Kong contrasta singularmente a impressão colhida por outro jornalista da mesma nacionalidade que visitou recentemente Macau e que, ao transmiti-la a um colega nosso, lhe enviou um abraço «desde este Macao tan português, con signos chinos sobre las fachadas rosa y verde, como las casas de mi querida Lisboa». Trata-se, evidentemente, de um jornalista

que, tendo vivido no nosso País, onde desempenhou funções diplomáticas, nos compreendeu melhor do que qualquer outro dos seus compatriotas, defendendo sempre entre a Espanha e Portugal, em comunhão com o nosso pensamento, o tipo de relações e de alianças que se ajusta melhor a uma política realista e que mais convém aos interesses dos dois países peninsulares. Descobrimos em Macau vestígios de uma época que não deixou ali qualquer recordação visível, e relatando a actual situação em termos que desmentem a sua apregoada simpatia por Macau, o correspondente do «ABC» em Hong-Kong não faz mais do que alinhar a sua atitude de pretensão observador imparcial pela atitude dos jornais da próxima colónia inglesa, que se vê a braços com dificuldades idênticas às que enfrentámos em Macau e não teve a elementar prudência de pôr de molho as suas barbas quando viu as do vizinho a arder.

2.ª EDIÇÃO

VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

CORPORAÇÕES

Na Corporação da Indústria findou a reunião dos presidentes das corporações económicas, tendo sido apreciados diversos assuntos, como a aplicação do imposto sobre transacções, integração dos grêmios de constituição obrigatória no regime geral da organização corporativa, competência das corporações e dos grêmios de constituição facultativa na disciplina e tutela económica dos respectivos sectores, posição das corporações perante o Plano de Formação Social e Corporativa e o estudo que está a decorrer para determinação do apoio técnico, económico e social das corporações e seus organismos aglutinados ao desenvolvimento do III Plano de Fomento. O presidente da Corporação do Comércio, sr. Manuel Andrade e Sousa, fez uma larga exposição sobre o Estatuto do Comerciante já submetido à aprovação governamental. Dada a natureza extremamente importante da matéria contida no texto do referido diploma em aprovação, os presidentes das corporações deliberaram apoiar o presidente da Corporação do Comércio nas suas diligências. Imposto sobre o Valor das Transacções e a sua aplicação durante o período já decorrido desde a sua entrada em vigor, foram objecto de apreciação detida, tendo deliberado os presidentes submeter ao ministro das Finanças as sugestões decorrentes dessa apreciação. Os presidentes das corporações determinaram reservar para a sua próxima reunião o início do estudo do Decreto-Lei n.º 47 032 (Nova Legislação do Trabalho) com vista à revisão prevista no art.º 132.º deste diploma.

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do ministro de Estado, dr. Mota Veiga, reuniu-se, ontem, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. O Conselho iniciou a apreciação do projecto de proposta de lei sobre as bases de organização do III Plano de Fomento, para o hexénio de 1968 a 1973, a enviar proximamente à Câmara Corporativa.

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. prof. dr. Silva Cunha, ministro do Ultramar; José Félix Mira, governador civil de Évora; eng.º Tovar Faro, chefe do distrito

DE REGRESSO

De Paris regressou o ministro da Economia dr. Correia de Oliveira que ali tinha ido presidir às comemorações do 20.º aniversário do Plano Marshall, na sede da O. C. D. E., no Castelo de la Mette. No aeroporto era o ministro Correia de Oliveira esperado por numerosas personalidades e funcionários do seu departamento.

A CRIANÇA E A TELEVISÃO

Tem sido intensa a actividade das srs.ªs D. Alice Gomes e D. Maria da Conceição Gaudêncio Soares junto da Voz do Operário, através do Centro de Arte Infantil. Foi integrada nesse centro que a escritora e declamadora D. Germana Tanger ontem ali realizou uma conferência. Tema: A criança e a televisão, seguida com o máximo interesse por todos os presentes.

DE UM 7.º ANDAR A MORTE

Nos Olivais-Sul está em construção um prédio, na Rua DI. Ora um dos operários ali empregados, que apenas se sabe chamar-se Alberto Duarte e aparentando 60 anos, trabalhava num andaime de 7.º andar. Em dada altura de-sequebrou-se e caiu. Quando chegou ao Hospital de São José estava morto.

DE BELEM

de Portalegre; visconde de Asseca, presidente da Câmara Municipal de Sintra, e prof. dr. D. Pedro da Cunha e dr. Francisco Félix Machado, respectivamente presidente e secretário-geral do IX Congresso Lusitano-Espanhol de Obstetrícia e Ginecologia.

ARMA CAÇADEIRA

O sr. Luís Gomes, de 55 anos, proprietário, de Algalde, perto de Murça, limpava uma arma caçadeira. Em dada altura, a espingarda desfechou-se e a carga foi atingindo aquele proprietário, que morreu pouco depois.

Melhor equipamento dos portos e maior desembaraço da navegação — preconizou o dr. Manuel Henriques Gonçalves ao tomar hoje posse do seu novo cargo

Efectuou-se hoje, ao começo da tarde, no Ministério das Comunicações, a cerimónia da posse do primeiro presidente da Junta Central de Portos, sr. dr. Manuel Henriques Gonçalves, que durante quase nove anos chefiou o gabinete daquele membro do Governo.

A posse foi conferida pelo ministro, sr. eng.º Carlos Ribeiro, encontrando-se presentes os directores-gerais e outros altos funcionários daquele departamento governativo e muitas outras individualidades, entre as quais representantes de organismos portuários. Leu o respectivo auto o sr. eng.º Vítor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil e secretário-geral do Ministério.

Ao afirmar o seu propósito de bem servir o País, no exercício das suas novas funções, o sr. dr. Manuel Gonçalves aludiu às atribuições da Junta Central a que vai presidir e fez considerações sobre a política portuária, acentuando que a experiência mostra a necessidade das linhas gerais da organização continuarem fiéis ao padrão clássico, consagrando-se a autonomia das administrações portuárias.

Declarou que pelos interesses que serve e pelo conjunto em que se integra, cada porto tem, a um tempo, função específica própria e valor sectorial na riqueza nacional. Mas há que programar, sempre com renovada visão, os planos de construção, de expansão e apetrechamento, com base na sua função económica, sob pena de uma prejudicial dispersão, de se investir inutilmente ou de se dar um aproveitamento menos apropriado aos dinheiros públicos. Dentro deste pensamento, haverá certamente que sacrificar algumas vezes iniciativas locais e as correspondentes obras em favor de prioridades do planeamento geral.

O sr. dr. Manuel Gonçalves enunciou algumas iniciativas portuárias a que vai meter ombros, como a melhoria da barra de Viana do Castelo; a revisão do plano portuário de Aveiro, possível complemento futuro do porto de Leixões e com vista à sua industrialização; a melhoria do porto da Figueira da Foz, como natural meio de valorização da bacia do Mondego; o impulso do porto de Setúbal e a sua possível conjugação com o de Lisboa; a aconselhável reestruturação dos portos algarvios, onde o factor turismo deve pesar decisivamente na centralização de um grande porto e onde são preocupantes os problemas do assoreamento da barra do Guadiana e a navegabilidade deste rio para o Alentejo; o equipamento funcional e turístico do porto do Funchal; a adaptação das instalações portuárias ao incremento económico verificado nos distritos de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, etc.

Sublinhou, ainda, que se tal política vier a merecer o apoio do Governo, como se espera, é natural que a alguns sacrifícios dos usuários dos portos e das actividades do seu «interland» venham a corresponder, em futuro próximo, benefícios de toda a ordem, quer no melhor equipamento dos portos, quer no mais rápido desembaraço da navegação, quer na atracção de indústrias às zonas portuárias, quer no desenvolvimento regional.

Depois de outras considerações sobre as tarefas da Junta Central, o sr. dr. Manuel Gonçalves agradeceu a colaboração que todos os funcionários do Ministério lhe deram enquanto se manteve no cargo de chefe do gabinete e teve palavras do maior apreço para o ministro sr. eng.º Carlos Ribeiro, terminando por manifestar o propósito de bem servir no novo posto da administração pública.

Falou também o ministro das Comunicações, que se referiu ao significado do acto e ao apego à função pública revelado pelo empossado, dizendo que o seu caso não é único mas se torna cada vez mais raro. Apontou a necessidade de os serviços serem eficientes, para que a acção do ministro se revista de êxito, e a competência que se regista entre as entidades particulares e o Estado, no recrutamento dos especialistas. Justificou a escolha do sr. dr. Manuel Gonçalves para a presidência da Junta, dizendo que este organismo tem de possuir uma feição de aproximação com os serviços com que coopera. Fez também considerações sobre a reforma administrativa, afirmando que os serviços públicos não devem possuir um figurino único, pois há diferenciações entre os vários sectores. «Não podemos adaptar soluções aos órgãos, pois estes é que têm de ser adaptados às soluções», frisou. Por último, aludiu às iniciativas a realizar no sector portuário, acentuando que os empreendimentos têm de ser rentáveis.

António Nobre e o seu centenário foram evocados na Academia

por Luiz Forjaz Trigueiros

Em Agosto próximo passa o centenário do nascimento de António Nobre, o lua, o só...

A Academia das Ciências lembrou hoje essa figura literária das mais originais e sentidas da literatura portuguesa e das que mais influência têm exercido nos poetas que vieram depois dele.

Foi na reunião da Classe de Letras, esta tarde efectuada, que a evocação da pessoa e da obra de António Nobre foi feita pelo ensaísta e crítico Luiz Forjaz Trigueiros, em estudo histórico-crítico do poeta e da sua obra.

Luiz Forjaz Trigueiros lembrou que mais de 40 ensaios, em volume, se encontram publicados até hoje sobre António Nobre, vindos desde os estudos de Alberto de Oliveira até o recente ensaio de Joel Serrão. Examinou depois os condicionamentos psicológicos e físicos que contribuem para esclarecer aspectos da poesia de António Nobre e as suas peregrinações pelo mundo. Citou a propósito o seu concurso para secretário de legação, no Ministério dos Estrangeiros, e apresentou fotocópias de documentos legais, alguns deles inéditos, recolhidos no arquivo desse ministério.

Na segunda parte do seu trabalho, Luiz Forjaz Trigueiros definiu a posição da poesia de António Nobre, quer em relação ao simbolismo que acompanhou, quer em ordem às inovações verbais ou rítmicas verificadas, quer ainda como precursor do modernismo do «Orfeu» que saíra uns quinze anos após a sua morte.

Presidiu à reunião da classe de Letras, o prof. Moses Amzalak. Luiz Forjaz Trigueiros foi muito felicitado pelos académicos presentes.



F.I.L. 67

Integrada na União das Feiras Internacionais

A PARTIR DE AMANHÃ 15 DIAS ESPECIAIS NO CALENDÁRIO DA ECONOMIA PORTUGUESA

HORÁRIO DA F.I.L.-67

Dias	Horas
PARA O PÚBLICO	
9 (sexta)	17 às 24
10 (sábado)	15 às 24
11 (domingo)	15 às 24
13 (terça)	15 às 24
16 (sexta)	17 às 24
17 (sábado)	15 às 24
18 (domingo)	15 às 24
19 (segunda)	17 às 24
20 (terça)	17 às 24
21 (quarta)	17 às 24
22 (quinta)	17 às 24
23 (sexta)	17 às 24
SÓ PARA PROFISSIONAIS	
12 (segunda)	17 às 24
14 (quarta)	17 às 24
15 (quinta)	17 às 24

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Entrada: 2850 • Transportes assegurados • Restaurante
Snack-Bar • Self-Service • Cinema • Clube dos Expositores

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.

Avenida Casal Ribeiro, 50 — Lisboa-1

Capital Autorizado — Esc. 630 000 000\$00

Realizado — Esc. 540 000 000\$00

10.ª Emissão de Capital — 90 000 contos

Ao abrigo da autorização concedida pela Assembleia Geral de 28 de Fevereiro de 1962 e em conformidade com a Portaria publicada no «Diário do Governo» n.º 133, III Série, de 7 de Junho de 1967, foi deliberado aumentar o Capital Social de 540 000 contos para 630 000 contos.

O aumento de capital de 90 000 contos é oferecido à subscrição nas seguintes condições:

1 — As acções são do valor nominal de 1000\$00 cada uma;

2 — Desta emissão 89 100 acções são reservadas aos accionistas na base de 16,5% das acções que possuírem, com arredondamento por defeito; as restantes 900 acções são reservadas ao pessoal da Companhia;

3 — O direito à subscrição, da parte reservada aos accionistas, será exercido mediante a entrega do cupão n.º 23 ou pela apresentação dos títulos nominativos, para carimbagem;

4 — Aos accionistas que assim o declararem é facultada ainda a subscrição, sujeita a rateio, das acções que não forem tomadas nos termos do numero 2;

5 — A subscrição é feita ao par, ficando o Imposto de Mais-Valias a cargo dos accionistas que a ele estejam sujeitos;

6 — O pagamento das subscrições referidas no numero 2 far-se-á em duas prestações de 50% cada uma, acrescendo à primeira prestação, relativamente aos accionistas, o Imposto de Mais-Valias de Esc. 23\$95.

A segunda prestação vencer-se-á três meses depois da primeira, conforme anúncio a publicar com 30 dias de antecedência.

7 — As acções que venham a ser atribuídas nos termos do numero 4 serão liquidadas pelos valores indicados no numero anterior no prazo que for fixado no anúncio que publicar o resultado do rateio;

8 — As acções desta emissão terão direito ao dividendo que vier a ser votado por conta da gerência de 1968, a pagar em 1969.

A subscrição estará aberta de 19 a 30 do corrente mês de Junho na Sede da Companhia e nos seguintes estabelecimentos de crédito, suas filiais, agências e dependências:

— Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

— Banco da Agricultura

— Banco Borges & Irmão

— Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

— Banco de Fomento Nacional

— Banco Fonecas & Burnay

— Banco Lisboa & Açores

— Banco Pinto & Sotto Mayor

— Banco Português do Atlântico

— Banco Totta-Alança

— Crédit Franco-Portugais

— Montepio Geral

— Augustine Reis & C.ª

Lisboa, 7 de Junho de 1967.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- Qual foi o último livro que leu? E há quanto tempo?



● *Ler é alargar conhecimentos. É distrair. É aprender. É debruçar-se a uma janela aberta para o Mundo e para o Homem. Para a História e para o futuro. E para o presente.*

De pasta na mão caminhava apressado o sr. João Jesus Fernandes. É vendedor. Um homem activo. Sem pausas. Mas responde-nos amavelmente.

— Gosto muito de ler, sem dúvida. O livro que li ultimamente intitulava-se «Dez minutos às escurelas». Era um livro policial. Não se trata de um género que aprecie por aí além, mas, de vez em quando, leio um ou outro para distrair, para aliviar o espírito... Há quanto tempo o li? Há cerca de um mês. Mas, repito, não é um género que considere do maior interesse. Normalmente, procuro cultivar-me com as leituras que faço. Cultura e actualização. eis o que procuro na leitura.

● *Uma estudante universitária. Moça desembaraçada, viva e bonita. Chama-se Manuela Meneses.*

— «Sete palmos de terra e um caixão», de Josué de Castro, foi o livro que li ultimamente. Há uma semana que acabei de o ler. Todos os dias tenho de ler, nem que seja só um bocadinho.



— Sim, agora é difícil, para além das matérias do curso. Os exames estão à porta e... todo o tempo é pouco... No entanto, procuro, mesmo assim, ler qualquer coisa (de interesse e valor, claro), diariamente.

Reuniu-se a Comissão Nacional para Prevenção da Poluição do Mar

Reuniu-se hoje no Ministério da Marinha, sob a presidência do sr. comandante Serra Brandão, a Comissão Nacional para Prevenção da Poluição do Mar, que se ocupou, entre outros assuntos, da poluição resultante da drenagem de resíduos industriais de novas instalações fabris.

Estiveram presentes os srs. dr. Hercúlio Vilela, director do Instituto de Biologia Marítima; eng.º Fernandes Matias, da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos; Machado Palha, da Direcção-Geral dos Combustíveis; e Ferreira Cardoso, da A. G. P. L.; 1.º tenente Daniel Rodrigues, do Instituto Hidrográfico; e capitão da Marinha Mercante, Barbosa Henriques, da Soponata.

Secretariou o sr. capitão-tenente engenheiro maquinista naval Guerreiro de Amorim.

Mentalmente perturbada afogou-se num poço com dois filhos

MONTEMOR-O-NOVO, 8 — Mentalmente perturbada, Felicidade Maria Vicente, de 35 anos, casada com António Bernardo da Courela, residentes em Lavre, deste concelho, atirou-se a um poço na companhia dos seus dois filhos — Maria da Assunção e António Maria, respectivamente, de 8 e 5 anos. Os cadáveres foram hoje retirados do poço e foram a enterrar a meio da tarde.

te. É necessário e, além do mais, descontrai...



● *Alguns colegas estavam perto e assistiram ao depoimento de Manuela Meneses. E, naturalmente, ouvimos um deles. Estávamos junto do Instituto Superior Técnico. Quem nos responde agora é José Lucena:*

— «Os velhos marinheiros», de Jorge Amado, foi o livro que acabei de ler, também há uma semana, aproximadamente. Não leio muito, apenas por duas razões: porque o tempo não abunda (o motivo é o mesmo da minha colega...) e porque considero os livros pouco acessíveis, no seu preço, á magra bolsa de um estudante... Considero elevado, regra geral, o preço dos livros entre nós. É pena, efectivamente, que ele não possa baixar. Bem sei que o problema é complexo, mas tal facto traria vantagens para todos, não lhe parece?...

(Despedimo-nos. Deixámos os nossos universitários às voltas com uma conversa muito técnica, muito química. E quando já nos afastávamos, José Lucena chamou-nos e disse: «Olhe, já me esquecia, «Os velhos marinheiros» foi efectivamente o livro que li mais recentemente. Mas pela terceira vez! Sim, foi a terceira vez que o li.»)

Regressou ao seu país o ministro da Justiça do Brasil

«Neste momento em que deixamos Lisboa em direcção ao Brasil, queremos expressar aqui ao prof. dr. Antunes Varella, o reconhecimento profundo pelo acolhimento cordial e amigo que recebemos nesta visita a Portugal» — afirmou, ao embarcar esta manhã para o Rio de Janeiro o prof. dr. Gama e Silva, ministro da Justiça do Brasil, que esteve durante alguns dias em visita oficial ao nosso País, a convite do seu colega português.

O avião da Varig só esta manhã seguiu para o Brasil, em virtude de um atraso na sua chegada ao aeroporto da Portela, e o prof. dr. Gama e Silva teve afectuosa despedida por parte de numerosas individualidades portuguesas e brasileiras, entre as quais se contavam os ministros da Justiça (e esposa) e da Educação Nacional, subsecretário do Orçamento, embaixador do Brasil e esposa, director-geral da Justiça, etc.

O prof. dr. Gama e Silva declarou, ainda, antes da partida:

— Visitámos o Sul e o Norte de Portugal e levamos daqui a melhor impressão, principalmente pelo desenvolvimento cultural e material deste querido país. Visitámos igualmente as instalações dependentes do Ministério da Justiça, e ficámos a saber o muito que aqui se faz neste sector, e o valor da obra que se tem realizado.

Chegou a Lisboa o corpo do português abatido pelos «vietcongs»

Chegou, esta manhã, ao aeroporto de Lisboa o corpo de Joaquim Rebelo, de 20 anos, naturalizado americano, e que, como fuzileiro naval, foi abatido no Vietnam pelos «vietcongs».

O jovem soldado havia emigrado para os Estados Unidos.

Era natural da Murtosa, onde a família se dedicava à pesca.

Em Newark (Nova Jersey), Joaquim Rebelo trabalhou até à sua incorporação como desenhador.

O corpo do malgrado fuzileiro seguiu ainda hoje, para a Murtosa, onde será sepultado.

No aeroporto compareceram familiares e amigos, tendo as lamentações despertado a atenção dos circunstantes.

Festa de encerramento dos trabalhos escolares na Escola Técnica de Sintra

O Centro de Actividades Circum-Escolares da Escola Industrial e Comercial de Sintra, que tem uma população de 4055 alunos de ambos os sexos, pois funciona como escola mista, promoveu hoje, no ginásio daquele estabelecimento de ensino, a festa de encerramento das actividades escolares.

O programa incluiu a apresentação das turmas do segundo ano do ciclo preparatório num esquema único de ginástica educativa, exercício de ginástica moderna; esquema com fitas, por um grupo de alunas dos Cursos de Formação, as quais executaram todos os movimentos com admirável precisão; pelas turmas do primeiro ano do mesmo ciclo, demonstrações de exercícios de jogos de iniciação desportiva; e apresentação da classe especial em saltos e um jogo de handebol.

Da parte da manhã, houve uma sessão cultural e educativa, na qual colaborou o coro a três vozes femininas; danças infantis ao ritmo de música de Schumann; recitação de poesias de Afonso Lopes Vieira, danças folclóricas, batuque de Angola, «Vira» da Nazaré e pauliteiros de Miranda; e, por último, representação, por alunas, do «Auto do Bom Pastor», de António Manuel Couto Viana. Todos os números foram entusiasticamente aplaudidos pela numerosa assistência.

DOUTORAMENTO em Agronomia

Por motivo de doença, foi obrigado a desistir das provas de doutoramento que hoje devia concluir no Instituto Superior de Agronomia, o sr. engenheiro-agrônomo Mário Myre.

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

● Quando é que a Câmara Municipal manda avivar as letas das placas toponímicas de muitos arruamentos da cidade? Algumas há nas quais mal se distingue o que lá está escrito.

● A zona ajardinada na Avenida P.e Ma-

Perguntar por perguntar

• *... nuel da Nóbrega e em frente da Rua Victor Hugo, ao Areeiro, continua a ser «ponto de ataque», a determina-*

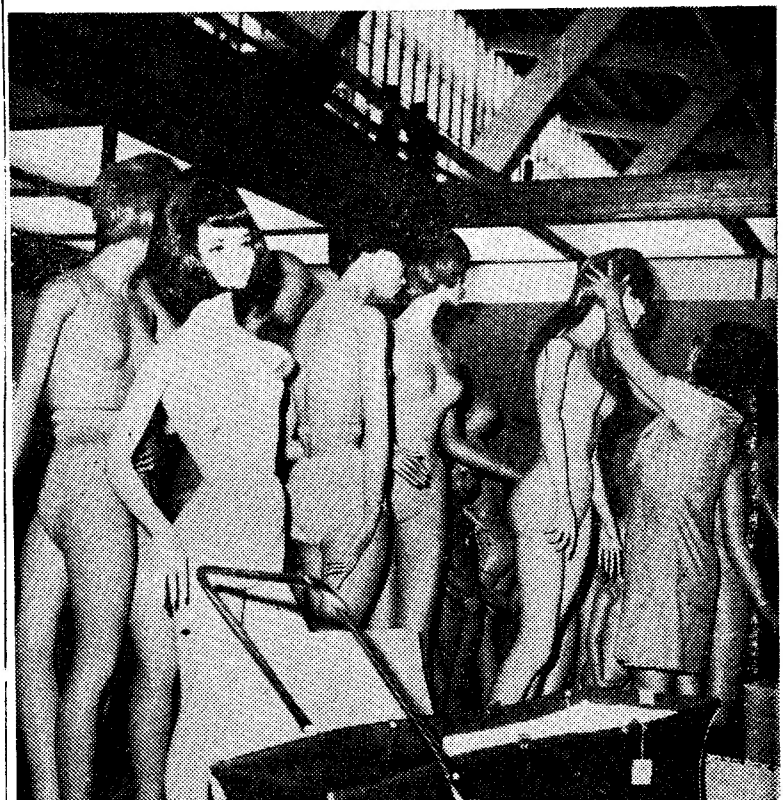
das horas, de malandrin, que, a coberto da vegetação e da obscuridade, se dirigem às jovens e senhoras, que por ali passam, com o maior atrevimento e descaramento. Quando é que a Polícia da área ali passa a efectuar uma vigilância capaz?

Rua Júlio Dantas

O Bairro Azul, a São Sebastião da Pedreira tem diversas ruas consagradas a escritores, numa das quais se ostenta o nome de Júlio Dantas, o que o sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães assinalou na sua conferência sobre o autor da «Ceia dos Cardeais», saudando, por isso, o sr. presidente da Câmara Municipal.

Máquinas estacionadas na Avenida da Índia

Em referência à local publicada na secção «Perguntar por Perguntar» do nosso número de 30 de Maio último, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa teve a amabilidade de nos informar de que as máquinas, tractores e ferramentas estacionados no terreno da Avenida da Índia, junto à Praça do Império, não pertencem à Câmara.



OS ATRIBUTOS DA ELEGANCIA — No rodar do século houve burgueses que se apaixonaram silenciosamente pelas montras mais célebres do Chiado Mas hoje, passado esse espanto, os delicados vultos de cartão modelado são apenas um atributo da elegancia feminina. Manequim: mulher a fingir que veste em primeira mão o que as outras mulheres depois estrearão. Este grupo de manequins, quase uma imagem de banhos turcos, marcou encontro na Junqueira, onde amanhã é inaugurada a exposição F. I. L.-67. Para si, minha senhora, com os cumprimentos da confecção portuguesa

«Diário de Lisboa»

O sr. prof. Frederico Madeira, director do Serviço de Patologia Médica, do Hospital de Santa Maria, agradeceu ao «Diário de Lisboa» a colaboração que o nosso jornal deu ao Curso de Histopatologia Hepática recentemente efectuado na Faculdade de Medicina.

— O Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa teve a amabilidade de nos comunicar que, em assembleia geral, aprovou um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa».

EM TRÊS LINHAS

O dr. Carlos das Neves Tavares foi nomeado director do Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa.

///

Cessou hoje, com louvor, as funções de chefe de gabinete do ministro das Comunicações o dr. Manuel Henriques Gonçalves.

YASHICA 12

A nova máquina 'reflex' 6x6 cm.
com fotómetro CDS incorporado.
Visor ultra luminoso.

A máquina ideal quer para o profissional quer para o amador.
Dá 12 esplendidas fotografias no grande formato 6x6, com um tolo 120.

Veja uma loja de artigos fotográficos.

YASHICA 12

Representantes: BELTRAO COELHO, LDA. LISBOA - PORTO

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPCSTEIRO

- Os cenários da nova revista do Teatro A B C são executados pelo cenógrafo José Manuel.
- Laura Alves será a protagonista da peça «Flor de cactus», a es-

trear brevemente no Monumental.

- Ainda não está decidido onde a companhia de Henrique Santa na fará a sua apresentação após o regresso do Ultramar.
- Vai ser de novo representada a peça de Carlos Selvagem, «Niño das Águias».

HOJE, às 21.45 — ESTREIA

A programação cuidada da

Sala



exige filmes como

PÁGINAS ÍNTIMAS



com

CATHERINE DENEUVE
e MICHEL PICCOLI

Realização de AGNÈS VARDÁ

Duas mulheres de idades diferentes
a quem os impulsos de amor reser-
vam soluções diversas...

Um escritor isolado numa ilha dis-
seca o íntimo das pessoas que o
rodeiam

M/ 17 ANOS

Distribuição de EXCLUSIVOS TRIUNFO

Georges Simenon

MAIGRET

acaba de sair
15\$00

MAIGRET NO GRANDE HOTEL

LIVRARIA BERTRAND

HOJE, COMO SEMPRE, UM RUMO PARA
A ALEGRIA:

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
QUE TEM CONSTITUÍDO UM ÊXITO RETUMBANTE ESTES
PRIMEIROS DIAS

TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
GRANDE FEIRA DE AMOSTRAS

ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA: QUINZE TOSTÕES
TRANSPORTES FACEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS

- É provável que continuem ligados à companhia do Teatro Capitólio, a maioria dos artistas que ali estão a representar a peça «Duas pernas... um milhão».
- A antiga cantadeira de fados, Saudade dos Santos deve participar numa nova produção cinematográfica.
- A peça «A promessa», após a sua carreira no Monumental, deve vir a ser apresentada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.
- É muito provável que a peça «D. Quixote» venha ainda esta época a ser apresentada no Teatro Villaret.
- Desloca-se ao Porto, para uma curta série de espectáculos, a companhia do Teatro ABC.

MONUMENTAL

Paulo Renato no elenco
de «A Promessa»

Um dos mais notáveis actores da nova geração, o quem se deve a notável encenação de «A Promessa» é agora, também, um dos principais intérpretes dessa magnífica obra-prima de Bernardo Santareno, que está em cena no Teatro Monumental.

No desempenho de «A Promessa», além de Laura Alves, na figura de «Maria do Mar», temos, ainda, Rui de Carvalho e José de Castro, os quais formam o triângulo artístico sobre o qual gira toda a história. Também, com desempenhos magníficos, figuram Luís António no papel de cego adolescente, Maria Cristina, Cândida Maria, Grace de Castro, Maria Olgim, Alexandre Vieira, Luís de Campos, Rolando Alves, Alberto Villar, Helder de Oliveira, Vasco Teixeira, Cremilda Gil, Alda Pinto, Cunha Marques e, agora,

também, em colaboração especial, o consagrado actor Paulo Renato.

«A Promessa» tem maquetas e figurinos de Octávio Clérigo, cenografia de Carlos Dias e Eduardo, sonoplastia de Castela Esteves, luminotécnica de Mário Mendes, montagem de Luís Cunha e Silva e direcção de cena de Alexandre Vieira. Hoje e todas as noites, espectáculos às 21 e 45 e aos domingos e feriados também às 16 horas.

ROMA

«O Congresso do Amor»
continua

Faustoso, magnífico, espectacular, riquíssimo — eis, em quatro palavras, o que é o «Congresso do Amor» que, todas as tardes e todas as noites, se reúne na ampla e confortável sala do Roma...

A Viena das valsas, do esplendor e dos revoltos de ocasião, a Viena dos grandes reis e do amor desenfreado, a Viena cosmopolita, centro de prazer e de estudo de toda a Europa de então — serve de maravilhoso cenário à actua-

média mais chique do ano: «O Congresso do Amor».

Lilli Palmer, Curd Jurgens, Françoise Arnoul, Paul Meurisse, Walter Slezak e Hanes Messemer formam o internacional «casting» deste filme baseado num famoso romance de Hans Habe, que tem atraído as atenções do melhor público da capital!

Realizado pelo conhecido encenador Geza Radványi, fotografado em superpanorama e eastmancolor e contando com um estupendo fundo musical de Peter Thomas, «O Congresso do Amor» pode classificar-se como dos mais aliantes e sugestivos cartazes cinematográficos do presente semana...

POLITEAMA

«Serenata à chuva»
em sessão única

Às 18 e 30, em sessão para maiores de 12 anos, e integrado no famoso ci-

(Continua na 6.ª página)

A MAIS ESPANTOSA E EMOCIONANTE AVENTURA VIVIDA
SOB A METRALHA DA GUERRA
NO ORIENTE!

HOJE, às 21.30

COLISEU

UM FILME DE GRANDE ACÇÃO!

M/ 12 ANOS

SOB O CELESTE IMPERIO



Exclusivo TALMA FILMES

com ANTHONY QUINN • RANDOLPH SCOTT
RUTH WARRICK • ELEN BREW

PRAÇA DE TOIROS
DE



(M/ 6 ANOS)

SANTARÉM

Empresa:
Diodoro Canorea Arquero

Dia 10 de Junho, às 18 h.
CAVALEIROS

Ribeiro TELLES
Luís M. VEIGA

ESPADAS:
DIEGO PUERTA
CORDOBÉS

FORCADOS:
Amad. de MONTE MOR
(Joaquim José Capoulas)

TOIROS DE:
José Manuel ANDRADE
David Ribeiro TELLES

Dia 11 de Junho, às 18 h.
CAVALEIROS

MANUEL CONDE
Mestre BATISTA

ESPADAS:
ORDONÉS
A. dos ANJOS

FORCADOS:
Amad. de ÉVORA
(João Nunes Patinhas)

TOIROS DE:
José Augusto e Carlos
GARCIA FIALHO

Bilhetes desde 50\$00
à venda nos locais
do costume

Dia 18
MONDEÑO
LINARES

VIPS*

PREFEREM

VIPS

* VERY IMPORTANT PERSONS

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

BARREIRA DE SOMBRA — No seu empenho em reforçar a «aficção» portuguesa, deu-nos a Televisão, em 7 dias, quatro programas de «Barreira de Sombra», dois deles especiais, em transmissão directa. O último aconteceu ontem e destinava-se a falar da corrida a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro: o longo treino dos cavaleiros, algumas entrevistas brevíssimas.

E depois é que vieram as entrevistas principais. Com Armando Soares e Mestre Baptista. O primeiro, acabado de chegar do México onde obteve sucesso. Acha, no entanto, que o sucesso, às vezes, é uma questão de sorte. E explica:

— No México eu costumava ir ao matadouro de um moço meu amigo. Matei, numa semana, 300 rezes com o descabelo. Não falhei uma. Quatro dias depois, numa corrida, tive de descabular um touro: falhei seis vezes...

Quanto a Mestre Baptista, ficamos a saber que se passa algo à sua volta. Algo como uma conspiração. Mas será melhor passar-lhe directamente a palavra: «Não compreendo! Se ando bem, o público assobia, se ando mal, assobia também. Será que eles exigem que eu esteja sempre um fenómeno? Não sou Deus, sou um homem!».

Dramático, como se vê. O público não se importa nada da qualidade do touro dele. O que quer é assobiar. Logo que Mestre Baptista entra em campo, surgem as cócegas de assobio. Esquecem-se os espectadores que Baptista não pode estar sempre fenómeno. Com razão, o toureiro repete as palavras do Rui Canuto: «não é deus, caramba, é um simples mortal».

Oxalá estas palavras angustiantes sejam devidamente escutadas. Aos homens deve-se apenas exigir o que é humano. Nada, pois, de pedir o impossível a Baptista. Sejam razoáveis.

NOITE DE TEATRO: «OS DOIS LACAIS» —

Charles Favart, escreveu; Manuel Lereño, traduziu; a Televisão forneceu ao domicílio. Por estas e outras se costuma dizer que uma desgraça nunca vem só.

Já houve quem dissesse, por certo num momento de inacreditável euforia, que a Televisão tem feito muito pelo Teatro. A prova se fosse necessária, foi dada ontem com a peça onde não sabemos que mais admirar: se a rábula de Lereño, se

a total falta de naturalidade de Lourenço e Irene Cruz, se a desopilante subliteratura fluentemente desbobinada, se a desmiolada história dos lacaios, se a coragem — e não pequena! — de apresentar, nos nossos dias, aos nossos espectadores, mistela de tanta classe!

Um dos grandes males suponho que será de ordem burocrática. De rotina. Estabeleceu-se que às quartas-feiras há teatro na Televisão, como nos restaurantes há tripas à moda do Porto. Para satisfazer o programa, vá de aceitar a mercadoria deteriorada do sr. Favart e seus legítimos representantes portugueses. E o pior de tudo consiste em ver nisto envolvida a palavra «Teatro». Podia-se falar noutra coisa. Língua portuguesa fértil em soluções. Das mais inocentes — *passatempo, entretenimento, brincadeira semanal* — às mais próprias — *cégada, cobiada, marmelada* — sem esquecer as mais explícitas e populares de que fujo a dar exemplos por absolutamente desnecessários.

«Tudo isto me parece uma comédia!» — diz a certa altura a personagem representada por Irene Cruz. A mim, não me parece. Tenho a certeza. — M. C.

HOJE PODE VER...

• Às 21 e 55: Variedades

A R. T. P. apresenta esta noite por intermédio da Eurovisão, um programa de variedades gravado pela CRTF em Cannes. Neste programa participam Charles Aznavour, o ilusionista Kossagi e a orquestra Caravilli.

veja MELHOR num **KB**



Algumas figuras do espectáculo do Avenida, vistas por Fernando Bento

«Baguala: a Argentina canta e dança», no Teatro Avenida

É um espectáculo rico de sugestões, muito agradável de seguir e com momentos de grande beleza musical e plástica, este «Baguala: a Argentina canta e dança», que ontem se apresentou em ante-estreia, cuja receita revertia para a Cruz Vermelha Portuguesa.

«Baguala» quer dizer «cavalo indomável, rebelde e arisco». Nesta apresentação de arte e folclore da Argentina, «Baguala» quer dizer força, vivacidade, vibração. Passam em desfile, plasmados, em música, canto, bailado. Os mais importantes acontecimentos históricos

ligados com aquele país, começando por «América antes e depois da conquista», seguindo-se «Buenos Aires colonial» e «A luta fratricida».

Com um início um pouco indeciso, o espectáculo rapidamente melhora e se coloca a um excelente nível, logo com «Sbaguala», clamor de protesto dos índios, que afirmam a sua verdade: «Yo no canto por cantar ni por tener buena voz». «Pregões coloniais» (desfile de antigos vendedores ambu-

(Continua na 19.ª página)

ESTREIA • HOJE

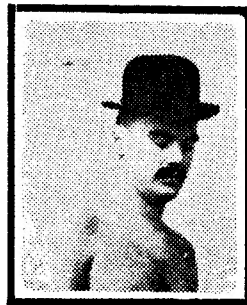
EXCLUSIVO DOPFILME

Às 21.45 (Adultos)

estúdio
444

Contos Suecos

com



**HANS ALFREDSON
MONICA ZETTERLUND
BIRGITTA ANDERSSON**

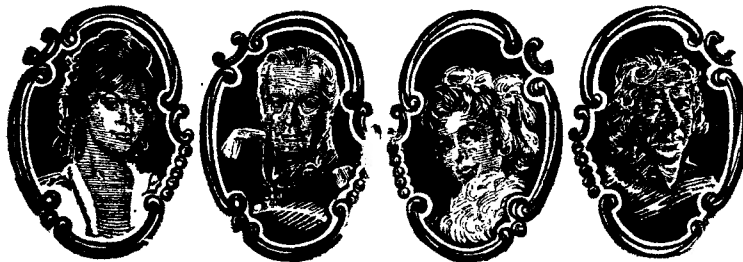
Realização

**TAGE
DANIELSSON**



**É UM FILME RARO! É UMA CRÍTICA! É UMA SÁTIRA!
É UM TESTEMUNHO DO NOSSO TEMPO!**

**O PANORAMA DA VIDA SUECA CONTADA E CRITICADA COM MORDAZ
IRONIA PELOS PRÓPRIOS SUECOS ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA LOUCA
COMO SÓ ELES PODERIAM IMAGINAR!**



**LILI PALMER ★ CURD JURGENS
FRANCOISE ARNOUL ★ PAUL MEURISSE**

ROMA

DOPFILME

**3ª
SEMANA**



**A VELHA VIENA, CIDADE DO AMOR, DAS VALSAS
E DA ALEGRIA, NUM DOS MAIS MAGNIFICENTES
FILMES QUE O CINEMA REALIZOU!**

**SUPERPANORAMA
EASTMANCOLOR
(ADULTOS)**

SILENCIOSOS E PORTA-BAGAGENS

Montagem rápida

Silenciosos para todas as marcas de carros e tubos de escape, temos em stock, fazemos todos os modelos, assim como para camions e tractores

VIANA & FILHOS, LDA
Rua Actor Iaborda, 20
Telef. 534688
(ao Saldanha)

PRAÇA DE TOIROS

DIA 11



SANTARÉM

ORDOÑES

Empresa:
DIODORO CANOREA ARQUERO

(M/6 ANOS)

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

do «Os Grandes Romances de Amor», orientado por Portal da Costa, existe-se o famoso filme colorido de Stanley Donen, «Serenata à Chuva», com Gene Kelly, Donald O'Connor, Debbie Reynolds, Jean Hagen e Cyd Charisse nos principais papéis.

Autêntico festival de música, canções e baladas, com três grandes nomes do cinema mundial reunidos numa romântica e maravilhosa comédia que ninguém esqueceu, «Serenata à Chuva» vai encher a fresca e acolhedora sala do Politeama com o melhor e mais distinto público feminino da capital!

Notável sátira à vida fascinante das «estrelas» dos anos vinte e à transição dos filmes «mudos» aos «sonoros», este espectáculo de sensação conta com música indissimulada de Arthur Freed.

Peças pessoais presentes a esta sessão, que dificilmente se pode repetir, serão como à habito, distribuídos inúmeros e valiosos prémios, dos quais destacamos produtos de beleza, garrafas-termos, livros, ramos de flores, refeições completas, meias lenços, etc., etc.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Na fronteira do medo» no Império

Não é mais um interessante filme de espionagem o que se estreou ontem no Império. Deve considerar-se, sim, excelente esta co-produção franco-alemã, baseada na novela «O Espião», de Paul Thomaz, não só pela curiosidade do tema mas também pelo nível da encenação e da interpretação. Se atendermos à qualidade da fotografia, do som e da música, facilmente se concluirá estarmos em presença de uma película fora de série, que ficará como uma das melhores realizações de Raoul Levy, a quem coube a direcção e a produção de «A fronteira do mundo».

Estamos em presença de um filme que, possuindo todos os predicados do agrado do público, não se afasta da sobriedade que caracterizam as obras sérias.

O tema revela o drama de dois cientistas separados por ideologias de que *muro* constitui a fronteira, mas cujo carácter, mantendo-os arreigados à curiosidade científica, não lhes permite traír, antes os mantém fiéis à solidariedade que a pesquisa científica neles alicerçou.

As personagens de «A fronteira do medo», muito bem definidas, são incarnadas por artistas de excepcional mérito, de cujas qualidades Raoul Levy tirou todo o partido: Montgomery Clift — num papel que contribuirá para perpetuar a sua memória; Macha Meril, jovem actriz francesa, que mostra inextinguível segurança perante as câmaras; Hardy Kruger, um actor alemão com excelente presença; Roddy McDowall, Hannes Messemer, Karl Lieffen, David Opatoshu, Christine Delaroche e outros.

«A fronteira do medo» é um filme que recomendamos a quem gosta de bom cinema. — *Visor 53.*

«Os fugitivos de Sing-Sing» no Avis

Filme realizado por Lucio Fulci, não tem outro objectivo «Os fugitivos de Sing-Sing» do que fazer rir a bandeiras despregadas (passe o lugar comum) todos quantos busquem no cinema uma pausa de puro entretenimento.

O filme vive, essencialmente, de uma diversidade de facetas em que o humor e a fantasia, a farsa e a caricatura, os «gags» e os mais in-críveis desconchavos se alternam de maneira verdadeiramente hilariante.

Figuram, no elenco, os famosos cómicos italianos Franco Franchi e Ciccio Ingrassia — e, efectivamente, são dois actores que sabem do

seu «métier». Diga-se, em boa verdade, que a sua actuação muito valoriza o filme, o qual, no género, se situa em bom lugar.

Complementos Interessantes. — *Visor 77.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «Elas são mais perigosas».

Título original — «Deadlier than the Male».

Produção — Americana.

Realização — Ralph Thomas.

Intérpretes — Richard Johnson, Elke Sommer, Sylva Koscina,

Nigel Green e Suzanna Leigh.

Género — Comédia (espionagem).

Distribuição — Rank Films.

Processo — «Techniscope» e «Technicolor».

Classificação — 17 anos

No Estúdio

Título — «Páginas Íntimas».

Produção — Francesa.

Realização — Agnès Varda.

Intérpretes — Catherine Deneuve e Michel Piccoli.

Género — Dramático.

Distribuição — Exclusivos Triunfo.

Processo — Normal, preto e branco.

Classificação — 17 anos.

No Estúdio 444

Título — «Contos Suecos».

Produção — Sueca.

Realização — Tage Danielson.

Intérpretes — Hans Alfredson, Birgitta Anderson e Monica Zetterlund.

Distribuição — Doperfilme.

Processo — Normal, preto e branco.

Classificação — 17 anos.

TIVOLI

Apresenta **SABADO**, um grande filme!
DRAMA VICOROSO SOBRE UM HOMEM
AO MESMO TEMPO TEMIDO E ODIADO
MAS ADMIRADO ATÉ PELOS PRÓPRIOS INIMIGOS

Paul Newman é «Um Homem!»



CANTINFLAS DE NOVO EM LISBOA NUM AUTÊNTICO FESTIVAL DE BOM HUMOR!



Maiores de 12 anos

UM ÉXITO INESQUECÍVEL QUE VOLTA PARA DIVERTIR
O PÚBLICO E ESGOTAR AS LOTAÇÕES DO
HOJE, às 21.30

POLITEAMA

O GRUPO 4 está todas as noites às 21.45 h. no



COM A COMÉDIA
QUE A RIR NOS
FALA DE GOISAS
SÉRIAS...

Knack

IRENE CRUZ ★ JOÃO LOURENÇO
MORAIS E CASTRO ★ RUI MENDES

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa

SÁBADOS E DOMINGOS,
MATINÉE ÀS 16 HORAS

Na matinée de sábado 50%
de desconto a estudantes



A PEDIDO DO PÚBLICO!

MADALENA IGLESIAS
ANTÓNIO CALVARIO

NICOLAU BREYNER • MANUELA MARIA • TONICHA • MARIO PEREIRA
CREMILDA GIL • colaboração especial de JOSEFINA SILVA e ANTÓNIO SILVA

VOLTAM NOVAMENTE À TELA

AMANHÃ
ÀS 21.30

DO **odeon** EM

EXCLUSIVO TALMA FILMES
M/ 12 ANOS

SARILHO de FRAIDAS



5.ª SEMANA
O ÊXITO CONTINUA...



NOTAVEL DESEMPENHO DE
RUI DE CARVALHO
JOSÉ DE CASTRO
NUMA ENCENAÇÃO E COLA-
BORAÇÃO ESPECIAL DE
PAULO RENATO
A FRENTE DE UMA GRANDE
COMPANHIA
★ Uma realização grandiosa
★ Uma interpretação excelente
★ Um cenário admirável
★ Um belíssimo espectáculo

MONUMENTAL

HOJE, ÀS 21.45 — (Adultos)
Sábado e Domingo, à tarde, às 16 h.

O ESPECTACULO DE SA-
BADO
DIA DE PORTUGAL
• A TARDE ÀS 16 H. •
É DEDICADO À JUVEN-
TUDE
ESTUDANTES PREÇO
ÚNICO 10\$00

no AVENIDA

HOJE EM ESTREIA
M/ 12 anos
2 SESSÕES: 20.45 e 23 h.
7 ÚNICOS DIAS



pela
COMPANHIA ARGENTINA
DE ARTE E FOLCLORE

UM ESPECTACULO INÉDI-
TO ENTRE NÓS
AMANHÃ NAS 2 SESSÕES
Sábado à TARDE e à NOITE
Domingo à TARDE às 16 h.
MAIORES 6 ANOS

TEATRO
GIL VICENTE

CASCAIS

Telef. 280919
HOJE E TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 H.
Domingo, «matinée» às 16 horas

D. QUIXOTE

Pela Comp. do Teatro Experi-
mental de Cascais com o patroci-
nio da J. I. da Costa do Sol, sub-
sidiada pelo F. N. Teatro e pela
F. C. Gulbenkian.
50% de desconto aos estudantes
O espectáculo termina à hora
normal
(Maiores de 17 anos)

COLISEU

HOJE, às 21.30
(Maiores 12 anos)

ESTREIA DO GRANDE FILME

«SOB O CELESTE
IMPÉRIO»

AÇÃO! MISTÉRIO! SUSPENSE!

com ANTHONY QUINN
e RANDOLPH SCOTT

No CARIAXO o «DIÁRIO DE
LISBOA» está à venda na CASA
PEDRO ALVES SUC. RUA DO
BATALHOZ



APRESENTA HOJE, ÀS 21.30
EM SENSACIONAL ESTREIA

UM FILME SURPREENDENTE, EXCITANTE, ORIGINAL CONTADO NUM RITMO ALUCINANTE!!!

RICHARD
JOHNSON

ELKE
SOMMER

SYLVA
KOSCINA

NIGEL
GREEN

AMANDO, BEIJANDO OU...
MATANDO
ELAS SÃO
ALUCINANTES...

ELAS SÃO MAIS PERIGOSAS
"DEADLIER THAN THE MALE"



com
SUZANNA LEIGH e
STEVE CARLSON · **VIRGINIA NORTH**

Argumento de
JIMMY SANGSTER, DAVID OSBORN & LIZ CHARLES-WILLIAMS
Produção de BETTY E. BOX Realização de RALPH THOMAS

Adultos

Estão em fase adiantada os estudos para novos centros — afirmou o ministro da Saúde na posse da Comissão Nacional de Reabilitação

Ao princípio da tarde, no gabinete do titular da pasta da Saúde e Assistência, tomou posse a Comissão Nacional de Reabilitação, criada em Janeiro do corrente ano, e que funcionará como um órgão técnico permanente destinado a funcionar junto do Ministério, com o objectivo de estudar e programar tudo que respeite a este hoje importante sector da medicina, culminando com a estruturação de um sistema nacional de reabilitação física.

A posse foi-lhe conferida pelo sr. dr. Neto de Carvalho, ministro da Saúde e da Assistência, tendo a Comissão Nacional de Reabilitação ficado assim constituída: sr. dr. Carlos George, inspector-superior de Medicina e adjunto do director-geral dos hospitais (presidente), e representantes dos Institutos de Assistência Nacional aos Tuberculosos, de assistência aos Leprosos e de Assistência aos Inválidos, da Ordem dos Médicos, da Sociedade Portuguesa de Medicina Física e Recuperação, bem como dois directores clínicos de Centros de Medicina de Reabilitação, directores de Serviços de Fisioterapia, de Neurologia, de Ortopedia e de Cardiologia dos Hospitais Centrais e um médico especialista em cirurgia plástica e reconstrutiva.

No uso da palavra o sr. dr. Neto de Carvalho em certo passo, realçou:

«A reabilitação médica aparece-nos como uma atitude dinâmica que procura restituir aos indivíduos diminuídos, psíquica ou fisicamente, as capacidades perdidas e, como consequência, alcançar a sua útil reintegração na sociedade. Encontra-se, assim, bem diferenciada da convalescença, visto esta ser essencialmente estática, consistindo num processo em que o doente fica como que entregue a si próprio

De facto, a reabilitação compreende uma actuação mais dinâmica e intensiva, concentrada no indivíduo diminuído e na qual médicos, terapeutas, psicólogos e artífices constituem uma equipa empenhada numa tarefa comum: eliminar a incapacidade ou reduzi-la ao mínimo, sem esquecer os problemas de carácter profissional e social».

E depois de ter passado em revista o que já tem sido feito e o que se impõe fazer («os estudos para novos centros, nas sedes de zona e em hospitais regionais, encontram-se já em fase adiantada de programação e, até, de projectos feitos»), o ministro da Saúde e Assistência afirmou: «Preocupa-me, na verdade, o facto de muitos doentes não poderem receber cuidados adequados, logo no começo da sua doença, pelas consequências que daí resultam, sendo, por isso, minha intenção procurar dotar os serviços da melhor forma, dentro das limitações de todos conhecidas».

E, a concluir, pôs em destaque a importância da nova Comissão

A CIDLA vai homenagear 120 funcionários que lutaram pela Pátria nas províncias Ultramarinas

Promovido pela administração da Cidla, efectua-se no próximo domingo, no Pavilhão dos Desportos Náuticos (Espelho de Água) um jantar de homenagem a 120 funcionários daquela prestigiosa empresa que prestaram, e continuam a prestar, alguns deles pelo menos, serviço militar, em missões de soberania, no Ultramar, lutando nas frentes de Angola, Moçambique e Guiné. Muitos destes empregados da Cidla foram distinguidos em campanha com louvores, tendo um deles inclusive merecido a Cruz de Guerra.

A esta significativa homenagem assistirão categorizados representantes de todos os serviços da Cidla.

322 vítimas — balanço oficial do incêndio em Bruxelas

BRUXELAS. 8 — (F. P.) — E' de 322 vítimas o último balanço oficial do incêndio dos grandes armazéns «Innovation» em 22 de Maio. Foram registados 84 obitos, 14 dos quais nos hospitais, e encontraram-se 70 corpos nos escombros. Apenas 29 destes puderam ser identificados. O incêndio causou ainda 64 feridos, 18 dos quais continuam hospitalizados.

PAULO VI SIMPLIFICA

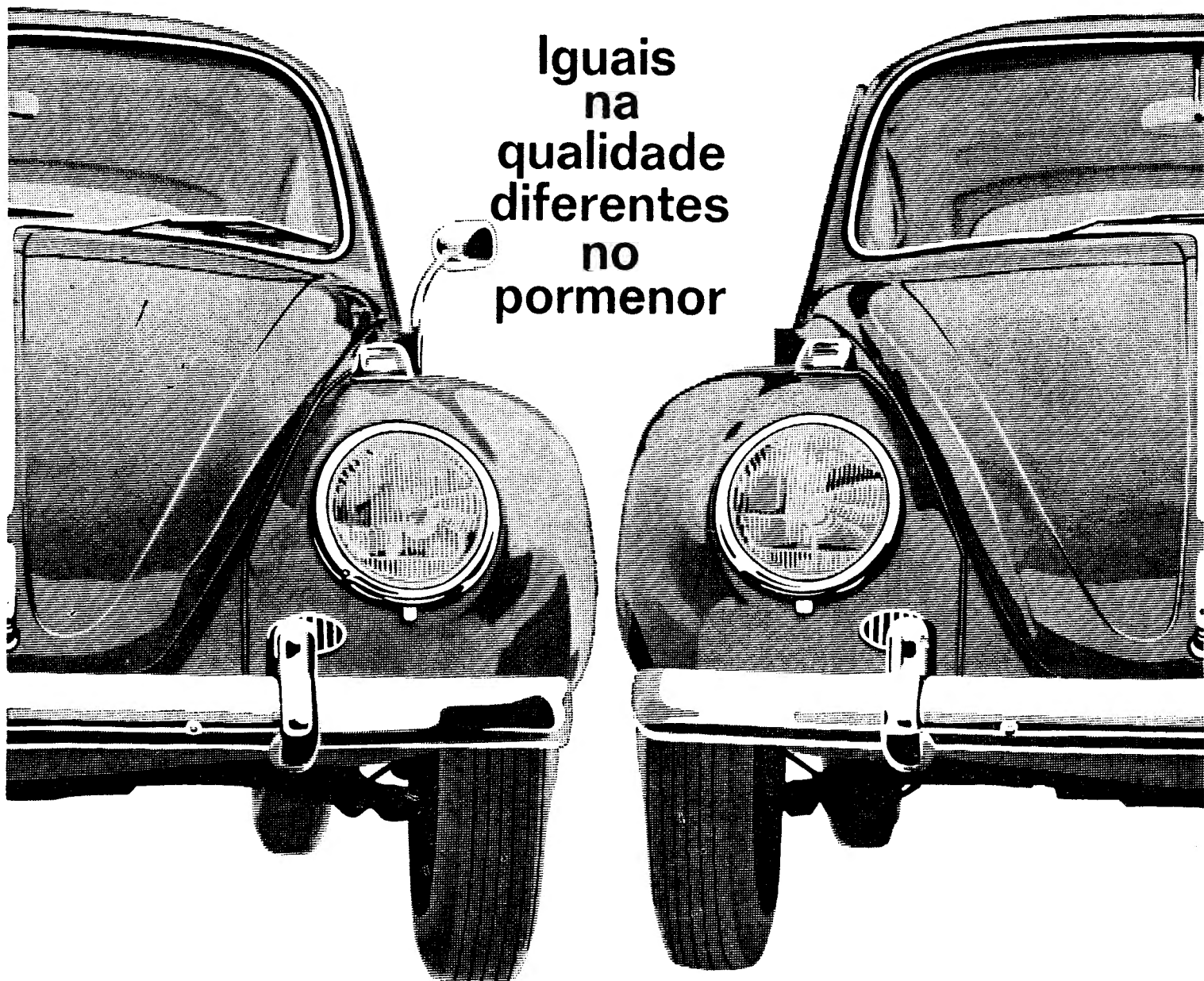
CIDADE DO VATICANO. 8 — (F. P.) — Paulo VI procedeu a uma pequena «revolução» no âmbito do consistório para a nomeação dos novos cardeais e nas vestes cardinalícias.

A cerimónia da imposição do chapeu vermelho simbólico, foi abolida, embora o «galero» continue a ser o emblema da dignidade cardinalícia. Os purpurados deixam de poder arrastar a cauda da «capa» na presença do papa, como decidira Pio XII. A medida havia sido anulada por João XXIII. As funções de «Gentilhomem» e de «Caudatário» dos cardeais, o pri-

o cerimonial no Vaticano

meiro leigo e o segundo eclesiástico, foram suprimidas. Os purpurados passam a fazer-se acompanhar unicamente pelo seu secretário eclesiástico.

Todos os cardeais vestirão sotaina preta ou escarlate. As sotainas brancas ou castanhas dos prelados provenientes das ordens religiosas com hábitos daquelas cores (dominicanos e franciscanos) foram abolidas, como as passamanarias de ouro dos mantos escarlates, com romeira.



Iguais na qualidade diferentes no pormenor

1300 1500

Em ambos encontra 5 amplos e cómodos lugares, 2 compartimentos para bagagem, um primoroso e inexcelável acabamento, um motor arrefecido por ar e cuja robustez é uma garantia e ainda a mais completa rede de assistência e peças legítimas, ao seu dispor, em qualquer ponto do País. Oferecemos-lhe ainda nos modelos,

- | 1300 | 1500 |
|--|---|
| ■ Uma barra estabilizadora no eixo dianteiro | ■ O mais barato 1500 do mercado |
| ■ Suspensão traseira melhorada | ■ Óptima aceleração de 0 a 80 kms em 13 segundos |
| ■ Bitola mais larga no eixo traseiro | ■ Travão de disco às rodas dianteiras |
| ■ 3. ^a velocidade mais ampla | ■ Mais trepador, mais rápido na velocidade e mais rápido nas ultrapassagens |
| ■ Serviço de manutenção apenas de 10 000 em 10 000 kms | |



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
Avenida da Liberdade, 12—Telefones 36 67 51/7 - 37 01 71/5

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA), MIRANDELA, MOURA, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETUBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, FUNCHAL, PONTA DELGADA, A. DO HEROISMO, HORTA E S. TOME



A MULHER NO MUNDO

A POSIÇÃO DA MULHER CANADIANA NO TRABALHO PROFISSIONAL

A maior parte das jovens canadianas esperam trabalhar uma vez terminados os seus estudos. No decurso dos últimos sessenta anos, pôde verificar-se um aumento sensacional de numero de mulheres canadianas que exercem uma profissão remunerada. Em 1911, somente 13 % dos trabalhadores eram do sexo feminino; o numero aumentou actualmente para 28 %. Este aumento explica-se sobretudo pelo facto de agora ser muito maior o numero de lugares acessíveis ás mulheres. Os resultados de produção tornam-se cada vez mais complexos, o que conduz á eliminação de numerosos artesãos e operários e á sua substituição por máquinas confiadas a operadores tanto como a homens. Por outro lado, as novas técnicas industriais permitiram ás mulheres encarre-

gar-se de trabalhos que, outrora, teriam ultrapassado as suas forças físicas. Nos escritórios, a maior importância dos serviços de escrita e a extensão de outras tarefas multiplicam o pessoal feminino. E sublinhe-se: no decurso das duas guerras mundiais as mulheres demonstraram as suas aptidões e dissiparam os preconceitos dos trabalhadores.

As canadianas têm, actualmente, acesso á quase totalidade dos empregos remunerados nas listas do Serviço Nacional de Emprego. Encontram-se mulheres aviadoras, veterinárias, canalheiras, lenhadoras, caçadoras e pesquisadoras. As suas principais ocupações mudaram no decurso dos anos.

Há meio século, a maioria das canadianas que trabalhavam eram costureiras, modistas ou domésti-

cas. Presentemente, as trabalhadoras canadianas encontram-se nas seguintes categorias: 97 % dos dactilógrafos e estenógrafos; 96 % do pessoal de enfermagem; 70,7 % dos professores; 58 % dos empregados de escritório; 96 % dos empregados domésticos.

realizado em Inglaterra

LONDRES, 8 — (R.) — As jovens inglesas começam a reagir contra os extremos e, segundo um inquérito independente organizado em toda a Inglaterra, a mini-saia tem os seus dias contados.

O inquérito, efectuado com jovens entre 16 e 24 anos, revelou que embora as jovens não estejam

ainda dispostas a retomar a linha ultra-feminina representada pela saia comprida, as saias devem, no entanto, ficar mais compridas.

O inquérito revela também que a pintura dos olhos tende para uma maior subtilidade, com cores mais claras e mais naturais, passando os lábios a um maior realce na pintura.

forma cv 73

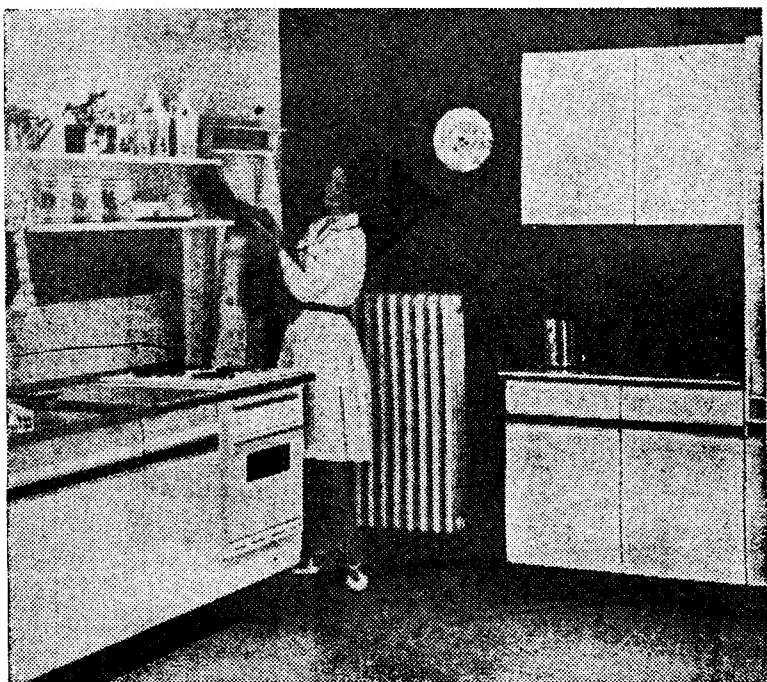
com você com prazer compal

pêra
laranja
pêssego
marmelo
cenoura
alperce
tomate
uva



compal é natural

CRITÉRIO NO ARRANJO DA COZINHA



No serviço da cozinha algumas perdas de tempo são devidas ao facto de não haver o devido acondicionamento dos artigos que se manejam a cada momento. Andam-se quilómetros em passos perdidos porque não está ao alcance aquilo de que necessitamos vezes sem conta durante o dia. Para evitar esses inconvenientes voltam a usar-

se as prateleiras com bolões de vários formatos e cores que, além de práticos, dão, ás cozinhas, um aspecto mais alegre. Aqui os temos nesta gravura onde também se nota bom critério na disposição em que se encontram os panos da cozinha e toalha de mãos, próximo do aquecedor para que estejam sempre a secar.

alcatifas LUSOTUFO

100% ACRILAN

A
ACRILAN
acrylic fibre
CHEMSTRAND

TRATAMENTO

Sanitized®

- Anti-bactérias
- Anti-fungos
- Anti-traças

visite o stand da
LUSOTUFO
na Feira Internacional de Lisboa

Agitação em Singapura

SINGAPURA, 8. — (R.) — Vários policiais sofreram escoriações e um superintendente levou uma dentada num braço, a noite passada, quando guardas prenderam 50 pessoas, principalmente mulheres e raparigas, a seguir a uma marcha antigovernamental nesta cidade.

Um comício de protesto foi convocado por organizações pró-comunistas para uma manifestação contra uma decisão do Governo de cancelar o registo de três sindicatos da esquerda.

Os congoleses assassinaram uma enfermeira inglesa

KINXASA, 8. — A. N. I. — Foi assassinada por rebeldes congoleses, perto de Kisangani (antiga Stanleyville) uma enfermeira inglesa, que se encontrava no país há duas décadas e contava 51 anos. Fora capturada pelos rebeldes em 1964, juntamente com outras dez pessoas da missão evangélica, onde exercia a sua actividade.

O vestido de noiva da princesa da Dinamarca

COPENHAGUE, 8. — (R.) — A princesa Margarida, herdeira do trono dinamarquês, levará no dia do seu casamento, no próximo sábado, um vestido de noiva desenhado por um dinamarquês — Joergen Bender, que trabalhou também no vestido usado pela irmã, a princesa Ana Maria, quando do seu casamento com Constantino da Grécia, em 1964.

A princesa casa no sábado com o conde Henri de Monpezat.

Violento recontro com fuzileiros americanos no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 8. — (R.) — Um informador dos Estados Unidos revelou hoje que foram mortos 18 fuzileiros navais americanos e que 27 ficaram feridos em consequência de novos combates com forças norte-vietnamitas perto de Khe Sanh, na remota extremidade noroeste do Vietnam do Sul.

A luta travou-se ontem quando uma companhia de fuzileiros parou com duas companhias norte-vietnamitas a oito quilómetros de Khe Sanh, cenário de ferozes combates há cinco semanas.

Os «marinheiros» foram apoiados por fogo de artilharia e de helicópteros armados. 63 norte-vietnamitas foram mortos antes dos comunistas quebrarem o contacto, após quatro horas de luta.

Na guerra aérea, aviões da Marinha americana atacaram o aeródromo de Kep, a 59 quilómetros de Hanói, destruindo um «Mig» de fabrico soviético e danificando quatro no solo.

Noutra missão, pilotos atacaram uma área de armazenamento de mísseis «Sam» terra-ar, a 80 quilómetros a sudoeste de Hanói. As suas bombas provocaram algumas explosões secundárias e, aparentemente, puseram em funcionamento um míssil, que foi visto a serpentear como uma cobra ao longo do solo.

MAIS ACÇÕES AÉREAS

SAIGÃO, 8. — (F. P.) — Aparelhos «B-52» americanos bombardearam a noite passada por três vezes zonas de concentração «vietcong» situadas respectivamente a 70 quilómetros a oeste da Danang, a 27 quilómetros a nordeste de Saigão e a 70 quilómetros a oeste de Quang Ngai.

HONG-KONG, 8. — (R.) — Os jornais de Hanói publicam uma fotografia daquilo que dizem ser um

avião dos Estados Unidos abatido sobre o Vietnam do Norte. Indicaram o piloto como sendo o tenente-comandante Collins Henry Haines, de Nova Jersey.

A ESPERA DO QUE SE CANSE PRIMEIRO...

WASHINGTON, 8. — (F. P.) — As tropas norte-vietnamitas e «vietcong» que se batem nas proximidades da zona desmilitarizada do Vietnam do Sul sabem que não têm qualquer oportunidade de conseguir a vitória militar e batem-se unicamente na esperança de que os Estados Unidos e os seus aliados se cansem da guerra — declarou o general Lewis Walt, que foi até ao mês passado comandante em chefe do corpo de infantaria da Marinha no Vietnam.

O Brasil entrega à Alemanha Ocidental o «carrasco de Treblinka»

BRASÍLIA, 8. — (F. P.) — O criminoso de guerra nazi Paul Stangl será extraditado para a Alemanha Federal. O Supremo Tribunal Brasileiro assim o resolveu por unanimidade de treze votos, embora com uma restrição: o país beneficiário do julgamento de extradição não poderá condenar o antigo «carrasco de Treblinka» a prisão perpétua.

Stangl foi preso em Março em São Paulo, onde ocupava um lugar bem remunerado na firma «Volkswagen». Pensa-se que foram os Serviços de Justiça israelitas, dirigidos por Simon Wiesenthal, que descobriram o antigo dirigente nazi.

O Governo americano sofreu um revés parlamentar por causa das despesas

WASHINGTON, 8. — (F. P.) — O Governo americano sofreu um dos seus reveses parlamentares mais dolorosos: por 210 votos contra 197, a Câmara dos Representantes rejeitou um pedido da Tesouraria tendente a aumentar de 29 bilhões de dólares o limite da dívida pública, elevando-a assim a 365 000 000 000.

O malogro governamental deve-se a uma coligação de republicanos e democráticos. Aos 176 republicanos que votaram contra o projecto, juntaram-se 34 democráticos, na maioria conservadores, mas incluindo, também, alguns liberais contrários ao aumento das despesas públicas e do «déficit» orçamental.

Estado de sítio na Bolívia

LA PAZ, 8. — (R.) — O estado de sítio foi declarado na Bolívia, a seguir a desordens na capital e a inquietação nos distritos das minas de estanho ao sul de La Paz. Os mineiros estão a manifestar apoio aos guerrilheiros, alegadamente apoiados por Cuba, que operam no sueste.

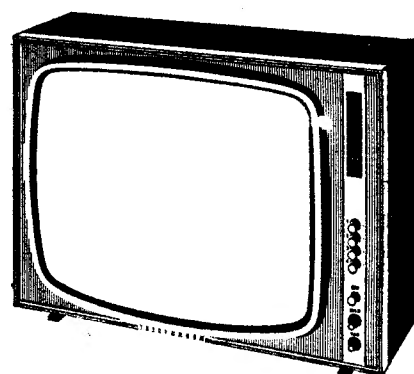
SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

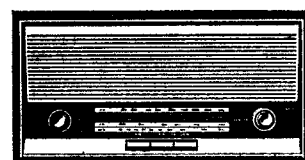
Belarte



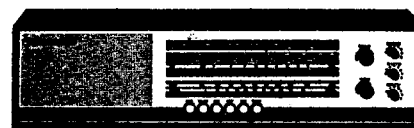
TELEFUNKEN



MENOS PROFUNDIDADE
MELHOR IMAGEM



LIGUE E PRONTO...
...OÍÇA!
QUALIDADE INSUPERÁVEL



MAIS DO QUE UM RÁDIO...
...UMA MARAVILHA!

Representante em Portugal:

AEG

Lusitana de Electricidade
Lisboa Porto



DEPÓSITOS:

À ORDEM
A PRAZO

EM CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA MENORES

FUNDOS PERMANENTES E DE RESERVA: 564 000 CONTOS

LISBOA — RUA AUREA, 219 A 241

PORTO — AV. DOS ALIADOS, 90

AVEIRO, BRAGANÇA, CASTELO BRANCO, COIMBRA, ÉVORA, FARO • VISEU

AINDA NÃO APARECERAM OS CORPOS **DAS VÍTIMAS DO DESASTRE NO MONDEGO** **EM QUE MORRERAM SEIS E NÃO SETE PESSOAS**

MONTEMOR-O-VELHO, 8 — Não será tão depressa que esta vila esquecerá a tragédia do barco que se voltou no Mondego, a qual ocasionou a morte de seis pessoas — a do barqueiro e a de cinco moças que se empregavam na cultura do arroz. Até agora, sómente apareceram dois cadáveres: o do barqueiro, António Canoso, e o da jovem Graciete Branco, de 13 anos.

Constou, a princípio, que os mortos seriam sete e não seis. Efectivamente, dava-se também, como desaparecida nas águas Maria Zulmira, de 14 anos. Esta moça, no entanto,

foi encontrada com vida posteriormente.

Os funerais do barqueiro e de Graciete Branco devem efectuar-se amanhã.

14 MIL CONTOS **para concluir** **a rede de esgotos** **em Macau**

O Governo da província de Macau foi autorizado a contratar a execução da empreitada de esgotos da cidade de Macau (3.ª fase), por uma quantia não superior a 14 083 463\$00.

Reunião de jornalistas **e escritores de turismo** **em Bucarest**

Vai reunir-se em Bucarest a Comissão da Federação Internacional dos Jornalistas e Escritores de Turismo, na qual participará, como publicista da especialidade que faz parte daquela organização, o sr. Francisco Cota.

O convite para aquele nosso compatriota tomar parte na reunião foi dirigido pela União de Jornalistas da Roménia que representa em Lisboa a referida federação.

STOP!

FAÇA UMA

PARAGEM

REFRESCANTE

com LIMÃO-LIMA

REFRIGERANTES

COROA IMPERIAL · CANEÇAS

INSTITUTO INDUSTRIAL — INSTITUTO COMERCIAL

EXAMES DE ADMISSÃO

COMPENDIO DE GEOGRAFIA

Dr. Armando Neves

A nova edição deste trabalho escolar, agora posta à venda, inclui o programa completo e oficial da disciplina de Geografia para os exames de admissão aos Institutos Comercial e Industrial.

Para este livro, o único que versa completamente os programas, chamamos a atenção dos Ex.ªs Srs. Professores e alunos.

O mais completo... o mais actualizado... e o mais económico

Uma edição da Livraria AVIS Papelaria.

Rua de Avis, 10 — Rua da Fábrica, 68 — PORTO

investimento com

exatidão de bom senso

alcatifas

LIDER

66

novas

diferentes

melhores

unico em Portugal

Exposto na FIL até 23 do corrente

Stand 37 — Nave Central

Baixas americanas **na guerra** **do Vietnam**

SAIGÃO, 8 — (R.) — Um informador militar norte-americano revelou hoje que os Estados Unidos perderam, na semana passada, 214 homens no Vietnam, principalmente durante um violento ataque ocorrido na província de Quang Tin.

O numero de baixas foi inferior em 99 aos 313 da semana anterior. O numero total de feridos foi de 1165 americanos, bastante abaixo do total da semana passada.

Ao todo, morreram 2420 vietcong e norte-vietnamianos, ou seja, menos 354 do que na semana passada. Círculos fidedignos anunciaram que entre os aliados, as baixas foram de 235 sulvietnamianos e 15 soldados aliados.

AUMENTARAM OS EFFECTIVOS **DOS ESTADOS UNIDOS**

SAIGÃO, 8 — (F.P.) — Os efectivos das forças americanas no Vietnam aumentaram de 7000 homens, a semana passada — segundo indicação oficial americana.

Dos 462 000 homens das Forças Armadas dos Estados Unidos, 302 000 são do Exército, 76 000 «marines», 56 000 da aeronáutica e 27 000 da Marinha. Os restantes 1200 formam as tripulações das vedetas que policiam a costa.

Queluz pede **um liceu nacional**

O ministro da Educação Nacional recebeu, hoje, uma representação de individualidades de Queluz e de localidades vizinhas, a qual lhe fez entrega de uma exposição a solicitar a criação de um liceu nacional naquela vila, a instalar no local onde funciona a secção liceal já existente.

Condecoração **de um especialista francês**

O ministro da Saúde e Assistência imporá amanhã, pelas 12 horas, no seu gabinete, as insígnias do grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique ao sr. dr. André Pierre Emile Maumy; inspector-geral adjunto de Saúde do Ministério dos Assuntos Sociais de França, que tem tido inúmeros contactos com a organização hospitalar portuguesa, pela qual sempre mostrou relevante interesse e grande simpatia.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELÉCTRICOS

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco por influência de uma massa de ar transportada na circulação do anticiclone dos Açores centrado a nordeste da Península Ibérica.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: 26,2 (Régua); mínima: 8,1 (Montalegre).

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 16°; Faro, 20°; Funchal, 18°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 14°; Portalegre, 19°; Porto, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19,5°; na água do mar, 16°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima: 25,4; mínima, 15,2. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 23,1; mínima, 16,2.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA

1025

1015

(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)

B) — Depressão (baixas pressões)

— Isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 9 — Continuará a fazer-se sentir a influência do anticiclone dos Açores centrado a noroeste da Península Ibérica.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, por vezes pouco nublado; vento fraco ou moderado de noroeste.

MARES

PREIA-MAR: Dia 8 — As 4 e 09 (3,6 m); 16 e 25 (3,8 m). Dia 9 — As 4 e 42 (3,6 m); 17 e 01 (3,8 m). Dia 10 — As 5 e 20 (3,6 m); 17 e 39 (3,8 m).

BAIXA-MAR — Dia 8 — As 9 e 41 (1,1 m); 22 e 09 (1 m). Dia 9 — As 10 e 20 (1 m); 22 e 48 (1 m). Dia 10 — As 11 horas (1,1 m); 23 e 28 (1 m).

FASES DA LUA

SOL

AMANHÃ

Vascer às 6 e 12

Ocaso às 21 h.

Hoje

Dia 15

Dia 22

Dia 29

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

QUINTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 1967

Diário de Lisboa

PAGINA 11

TEM SANGUE PORTUGUÊS A HERDEIRA DO TRONO DA DINAMARCA QUE SE CASA NO SÁBADO COM UM DISCRETO CONDE FRANCÊS

por CÉSAR FAUSTINO

COPENHAGUE, 8 — Com o seu metro e oitenta e três de altura, 27 anos de idade e uma cultura de longas excursões em torno do Mundo, casa-se no próximo sábado a princesa Margarida, herdeira da coroa da Dinamarca.

Não deixa de ser particularmente curiosa para nós a coincidência de no «Dia de Portugal» esposar-se uma herdeira de trono em cujas veias corre sangue português. Na verdade, sendo a família real dinamarquesa a mais antiga casa real da Europa e o actual rei, Frederico IX, descendente em linha recta do primeiro rei da Dinamarca, a princesa Margarida descende da princesa Berengária, filha de Sancho I de Portugal.

Berengária foi mulher do rei Valdemar da Dinamarca (filho de Val-

ga. Embaixadas culturais, artísticas e desportivas francesas foram convidadas a ilustrar as festividades casamenteiras. A Televisão dinamarquesa conseguiu meter o acontecimento na Eurovisão. E, acima de tudo, rejubila-se com a presença de jornalistas do Mundo inteiro, aos quais são oferecidas facilidades sem precedentes.

No capítulo da autopropaganda os escandinavos dão cartas.

Uma mancha na festa: a ausência de Constantino

— Não misturamos assuntos de família com política — afirmou Margrethe (Margarida em dinamarquês) ao responder há dias a tendenciosas perguntas dos jornalistas.

Mas reconhece-se nas esferas da casa real que a ausência do rei Constantino, casado com a irmã mais nova de Margarida, é uma mancha inapagável na festa. Uma falta que, todavia, alegria o intrometido Governo socialista do sr. Krag e a claqué dos «provos» que, nas ruas de Copenhague, protestam contra os acontecimentos políticos na Grécia.

Serão esses mesmos bandos de jovens que tentarão, por certo, criar problemas à polícia e evidenciar-se nos jornais no dia do desfile dos reais nubentes — isto apesar do conde francês ser o menos impopular dos genros do rei Frederico, se contarmos com o próxi-

A formosa princesa Margarida, herdeira do trono da Dinamarca, em cujas veias corre sangue português

mo, o príncipe alemão Richard zu Sayn-Wittgenstein, de 32 anos, cujo matrimónio com a terceira princesa da Dinamarca, Benedita, de 22 anos, foi há pouco anunciado.

«Príncipe Henrique da Dinamarca»

Henri de Monpezat, discreto terceiro-secretário da Embaixada fran-

cesa em Londres, teve com Margarida, desde uma noite dançante de 1965 na capital britânica, um namoro romântico e bulgoso à laia dos folhetins que tanto encantam as donas de casa e endinheiram os fabricantes de histórias para revistas baratas. E tem, para mais, praticamente a altura da princesa, requisito por muitos considerado fundamental para o noivado.

Uma lei especial foi arranjada para o consorte obter a nacionalidade dinamarquesa em Abril de 1968. Normalmente, um estrangeiro, para se tornar dinamarquês, deve residir dez anos no país e falar a língua nacional. Os noivos reais entendem-se entre si em inglês e francês, mas o conde Henri está, naturalmente, a aprender o dinamarquês para se tornar digno do pomposo título que o rei Frederico resolveu conceder-lhe: «Sua alteza real o príncipe Henrique da Dinamarca».

O mais difícil respeita à conversão do novo príncipe ao protestantismo.

— Não se troca de religião como se muda de apartamento — afirmou ele aos jornalistas, acrescentando: — Eu espero, pouco a pouco, poder compreender a igreja luterana para a ela aderir. Desejo também, neste aspecto importante, manter a harmonia do lar.

«Em casa serei o n.º 2»

Margarida é o protótipo da rapariga dinamarquesa: alegre, robusta e prática. Ama flores, viagens e cerveja. Nasceu quando os alemães ocupavam a Dinamarca. O rei Frederico e a rainha Ingrid, filha do rei Gustavo Adolfo, da Suécia, educaram a sua primeira filha, como as restantes, de maneira simples e familiar. Margarida obteve depois uma formação ecléctica. Estudou em cinco universidades e tirou um curso de Direito Político. Além disso, recebeu uma educação extra na arte de se mostrar cativante em público.

Possui dois interesses especiais: arqueologia, que tem cultivado com seu avô materno, o soberano sueco; e agricultura, sendo proprietária de uma vasta fazenda, que lhe foi oferecida como presente pelos agricultores dinamarqueses, quando atingiu a maioridade. E aí, em Nordgaarden, que pensa estabelecer o seu novo lar.

— Quem mandará em casa: a herdeira do trono ou o regente? — perguntou um repórter indiscreto. Margarida não hesitou:

— Na vida pública e oficial tenho de ser o número um. Mas em casa serei o número dois!

Televisão (sistema PAL)

apresentada numa c
na Univer

Com a presença dos srs. subsecretário de Estado da Aeronáutica, embaixador da Alemanha Federal e da Holanda, director do Instituto de Altos Estudos Militares, e a convite dos srs. reitor da Universidade de Lisboa e presidente da Sociedade Portuguesa de Química e Física, o inventor do sistema de televisão a cores PAL da Telefunken, dr. Walter Bruch, fez uma conferência sobre técnica da TV a cores, ilustrada com demonstrações do sistema de sua invenção.

Estiveram também presentes individualidades portuguesas ligadas à Rádio e Televisão, engenheiros, técnicos e muitas senhoras.

Vivamente interessada, a assistência, seguiu a exposição e as demonstrações efectuadas, não escondendo o seu entusiasmo pelos resultados práticos obtidos com este sistema. É já uma realidade a TV a cores.

De facto, na sequência lógica dos aperfeiçoamentos e novas conquistas da técnica, a televisão a preto e branco sucede-se a televisão a cores. Já aquela havia sucedido à rádio, não lhe tirando todavia o lugar.

O sonho da televisão a cores é tão velho como o da televisão a preto e branco, não tendo esta sido mais do que um degrau para o estágio de maior perfeição que as modernas técnicas nos podem oferecer presentemente. Assim aconteceu com o cinema que ganhou mais realidade e interesse com a sonorização e com o filme colorido.

Não ficou no entanto votado ao esquecimento o molde clássico do preto e branco, tanto no cinema como na TV. E assim, apesar de há já alguns anos o problema da TV a cores estar solucionado, faltava ainda resolver um ponto cuja importância não podia ser ignorada: a dupla compatibilidade dos sistemas de cores, e a preto e branco.

Na verdade, uma vez que não é razoável abandonar pura e simplesmente o sistema a preto e branco presente, que envolve muitos milhões de aparelhos, era de interesse arranjar um processo que mantivesse válidos os aparelhos existentes, permitindo que captassem monocromaticamente as emissões a cores. Por outro lado interessa que as emissões monocromáticas possam ser recebidas por receptores de cores, embora, como é evidente, a preto e branco. Desta forma poder-se-á manter um certo paralelismo no desenvolvimento dos dois tipos de televisão, trazendo os seus programas a um número máximo de telespectadores: aqueles cujas disponibilidades permitem a aquisição de modernos aparelhos para cores, (forçosamente mais caros) e aqueles que se vêem por razões económicas, limitados aos moldes actuais.

Muitos milhões foram investidos em todo o mundo com vista ao aperfeiçoamento dos diversos sistemas propostos. A América foi, naturalmente, dos países que mais investiram, tendo criado e aperfeiçoado o sistema NTSC, baseado na transmissão da informação de luz e cor à custa de componentes de amplitude e fase. Os resultados foram excelentes, persistindo contudo uma dificuldade ligada às variações de cor na imagem resultantes de desvios de fase ao longo da transmissão e dos circuitos dos próprios receptores.

Tal deficiência foi resolvida por um processo de inversão de fase idealizado pelo engenheiro alemão dr. Walter Bruch, originando o sis-



O dr. Walter Bruch após a conferência de 1 da Univer. de



A princesa Margarida com o seu noivo, o conde francês Henri de Laborde de Monpezat, que receberá o título de «príncipe Henrique da Dinamarca»

demar «O Vencedor»), com quem casou em 1216, vindo a falecer oito anos mais tarde. Teve três filhos (Erico, Abel e Cristóvão) e todos eles foram reis. O corpo da rainha Berengária está sepultado na igreja de Ringsted, a 56 quilómetros de Copenhague.

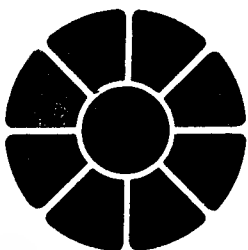
O acontecimento explorado para astuciosa propaganda

O casamento da princesa Margarida conta como número máximo das celebrações dos 800 anos da fundação de Copenhague. E, mais importante ainda que o seu próprio significado, é para a Dinamarca a astuciosa especulação de propaganda forjada em seu redor.

A propaganda oficial dinamarquesa espreme-se em esforços para atrair a atenção do Mundo para o acontecimento. Ansiosa por convencer de Gaulle a deixá-la entrar no Mercado Comum, para a Dinamarca este matrimónio da herdeira da coroa com o conde francês Henri de Laborde de Monpezat, de 33 anos e confusa aristocracia, cai às mil maravilhas.

Exalta-se em todos os tons a amizade e as ligações com a Fran-

o novo
alimento
vitaminado
Sulço



Duas vezes mais nutritivo que a carne.

Alimenta e sabe bem.

Rico em vitaminas do complexo B

proteínas e sais minerais.

Próprio também para crianças.

Contém factores de crescimento.

À venda nos bons estabelecimentos de alimentação

Peça as receitas TARTEX ao seu distribuidor ou à

diese

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.

Av. da República, 46 — Telef. 75 03 92/3 — Lisboa 1

O DIA DE AMANHÃ NEN-
GUÉM O VIU
UMA JOLA E SEMPRE UM
VALOR.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Agora nos cafés

PORTUGAL E BRASILEIRA

DIA DO

com várias e
BAC

O a cores

conferência versidade de Lisboa

tema PAL (Phase Alternation Line) que representa o NTSC aperfeiçoado.

Chefe do Laboratório de Investigação de Televisão da Telefunken, membro de comissões Nacionais e Internacionais e presidente da Soc. Téc. Alemã de Televisão, o dr. Bruch faz parte do reduzido círculo constituído por engenheiros que desde há 30 anos participam no desenvolvimento da televisão.

Após ter terminado os seus estudos, o dr. Bruch adquiriu a sua primeira experiência em Berlim com o pioneiro de televisão Von Mihaly. Em 1935 entrou para a Telefunken para a divisão «Televisão e Investigação Físico-Química», tendo participado activamente em soluções técnicas, as quais entretanto já fazem parte da história da Telefunken. Após a guerra o dr. Bruch continuou a manter-se fiel à sua paixão pela televisão. O televisor «FE-8», o primeiro aparelho alemão de pós-guerra, apresentado na Feira das Indústrias de Berlim de 1951, e muitos dos tipos que se lhe seguiram, foram desenvolvidos sob a sua responsabilidade. Os seus estudos de sistemas futuros de televisão a cores conduziram em princípio de 1963 a uma demonstração do sistema PAL da Telefunken. Esta demonstração teve lugar em Hannover perante um grupo de especialistas internacionais, tendo ficado evidenciadas as suas vantagens.

Este é o sistema que tende a implantar-se na Europa, pois além da sua simplicidade, aliada a melhor qualidade da cor, tem a vantagem de ser mais económico, visto já ter sido adoptado em vários países,



O dr. Walter Bruch, inventor da televisão a cores PAL, tem apresentado este sistema em muitas cidades da Europa

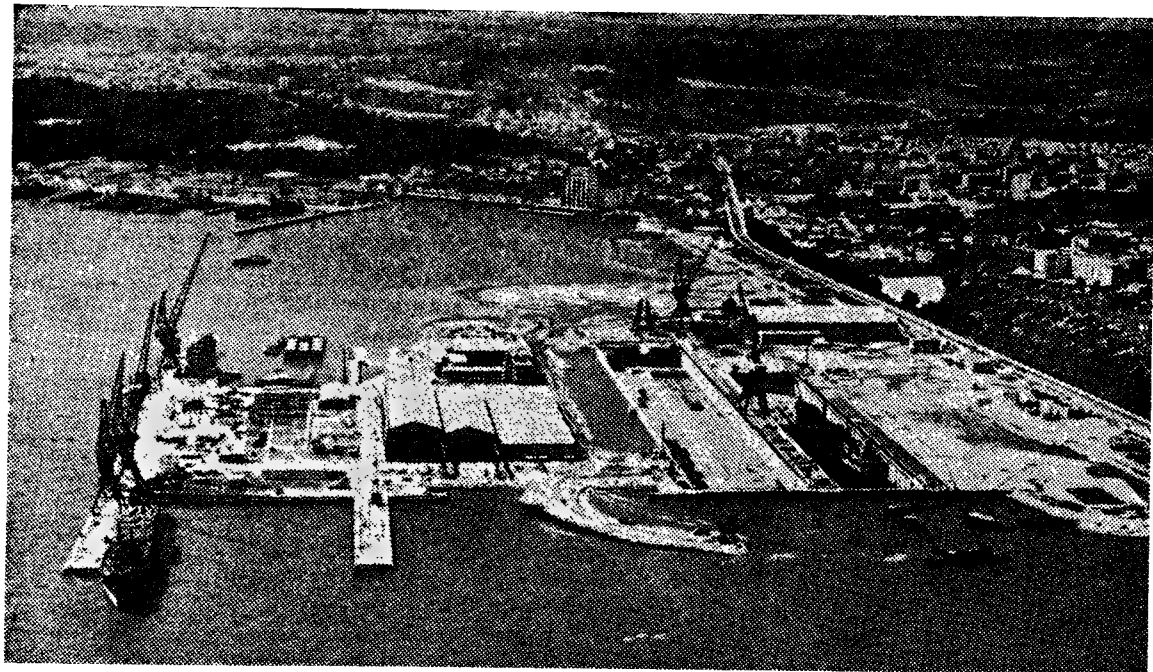
como: Itália, Suíça, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra, Países Escandinavos, etc. O aparelho de TV a cores é cerca de três vezes mais caro do que o clássico. A diferença de preço começa no tubo de imagem, mais complexo, e repercute-se em todo o aparelho, pois a quantidade de informação que na visão monocromática

(Continua na 19.ª página)



a de Imprensa realizada na Reitoria de Lisboa

BACALHAU
as especialidades de
BACALHAU



Fotografia aérea do novo estaleiro da Margueira

7500 pessoas convidadas para a cerimónia de inauguração do novo estaleiro da Margueira

A duas semanas da inauguração solene do grande estaleiro da Lisnave, na Margueira, os representantes dos órgãos de informação estiveram ali para observar a conclusão das obras da primeira fase, as quais decorreram num prazo de tempo impressionante, se considerarmos a natureza e a complexidade dos trabalhos a que se impunha dar realização, entre os quais a conquista ao rio de uma área molhada de cerca de 260 mil metros quadrados, e a da criação da gigantesca ensecadeira em que teria de proceder-se à construção das docas secas, uma das quais é a maior das que existem na Europa.

O programa inicialmente previsto foi rigorosamente cumprido.

Os convidados da Lisnave percorreram oficinas, docas e outras instalações, numa visita durante a qual ouviram interessantes esclarecimentos técnicos sobre o projecto e a maneira como se lhes deu execução.

Quanto à produtividade, pode dizer-se que este é um dos raros estaleiros do mundo projectados, desde o início, com o objectivo principal da reparação dos navios de grande tonelagem. Por isso, foi especialmente cuidado o aspecto da produtividade do trabalho, característico em navios de grande porte, tanto na reparação como na construção. Concepção especial, a que podemos chamar «implantação circular», permitiu reduzir as distâncias entre o navio (acostado ou em docas) e a oficina mecânica que o servirá, de modo a que, considerando um ponto central na oficina, seja possível encontrar o navio num raio de 250 metros. Desta maneira, o estaleiro da Margueira apresenta-se como uma unidade compacta e de trajectos curtos.

Docas gigantescas e cais acostável

A adaptabilidade do estaleiro a situações novas resultantes da rápida evolução da tonelagem dos navios, revelou-se de grande alcan-

ce, ainda mesmo durante a execução desta primeira fase das obras de construção, tornando possível que as duas docas iguais (inicialmente previstas para navios de, apenas, 70 mil toneladas de porte bruto) se convertessem, sem muita dificuldade, perdas de tempo importantes ou agravamentos de preços unitários, em duas docas diferentes — uma com 350 metros de comprimento por 54 de largura, e outra com 266 metros por 42, respectivamente para navios até 300 000 e 100 000 toneladas de porte bruto. Essa circunstância permite assegurar, desde já a docagem dos grandes gigantes do mar — exactamente numa zona em cujas proximidades se desenvolve o tráfego de 75 por cento das frotas petroléira e mineraléira de todo o mundo.

O comprimento disponível para acostagem de navios acompanhou o aumento das docas, passando de 860 metros para 1490, o que, mercê da profundidade existente (9 metros) consentirá atracar, simultaneamente, seis navios de grandes dimensões. No conjunto, a área do estaleiro abrange 300 mil metros quadrados.

A construção desta primeira fase do novo estaleiro da Lisnave importou em 800 milhões de escudos, financiados (aproximadamente em partes iguais) por recursos próprios e por empréstimos.

O programa da inauguração

A cerimónia da inauguração do novo estaleiro da Margueira realiza-se no dia 23 do corrente, com a presença do Presidente da República, membros do Governo e outras altas autoridades, devendo assistir ao acto, também, além dos convidados alheios à empresa, o pessoal de todas as categorias da Lisnave, acompanhado de suas famílias. Calcula-se, assim, em cerca de 7500 as pessoas que participarão em acontecimento que se considera como dos mais relevan-

(Continua na 19.ª página)

O Banco Borges & Irmão abriu uma agência em Mirandela

No prosseguimento do plano de expansão da sua rede de agências em todo o território continental, o Banco Borges & Irmão conta a partir de hoje com uma nova agência em Mirandela. Ao acto inaugural assistiram os srs. drs. Rui Fortes da Gama, director-geral, e Carlos Gomes, consultor técnico do Banco, além dos srs. António Manuel Guimarães Lencastre da Mota e João António dos Santos Vilares, respectivamente gerente e subgerente da nova agência.

O alargamento da sua rede de agências, que tem vindo a processar-se em ritmo assinalável, traduz o desejo do Banco Borges & Irmão

de prestar cada vez mais vasto e efectivo apoio, no plano regional, às actividades económicas tanto do sector industrial, como do agrícola e comercial.

A agência de Mirandela, situada na Rua da República, 221, vem responder, assim, aos interesses locais, onde toma especial vulto a actividade agrícola.

LOALHARIA MERGULHÃO

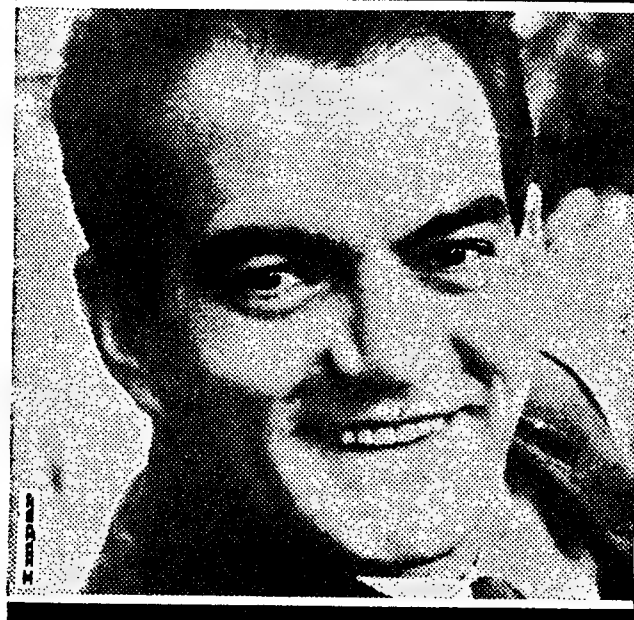
Fornecedor do Corpo Diplomático
Fundado em 895
A MAIOR VARIEDADE
SM PRATAS ARTÍSTICAS
62, Rua de S. Paulo, 162-2
Telefone 30013 — LISBOA

A Polícia Judiciária instrui o processo relativo ao caso do acidente na auto-estrada

Os srs. Vítor Manuel Veiga dos Santos, de 22 anos, radiotécnico, e Carlos Alberto Martinho de Abreu, também de 22 anos, estufador-decorador, ambos residentes na Avenida de Roma, 86 e 76, respectivamente, confessaram-se, ontem — culpados do acidente que causou a morte de três jovens e o internamento hospitalar de mais uma vítima, que sofreu fractura da coluna vertebral. O carro em que estes últimos seguiam despistouse na auto-estrada, sítio da Romeira, e ficou destruído, após embater em eucaliptos que marginam a rodovia, para se desviar do veículo em que os primeiros seguiam e que surgiu inesperadamente no meio da via quando o outro automóvel se aproximava com a velocidade que o local permite.

Após o carro em que os primeiros do acidente seguiam se ter imobilizado, devido a mau funcionamento, os respectivos ocupantes decidiram mudar de direcção, para o que empurraram o veículo, transpondo a divisória arborizada. Foi então que o desastre se registou.

A Polícia Judiciária dispõe agora dos elementos que lhe permitirão instruir o processo-crime relativo ao caso, não tendo os culpados sido presos, porquanto não foram apanhados em flagrante delito.



MICHEL GAILLARD

ORIGINAL FANTASISTA FRANCÊS

**DIETER OSWINO
AND JIDETTE**

DESTREZA E ANTIPODISMO

**MARIA ALICE
FERREIRA**

A CANÇÃO PORTUGUESA

**BALLET DE
BUENOSAIRE**

E AINDA

THILO'S COMBO



PREÇOS
Sábados, consumo mínimo 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40\$00. Todos os dias jantar 80\$00.

DOMINGOS
"Matinée" às 17 horas, Chá completo 25\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos) (MAIORES DE 17 ANOS)

Intimação soviética a Israel! para que cesse as hostilidades sob pena de «disposições graves»

TEL-AVIV, 8 — (F. P.) — O primeiro-ministro Eshkol recebeu uma nota cominatória da União Soviética, intimando-o a cessar imediatamente as hostilidades, sob pena de rompimento das relações diplomáticas «e de outras disposições graves».

Foi por intermédio do embaixador soviético em Tel-Aviv, Dimitri Tchuvakhine, que Kossyguine enviou a referida nota, que teria sido entregue ontem.

CRÍTICA CHINESA

HONG-KONG, 8 — (R.) — A agência oficial Nova China acusou hoje Moscovo de trair os interesses fundamentais dos povos árabes, ao agir em união com os Estados Unidos no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O objectivo da resolução do cessar-fogo era «por termo á grande luta dos povos árabes contra a agressão» — afirmou a agência. «É prova clara de que os revisionistas soviéticos, enquanto falam fluentemente de «apoio» aos países árabes, estão, na realidade, a atrair os interesses fundamentais dos povos árabes e a agir a cada passo como cúmplice número um do imperialismo dos E. U. A.» — acrescenta.

O «Diário do Povo», de Pequim, chamou aos Estados Unidos o «arqui-criminoso» pela «guerra de agressão de Israel contra os países árabes».

«Sem ordens dos Estados Unidos Israel não teria a coragem nem a capacidade de montar um ataque armado a tal escala» — escreve o jornal, segundo a Nova China.

A U. R. S. S. NUMA SITUAÇÃO EMBARAÇOSA — ESCRIVE O «NEW YORK TIMES»

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — «O desastre dos egípcios e dos seus aliados árabes colocou a U. R. S. S. em situação deveras embaraçosa, que os ataques de propaganda contra Israel não conseguem disfarçar, nem mesmo um rompimento das relações diplomáticas» — escreve o «New York Times». E o jornal continua: «Moscovo deixou-se arrastar no Médio Oriente para uma aventura arriscada que, depois, não conseguiu dominar. Agora, o Kremlin tenta reduzir as suas perdas, sem abalar exageradamente a posição de «amigo dos árabes»... Resta saber se a ponderação tomará a vez do oportunismo. Em Moscovo os cálculos errados das últimas semanas devem fazer reflectir os dirigentes do Kremlin...».

Os dirigentes do Kremlin... E conclui: «A porta da paz no Médio Oriente poderá abrir-se, caso Moscovo e Washington cheguem a acordo, começando por se enten-

A NOTA SOVIÉTICA

A diplomacia soviética está em natural embaraço para resolver uma situação delicada, mal encaaminhada desde o início. O Governo de Moscovo dificilmente pode justificar a sua atitude ao votar no Conselho de Segurança uma moção pedindo a cessação das hostilidades a todos os beligerantes enviando, por outro lado, um novo ultimato apenas a um deles, ameaçando-o com medidas, que não especifica, em caso de não cumprimento. A delicadeza da posição soviética agrava-se ainda mais pelo facto de o Conselho de Segurança em nenhuma das moções votadas por unanimidade haver designado o agressor. Finalmente se alguns países árabes se recusam a cumprir a recomendação do Conselho, a que título um dos seus membros unilateralmente exige o cumprimento dessa recomendação?

A União Soviética não enviou parte da sua esquadra para o Mediterrâneo nem se dirigiu a Israel em termos cominatórios sem visar um objectivo do maior alcance para a sua política no Médio Oriente e no Mundo. Mas continua a não se compreender como os seus meios de informação, que em geral funcionam eficazmente, se enganaram sobre um ponto fundamental, o do verdadeiro valor militar dos exércitos árabes, especialmente do exército egípcio. Esses erros de cálculo falsificam os exercícios ariscados da diplomacia à beira do abismo, os quais assentam no terreno duvidoso dos riscos calculados. Em 1962 Kruchchev calculou mal a reacção americana ao enviar mísseis para Cuba; como anos depois Kossyguine praticou um erro idêntico ao enviar navios de guerra para uma zona onde a superioridade aero-naval americana é manifesta, por calcular mal a capacidade e a duração da resistência militar dos árabes á ofensiva israelita.

A missão da diplomacia soviética consiste, neste momento, em minimizar os efeitos imediatos da vitória de Israel, pois não há outra maneira de conter o colapso dos regimes dos países árabes responsáveis pela derrota, abrindo-se no Médio Oriente uma fase de incerteza e perturbação de incalculáveis consequências. Nesse sentido civilizará os seus esforços. Mas estes encontram-se circunscritos por dois factores. Israel alcançou em três dias todos os objectivos militares que visava e excedeu-os mesmo.

As suas tropas estão solidamente estabelecidas nas proximidades do Suez, dominam o estreito de Ti-

der a fim de travar a corrida aos armamentos na região, corrida que teve o seu ponto de partida nos programas do auxílio militar soviético».

ran, ocupam a Jordânia e quebraram a espinha dorsal da máquina militar egípcia ao destruir a sua aviação. Por outro lado o Governo soviético está comprometido a fazer cumprir as recomendações do Conselho de Segurança, em cujo quadro resolveu agir. Se tentar impor de novo os seus pontos de vista fora desse quadro, tornará inevitável uma atitude idêntica da parte dos Estados Unidos.

O espectro da confrontação dos grandes voltou a pairar nas últimas horas sobre o Médio Oriente, desde que foi conhecida a diligência do embaixador soviético em Tel-Aviv. Mas a razão inicial que a tornaria inevitável, a qual seria a definição do agressor assim qualificando o Conselho de Segurança o Estado de Israel, perdeu a sua validade e o regresso á política de intimidação por parte da União Soviética só agravaria a delicadeza da questão árabe ao falar da passividade anglo-americana para a classificar de regresso á diplomacia de canhoneira.

Dean Rusk dirige uma comissão especialmente criada por Johnson para tentar solucionar a crise

WASHINGTON, 8 — (R.) — Um grupo de altos funcionários americanos trabalhava hoje febrilmente num novo projecto com vista á paz e á estabilidade permanente no Médio Oriente, destinado a abrandar a inimizade árabe para com Washington.

Notícias de que a guerra árabe-israelita se desenrolava ainda horas depois do apelo do Conselho de Segurança para um cessar-fogo, o presidente Johnson criou uma comissão especial, a nível de gabinete, para esboçar soluções para as causas que se encontram por detrás da tensão no Médio Oriente.

Ordenou que fosse dada prioridade a esse projecto, destinado a ajudar a edificar uma nova paz no Médio Oriente e colocou o secretário de Estado, Dean Rusk, na chefia do grupo, que compreende os principais conselheiros militares dos serviços secretos e financeiros do presidente.

O novo plano americano será dirigido principalmente em benefício do Egipto e de outros Estados árabes, assim como de Israel, segundo fontes afectas á administração.

A revelação do projecto registou-se menos de 24 horas depois de o Egipto e outros Estados árabes cortarem relações com Washington, após a acusação de que aviões americanos têm ajudado Israel na luta.

Categorizados funcionários americanos têm desfeito essas alegações como maliciosas e falsas e desafiaram os árabes a prová-las.

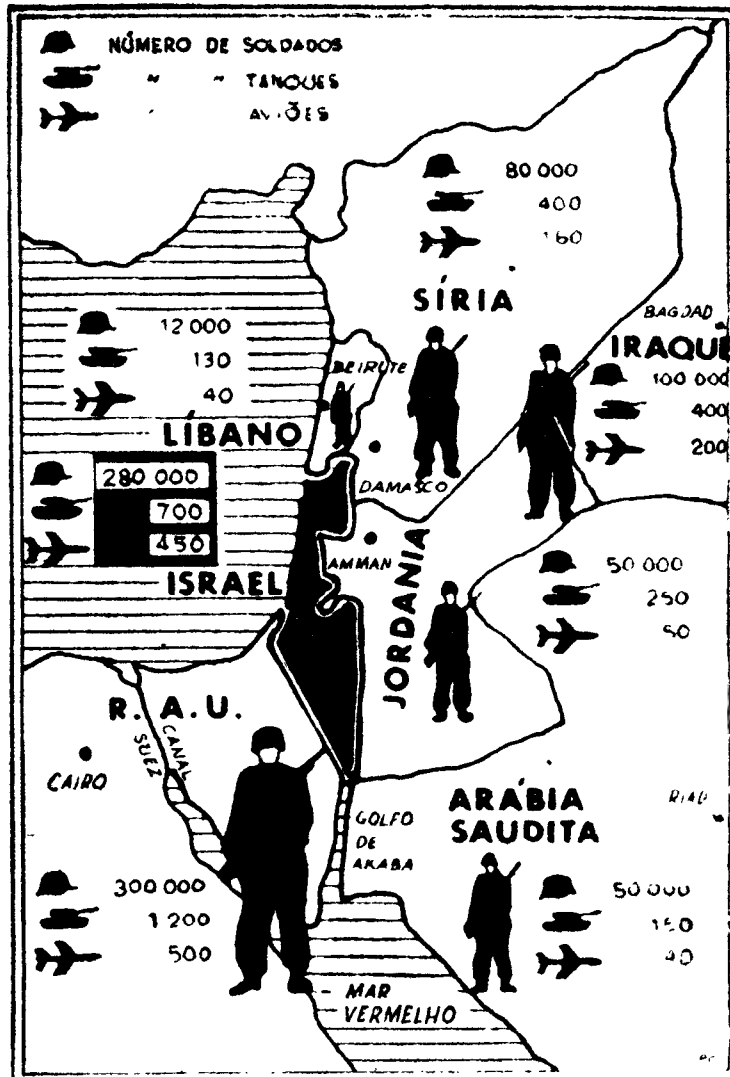
ESPERA-SE QUE O EGITO RENUNCIE Á «GUERRA SANTA»

Julgava-se, contudo, nesta capital, que a Administração não desparará com facilidades na busca de uma solução duradoura das diferenças árabes-israelitas.

A anunciada tomada, por Israel, no balaarte de Sharm-El-Sheikh, na península do Sinai, removeu um dos problemas que os Estados Unidos enfrentavam antes de estalar a guerra: como levantar o bloqueio egípcio á navegação destinada a Israel, no Golfo de Akaba, sem envolver forças americanas.

Espera-se, agora, que o Egipto reexamine a sua política para com Israel e desista da «Guerra Santa» que jurou levar por diante.

Após Rusk informar, a noite passada, numa sessão secreta «leaders» do Senado acerca da situação no Médio Oriente, o senador



As forças dos países árabes que rodeiam Israel

Clifford Case afirmou que a suposição geral da conferência era a de que, até á negociação de um acordo, as forças israelitas permaneceriam nas posições muito adentro de território egípcio, que anunciaram ter ocupado.

O senador, membro da comissão de Relações Externas, disse ainda que depreendeu das informações reveladas que não se registara qualquer interrupção nos embarques de armas americanas para Israel, nem se registara qualquer aumento invulgar de fornecimentos de armas russas aos Estados árabes.

O EMBAIXADOR DA R. A. U. EM WASHINGTON DESPEDIU-SE OFICIALMENTE

WASHINGTON, 8 — (F. P.) —

Mustafa Kamel, embaixador da República Árabe Unida em Washington, que se prepara para voltar ao Cairo após a ruptura das relações diplomáticas do seu país com os Estados Unidos, visitou o senador William Fulbright, presidente da comissão senatorial dos negócios estrangeiros.

A data da partida do embaixador egípcio não foi ainda fixada.

Entretanto, anuncia-se no Cairo que a R. A. U. pediu á Índia para defender os seus interesses nos Estados Unidos, após a ruptura das relações diplomáticas com Washington, anunciou a agência do Médio Oriente, citando um informador da Embaixada indiana na capital egípcia.

Londres acusa Pequim de não ter protegido a embaixada britânica dos manifestantes chineses

LONDRES, 8 — (F. P.) — A Grã-Bretanha protestou enérgicamente, junto da China, a quem acusa de não ter protegido a missão diplomática britânica em Pequim, durante a manifestação contra o Reino Unido.

Cheng Ping, encarregado interino de Negócios da China, rejeitou o protesto britânico, que lhe fora entregue por W. Rogers, subsecretário de Estado.

A MANIFESTAÇÃO ANTIBRITÂNICA EM PEQUIM

PEQUIM, 8 — (R.) — Enormes colunas, de manifestantes acusando a Grã-Bretanha de agressão no Médio Oriente juntaram-se em frente do gabinete do encarregado dos Negócios britânico entoando estribilhos a favor dos árabes e condenando a Inglaterra, os Estados Unidos, Israel e a União Soviética.

Os manifestantes aproveitaram a

oportunidade para renovar a campanha antibritânica emergente dos distúrbios em Hong-Kong.

O pessoal chinês da missão britânica recusou-se hoje a trabalhar, e efectuou dentro do recinto uma outra manifestação.

É a quarta vez, no período de um mês, que os funcionários chineses abandonam o trabalho em sinal de protesto.

Durante as manifestações, que continuaram ontem á noite, foi queimada uma bandeira britânica junto aos apartamentos onde vivem alguns diplomatas estrangeiros.

A Imprensa oficial chinesa salienta hoje, com grande desenvolvimento, a manifestação de ontem, afirmando que foi efectuada por 300 mil pessoas, mas não se refere ao incidente em que os manifestantes entraram na missão britânica.

Goraram-se tentativas com vista à realização de uma conferência árabe

ARGEL, 8 — (R.) — Segundo fontes fidedignas desta capital, goraram-se tentativas com vista á realização, depois de amanhã, nesta capital, de uma conferência árabe ao mais alto nível, acerca da guerra árabe-israelita.

A ideia de tal conferência partiu originalmente de Marrocos, pouco antes da luta começar no Médio Oriente, na segunda-feira. A Tunísia, por sua vez, defendeu a mesma ideia.

Anunciou-se, porém, que a Argélia pensa não ser a altura apropriada para tal conferência. Uma importante fonte argelina declarou, na noite passada, que a tarefa primária dos países árabes na hora actual era a de lutar e não a de conferenciar.

Crê-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abdel Boutefflika, que fez ontem uma visita de surpresa ao Cairo, e que já regressou, discutiu o assunto com dirigentes egípcios.

O presidente Nasser enviou ontem uma mensagem ao primeiro-ministro argelino, Ouari Bumedienne. O seu conteúdo, porém, não foi revelado.

Anunciou-se de fonte fidedigna que o Governo argelino se opõe a um cessar-fogo e durante o dia de ontem registou-se intensa actividade nas docas de Argel, com movimentos militares.

Ao mesmo tempo, uma esquadilha de «Migs-21», cujo numero exacto não foi revelado, partiu para o Médio Oriente. Julga-se tratar-se dos primeiros aviões argelinos enviados para a frente, a despeito de notícias anteriores de que 48 «amígs» tinham partido em direcção a Leste, sobre a Líbia.

HORAS DRAMÁTICAS VIVIDAS PELOS PETROLEIROS DURANTE UM ATAQUE ISRAELITA À ZONA DO CANAL DE SUEZ

TOQUIO, 8 — (R.) — Tiros de metralhadora ripostaram no meio de 29 navios ancorados, entre eles um petroleiro carregado, quando os aviões israelitas atacaram as posições egípcias próximo dos grandes lagos salgados, na segunda-feira passada.

O capitão japonês Kiyoto Mikawa,

do cargueiro «Matsudosan Maru» telegrafou para a sua companhia de Tóquio uma descrição do combate travado afirmando que se uma única bomba tivesse caído, por acaso, no petroleiro, transformaria o lago num inferno de chamas e destruiria os 29 navios.

Segundo declarou, a batalha co-

meçou às 9 e 30 T. M. G., quando seis aparelhos a jacto israelitas sobrevoaram o lago e começaram a bombardear um campo de aviação a cerca de 5 quilômetros.

Segundo o relato do capitão, no campo de aviação, atingido pelas bombas, explodiu um hangar com terrível estrondo. Junto ao «Matsudosan Maru» estava outro petroleiro cheio de gasolina, o que constituía um perigo tremendo.

A DCA egípcia ripostou e quando os aviões israelitas regressavam a Israel metralharam a água junto aos navios, fazendo levantar cachões.

Nessa noite os navios receberam ordem para apagar as luzes e, no dia seguinte, os aviões israelitas voltaram ao mesmo local. O capitão Mikawa diz que um dos aviões, atingido pela DCA, se despenhou em chamas.

O petroleiro português «Hermínia» era um dos navios que se encontravam na zona do canal durante o incidente a que se refere este telegrama. Como já se disse, o navio não foi atingido nem a bordo houve quaisquer estragos ou vítimas.

dois britânicos e dois americanos — tiveram, de poltronas, uma visão panorâmica da batalha, do terraço do hotel em que se encontravam; mas fugiram, à procura de abrigos, quando granadas pesadas assobiaram pelos ares, enquanto os israelitas completaram o seu cerco da cidade.

Durante a manhã, os jordanos dispararam granadas de morteiro contra o sector israelita de Jerusalém, numa tentativa desesperada para impedir o avanço final, mas a sua resistência desmoronava-se de minuto a minuto.

Testemunhas oculares disseram que cadáveres de árabes enchiam as ruas na velha cidade perto do «Muro das Lamentações» — a reliquia de pedra, ainda de pé, do templo que o rei Salomão construiu e onde durante séculos, os judeus leram o «Livro das Lamentações», e do qual têm estado impedidos de se aproximar nos últimos 19 anos.

ALGUNS DANOS AOS «LUGARES SANTOS»

Jornalistas disseram que os lugares santos tinham, na sua maioria, escapado a graves danos.

Mas observações iniciais demonstraram que um tanque tinha demolido o portão da velha mesquita Al Aqsa, reconstruída depois do tremor de terra de 1033 e mais tarde restaurada pelo chefe sarraceno Saladino, durante as Cruzadas.

O arco da Porta Santo Estêvão, local do apedrejamento até à morte do primeiro mártir da cristandade, e que se diz ter sido construído pelos cruzados, foi bombardeado e mal se mantém.

Uma torre do século XVI da porta de Damasco foi atingida por uma granada. Outra granada perfurou a abóboda do rochedo, o santuário muçulmano construído no século VII e está em segundo lugar após Meca entre os lugares santos do Islão.

A igreja de Santa Ana, construída no local em que a tradição diz ter nascido a Virgem Maria, a mais bem preservada igreja da Terra Santa do tempo dos cruzados, ficou seriamente danificada por seis granadas.

Desmente-se que Hussein tenha seguido para Londres

LONDRES, 8 — (F.P. e R.) — Um informador do Foreign Office desmentiu, oficialmente, às primeiras horas de hoje, boatos segundo os quais o rei Hussein da Jordânia vinha a caminho da Grã-Bretanha.

Em Roma e em Londres circularam notícias de que o soberano partiria ontem de Amman, num avião particular. Diziam que o rei seguia para a Grã-Bretanha, com escala por Roma.

Os israelitas ocuparam em noventa minutos a cidade que desejavam há dois mil anos

(Continuação da 1.ª página)

que todas as operações cessaram e que, salvo alguns pequenos incidentes inevitáveis, o cessar-fogo é praticamente observado pelas duas partes.

Por outro lado, desmentiu-se oficialmente e categoricamente as informações de origem árabe dizendo que os sírios teriam penetrado na Galileia e avançariam sobre Nazaré.

As tropas sírias não penetraram no território israelita uma só polegada — acrescentam as informações.

As primeiras horas de hoje, um informador do Exército israelita anunciou que as colunas blindadas do Exército israelita se encontravam a 15 quilômetros de Ismailia.

O mesmo informador disse que a luta prosseguia, tendo as forças israelitas abatido três caças a jacto egípcios, dois «Mig-17» e um «Mig-19».

COMO DECORREU A TOMADA DE JERUSALÉM

JERUSALÉM, 8 — (R.) — As forças israelitas comemoraram hoje o seu primeiro dia de domínio total da cidade murada de Jerusalém, desde há cerca de 2000 anos.

Milhares de judeus dirigiram-se para o antigo santuário do «Muro das Lamentações», depois das forças israelitas terem esmagado as últimas bolsas de resistência no sector jordaniano, com o fulminante ataque de tanques e artilharia, com a duração de 90 minutos, ontem efectuado.

Houve cenas de quase desordem enquanto judeus, exultantes, atravessavam em massa a porta de Mandelbaum, para passarem à velha cidade e rezarem no seu histórico santuário.

Os soldados e a Polícia fizeram regressar muitos, enquanto a multidão parecia fugir ao «contrôle», depois de a velha cidade ter sido ocupada, antes do meio-dia.

O general Dayan, ministro da defesa israelita, de pé, junto à sombra do muro, declarou: «Aos nossos vizinhos árabes oferecemos o mesmo agora — talvez mais firmemente agora — a nossa mão em sinal de paz». Mas acrescentou: «Regressámos para jamais nos separarmos de Jerusalém».

BOMBAS DE NAPALM

Escassas horas antes, «jactos» israelitas tinham feito cair bombas de napalm em edifícios hospitalares, para desalojarem teimosos defensores jordanos.

Segundos mais tarde, os edifícios, do tipo de aquartelamento, estavam mergulhados em fumo branco acinzentado, e os «jactos» fizeram três passagens a metralhar, antes de tanques israelitas «Sherman» e «Patton» avançarem para destruírem quaisquer defensores jordanos que tivessem escapado.

CADÁVERES DE ÁRABES

Armados de binóculos, quatro correspondentes estrangeiros —

DIA A DIA O OBREIRO DA VITÓRIA

A vitória de Israel foi uma realidade desde que a sua aviação dominou o espaço aéreo e os árabes perderam, quase instantaneamente, a sua aviação atacada no solo e em grande parte destruída. O autor dessa proeza, de começo inacreditável, foi um militar de menos de cinquenta anos, o general de aviação Hod. No papel a aviação israelita dispunha de 350 aparelhos de combate de fabricação francesa que, mais uma vez, provaram a sua excelente qualidade além de 60 aparelhos de envergadura excepcional «Mirage», aos quais se juntavam algumas dezenas de helicópteros. A aviação egípcia, única com que contavam os árabes, tinha ao seu serviço um mínimo de 430 aparelhos, todos de fabricação soviética: 70 bombardeiros de raio de acção médio, 150 «Mig 17», 80 «Mig 19» e 130 «Mig 21». Ambas as aviações dispunham, em quantidade, de mísseis. No ar, quando começaram as hostilidades, as forças equilibravam-se. Mas a qualidade do comando e dos executantes era diferente e basta para explicar a fulminante vitória aérea dos israelitas a qual justifica a sua vitória militar.

A execução do plano estratégico israelita, magistralmente concebido e realizado, foi confiada ao general Isaac Rabin, de quarenta e cinco anos, pois nasceu em 1922, cujo nome, de ressonância bíblica, alcançou, de um momento para outro, reputação mundial. A rapidez, a perícia e o espírito de sacrifício foram as principais armas empregadas pelas forças israelitas para conduzirem, com impressionante êxito, o seu país à



GENERAL ISAAC RABIN

vitória. A qualidade do soldado confirmou, e excedeu mesmo, quanto seria legítimo esperar dele. A perícia e competência do comando revelou uma superioridade que será, no futuro, tema para lições nas escolas da especialidade. O modelo tornou-se clássico e muito terão que aprender com ele os profissionais das armas, onde quer que estejam.

Trezentos aviões israelitas abatidos pelos árabes

—anuncia-se no Cairo

CAIRO, 8 — (A. N. I. e R.) — A coluna blindada israelita que ultrapassou as posições de El Arishe foi totalmente destruída — proclama um comunicado militar egípcio emitido no Cairo. Um comunicado militar difundido ontem dissera:

«Algumas unidades blindadas inimigas conseguiram infiltrar-se pelas posições de El Arishe, no Norte do Sinai, e a nossa força aérea atacou-as com forte barragem de foguetes, causando-lhes pesadas baixas.»

Entretanto, a Rádio do Cairo continua a incitar as forças árabes a atacarem «intensamente» Israel.

AVIÕES DOS E. U. A. FIZERAM RECONHECIMENTOS SOBRE O EGITO — DIZ O CAIRO

No mesmo comunicado de hoje fazem-se novas alusões à pretensa participação norte-americana na guerra:

«Três aparelhos da força aérea norte-americana sobrevoaram o Canal de Suez em direcção ao Sul, antes de serem localizados e identificados pelas nossas forças.»

«Esses aviões realizavam missões de reconhecimento em proveito da força de blindados israelitas dizimada pela força aérea egípcia, junto a El Arishe, onde a resistência continua a ser muito intensa». Israel disse ter conquistado aquela localidade na segunda-feira.

Diz ainda o comunicado: «Algumas outras unidades blindadas, supostamente israelitas, estão cercadas entre El Arishe e a costa».

O oficioso «Al Ahram» afirma que as forças egípcias continuam a infligir pesadas baixas às tropas israelitas e a destruir muito equipamento.

Acrescenta que a aviação e a «D. C. A.» egípcias já abateram 300 aviões israelitas, muitos dos quais em duelos aéreos sobre o Sinai e Sharm

El Sheikh, no promontório que domina o golfo de Akaba.

Nas ruas do Cairo registou-se hoje o aparecimento do primeiro comboio de camiões com tropas, apresentando-se os soldados com capacetes de aço e armados de espingardas automáticas fornecidas por Moscovo. Os camiões são, também de proveniência soviética.

O comboio que era acompanhado por blindados, transportes de armas, cozinhas de campanha e outro equipamento bélico, tomou a direcção do Canal de Suez.

AVIÕES ISRAELITAS ABATIDOS

BEIRUTE, 8 — (R.) — Baterias antiaéreas sírias abriram hoje fogo contra aviões israelitas que atacavam dois sectores da frente com

Decisão brasileira

RIO DE JANEIRO, 8 — (A.N.I.) O Ministério da Justiça anunciou que qualquer cidadão brasileiro que se aliste nas Forças Armadas árabes ou israelitas, para lutar no Médio Oriente, perderá a nacionalidade brasileira.

A informação foi provocada pela notícia de que descendentes de judeus e árabes já nascidos no Brasil, estariam decididos a alistar-se nas Forças Armadas israelitas ou árabes.

Entretanto, na Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, os deputados de origem árabe e judaica pediram que a população brasileira peça ao Ministério das Relações Exteriores que proceda a diligências, nas Nações Unidas e em outros organismos internacionais, como mais uma voz em favor da paz no Médio Oriente.

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
Alvará do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL para

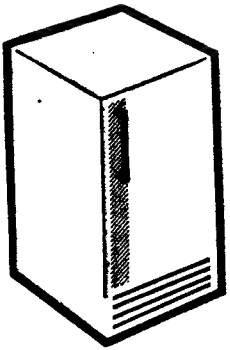
ADMISSÃO INSTITUTOS INDUSTRIAL
COMERCIAL

INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56 - 1.º Esq. — Telef. 53 63 80

Queremos que seja nosso cliente!

ESPECTACULAR CAMPANHA DE VENDAS AOS MAIS BAIXOS PREÇOS DO MERCADO

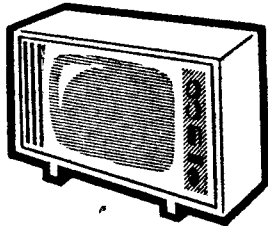
FRIGORÍFICOS



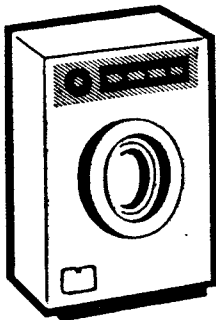
Todas as capacidades
70 modelos diferentes, das
mais famosas marcas mun-
diais:
Philips • Kelvinator
AEG • Bosch • Leonard
G. E. e outras

TELEVISORES

As principais marcas:
Philips • Telefunken
Nordmende • Grundig
Pye • Schaub • Mediator,
etc.



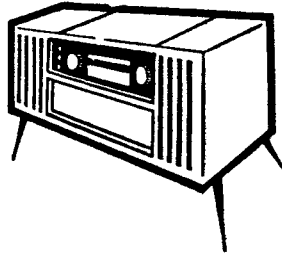
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA



Totalmente automáticas,
das marcas de maior
renome mundial
General Electric • Hoover
A E G • Indesit • Zanussi

MÓVEIS DE RÁDIO

Estereofónicos,
na mais completa gama
de Modelos



RÁDIOS • GIRADISCOS • GRAVADORES DE SOM • ASPIRADORES • ESQUENTADORES • CANDEEIROS • FOGÕES

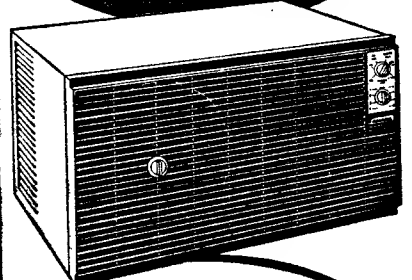
Visite a nossa grandiosa exposição, porque...

...Queremos
que seja nosso cliente!

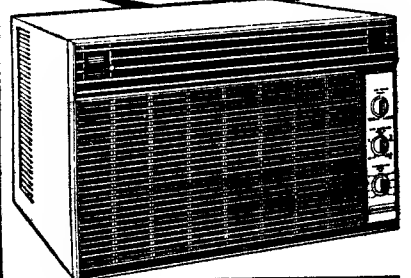
IMPERLUZ

AV. ALMIRANTE REIS, 172-A TELÉF. 533592 • 533593 • LISBOA
(PRÓXIMO AO CINEMA IMPÉRIO)

AR CONDICIONADO
Amana



AQUECE, ARREFECE, DESUMIDI-
FICA E FILTRA O AR, PARA O
CONFORTO IDEAL—13 MODELOS
DE 6000 A 23000 BTU/H
FACILIDADE DE MONTAGEM



REPRESENTANTES GERAIS
REFRIGERAÇÃO **POLAR, LDA.**
AV. ALMIRANTE REIS, 94-C • TELEFONE 533755

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EM-
PREITADA DE «REPARAÇÃO DA RUA DA BOCA
LARA, EM ALVERCA DO RIBATEJO 1.ª FASE»

FAZ-SE PÚBLICO que, pelas 15 horas do dia 29 do corrente mês, no
Salão Nobre destes Paços do Concelho, se procederá ao concurso público acima
designado:

BASE DE LICITAÇÃO 250 000\$00
DEPÓSITO PROVISÓRIO 6 250\$00

O depósito definitivo será de 5 por cento do valor da adjudicação.
Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento com-
provativo de ter efectuado o indicado depósito provisório na Caixa Geral de
Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem
deste Município, mediante guia preenchida pelos próprios interessados, segundo
o modelo que figura no programa de concurso.
O programa de concurso e caderno de encargos estão patentes todos os
dias úteis, durante as horas regulamentares, nos Serviços Técnicos de Enge-
nharia deste Município.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 5 de Junho de 1967.

O Presidente da Câmara,
JAIME MARQUES DIAS SIMÃO
(Licenc. C. Econ. e Fin.)

Blaupunkt

**AUTO-RÁDIOS
PONTO AZUL**

A. OLIVEIRA
AV. ALMIRANTE REIS, 91 - A
AV. DA LIBERDADE 60-62-64
(EX-STAND DA PANAIR)
TEL 538323 536308
326931/530838

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS
ACESSÍVEIS



Aven. Padre
Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

EXCURSÃO A MADRID

Comunica-nos a C. P. que se en-
contra esgotada a excursão que leva a
efeito a Madrid nos próximos dias 9
a 13, incluindo transporte, alojamento,
refeições e visitas, continuando no en-
tanto a venda de alguns bilhetes só
para o transporte em caminho de
ferro ao preço de 428\$00 em 1.ª classe
e 300\$00 em 2.ª classe, de Lisboa a
Madrid, e volta.

SRS. OFICIAIS DA FORÇA AÉREA

Se ainda não têm o novo farda-
mento podem obtê-lo na Alfaiataria
Teodoro Mendes, Lda., Alfaiates es-
pecializados há mais de 25 anos ao
serviço das mais altas individuali-
dades do Exército, Marinha e Força
Aérea, com facilidades de pagamento,
sem aumento de preço.

Rua Augusta, 275-2.º
Telef. 32 57 12

ANTIGUIDADES LAGOS

Vende-se grande colecção de
crastos
Rua Dr. Oliveira Salazar, 27-29.

CAMINHOS DE FERRO EXCURSÕES 67

A C. P. acaba de editar um to-
rnelo descritivo com o plano das
EXCURSÕES a realizar no corren-
te ano que poderá ser solicitado
nas Secções de informações de Li-
sboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apo-
lónia), nos Despachos Centrais e
nas Agências de Viagens autoriza-
das

AZULEJOS

3 MILHÕES
DE AZULEJOS
NACIONAIS
E ESTRANGEIROS
DESDE \$60
A BOA QUALIDADE
A BAIXO PREÇO

A MAIOR GAMA DE
MATERIAIS
DE CONSTRUÇÃO
ESPECIALMENTE
REVESTIMENTOS,
PAVIMENTOS,
TINTAS, DROGAS,
FERRAGENS
E FERRAMENTAS

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30
QUELUZ

Praça Padre Eduardo
Ferreira do Amaral, 3-A
AMADORA

(Junto ao Jardim
Parque)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matos-
inhos, Foz. Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista,
Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Repú-
blica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante
do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas

OS ISRAELITAS E OS EGÍPCIOS MOSTRAM-SE HOSTIS A PORTUGAL NAS QUESTÕES ULTRAMARINAS —DECLAROU O MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

(Continuação da 1.ª página)

embaixador José Luis Archer, e o director dos Negócios Económicos, dr. Marçal de Almeida.

As primeiras palavras do ministro foram para classificar o actual conflito de «sem quartel», localizando, para mais, numa área politicamente sensível e estrategicamente importante. Desde o bloqueio de Cuba que uma ameaça tão grande não pesava sobre a paz mundial.

— Todos devemos sentir as mais sérias apreensões pelo que está a passar-se no Médio Oriente — acentuou. — Afirmar qual foi o agressor pouco adiantaria para o fundo do problema. E' por detrás dos combates, por detrás da propaganda e da contrapropaganda, que se escondem as linhas da questão.

Sublinhou depois que deve assinalar-se, desde já, uma primeira grande vítima: a O. N. U. A força de manutenção da paz, que por dez anos se manteve na região, não passava, afinal, de um mito. Como se processaram os acontecimentos? O Egipto pediu às forças da O. N. U., com simplicidade, que se arretassem do local, e elas retiraram em menos de 24 horas.

— As forças da O. N. U.: uma inércia inútil e dispendiosa. De qualquer modo — continuou o ministro — importa sublinhar que a O. N. U. recuou perante um desejo manifestado unilateralmente. Será agora muito difícil ao Conselho de Segurança ou a Assembleia Geral decretarem o estabelecimento e a manutenção de novas forças de paz em outras regiões. Terá, talvez, sido esse o objectivo numero um do presidente Nasser, que tem os olhos postos no protectorado de Aden.

Disse que os êxitos em causa representam um agravamento da crise e do desprestígio da O. N. U. Mais: este desprestígio não é sequer anulado pela unanimidade do Conselho de Segurança quanto ao cessar-fogo, a qual representa tão só um acordo das grandes potências em porem termo ao conflito.

— A O. N. U. — resumiu o dr. Franco Nogueira — só tem a força que lhe for dada pelas grandes po-

tências e só resolve o que estas entenderem.

Uma realidade: a implantação russa no Mediterrâneo

O ponto central da conferência de imprensa estabeleceu-se em redor de um facto de capital importancia: a presença da esquadra russa no Mediterrâneo.

— Desde eras remotas — disse o dr. Franco Nogueira — que o sonho imperial da Rússia foi descer ao Mediterrâneo e firmar-se nessa área. Conseguiu-o agora. A esquadra russa cruza livremente as águas mediterrâneas. Facto grave em si, mas muito mais grave se aceitarmos que a Rússia tem qualquer legitimidade nesse aspecto.

E a terminar: — As costas do Mediterrâneo não estão seguras para o Ocidente.

A posição de Portugal

O recuo da U. R. S. S. na O. N. U. subscreveu um êxito para a posição de Israel e dos Estados Unidos — reconheceu o ministro — embora o problema esteja longe de haver sido encerrado.

No que directamente toca a Portugal, o conflito do Médio Oriente também se apresenta com muito interesse.

— Israel — lembrou o ministro — tem sido, para Portugal, um inimigo tenaz. Vota invariavelmente contra nós na O. N. U.; o seu embaixador no Congo tem contacto com os terroristas que atacam as nossas províncias ultramarinas; em Israel existem bases de treino dos mesmos terroristas. Lamentamos que isto seja assim, tanto mais que temos em Portugal muitos cidadãos actuais possam servir de lição de origem judaica — excelentes patriotas. Que os acontecimentos ra aquele país. Nem uma só nação africana apoiou Israel no actual conflito...

Quanto à R. A. U., recordou o dr. Franco Nogueira, o corte de relações de «há três ou quatro anos» e disse que o Cairo dirige actividades intensas contra Portu-

gal, sendo um centro importante de manobra, de intriga, de campanha antiportuguesa.

— Os povos português e árabe são tradicionalmente amigos — sublinhou o ministro. — No nosso território vivem populações muçulmanas. Por tudo isso, e porque a hostilidade da R. A. U. não lhe trouxe qualquer proveito ao nível africano, lamentamos essas atitudes e dizemos: — foi também uma lição severa para esse país.

O encerramento do Golfo de Akaba

Referindo-se à liberdade de navegação no Golfo de Akaba e de passagem pelo Estreito de Tiran, o dr. Franco Nogueira precisou:

— Há muito que defendemos a liberdade de navegação nos mares, e não só essa, mas também o livre acesso a países interiores.

— É Israel um «estado ribeirinho»? O problema não merece ser agora aprofundado. O que há a apontar, sim, é que tal princípio não pode ser coarctado unilateralmente ou limitado a certas áreas — acentuou.

— Certos países interiores — continuou o ministro — têm albergado bases de agressão contra território português. Continuamos a defender o princípio do livre acesso, mas reiteramos publicamente o nosso pedido de «alguma coerência».

Os lugares santos

O dr. Franco Nogueira falou depois do problema dos lugares santos e de Jerusalém. A garantia internacional seria a solução adequada, e é assim que, na sequência do apelo de Paulo VI e sua avaliação pelo secretário-geral da O.

Portugal não subscreveu a declaração anglo-americana sobre o bloqueio do golfo de Akaba

Terminada a sua exposição, o dr. Franco Nogueira ficou à disposição dos jornalistas para responder a perguntas tanto relacionadas com os pontos referidos nas suas declarações como outras de âmbito geral ou especificamente respeitantes a Portugal.

Sobre o pedido português à O. N. U. quanto às indemnizações que resultam de prejuízos com as aplicações de decisões internacionais referentes à Rodésia, esclareceu que foi respondido ao Governo português que aguardasse a eventual reunião que venha a efectuar-se no Conselho de Segurança sobre a questão rodésiana, acrescentando:

— Foi-nos prometido que o nosso pedido seria considerado e concordamos com esta determinação.

Outra pergunta: — Estão a ser aplicadas sanções económicas, políticas e militares contra Portugal em África?

— Não tenho conhecimento de tal. Certos Estados africanos, árabes e não árabes, tomaram atitudes desse tipo mas em consequência de decisões tomadas apenas pela Unidade Africana. No plano prático, não nos afectam.

Ofensas de árabes e de israelitas

Quis-se saber, depois, se Portugal adoptaria uma posição idêntica à da Espanha no actual conflito árabe-israelita.

Resposta: — Não sei qual é a posição do Governo espanhol, as este terá as suas razões e condicionalismos a ditar uma tomada de opinião. Nós tomamos a posição que foi definida na minha exposição. Temos agravos tanto de árabes como de israelitas no caso do nosso Ultramar.

— Houve diligências por parte dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha para Portugal participar na acção contra o bloqueio do Golfo de Akaba?

— Não. No entanto, houve diligências dos Governos americano e inglês para que Portugal subscrevesse uma



Os jornalistas escutam o ministro dos Negócios Estrangeiros na sua conferência de imprensa, desta manhã

N. U., se espera que outros países tomem igual atitude.

— O Governo português quer secundar essa proposta — afirmou o ministro — e foram dadas instruções nesse sentido à delegação portuguesa na O. N. U.

Um último tema: Biafra

As últimas palavras da declaração do dr. Franco Nogueira abordaram o tema da recente secessão de uma parte da Federação Nigeriana, que constituiu a República de Biafra. Num país de 55 milhões de habitantes, de longe o mais populoso da África Negra, com uma área e uma situação de grande nação, mesmo a escola internacional, Biafra representa nada menos de 13 milhões de nigerianos: uma região cansada dos repetidos morticínios e da má administração federal.

E o dr. Franco Nogueira comentou:

— Pois o facto não provocou qualquer emoção, qualquer protesto. Não se falou em enviar para Biafra uma força internacional, como sucedeu por altura da secessão do Katanga.

Parece não haver relutância em, com o andar do tempo, se reconhecer a nova república.

Mas o dr. Franco Nogueira perguntou, a propósito:

— Que aconteceria se o Katanga proclamasse agora a independência?

que, e desejar saber-se quais as necessidades de energia eléctrica dos vizinhos daquela província ultramarina.

Elucidou, depois, outro jornalista sobre a visita de industriais e comerciantes portugueses à Roménia, no quadro das relações económicas com os países do Leste europeu, que aumentaram nos últimos anos. Estas relações não excluem outras que possam ser consideradas de interesse: «Mas esta visita — disse — não tem qualquer significado político».

O Sudoeste africano

Relativamente à posição do Governo de Lisboa quanto ao envio de uma comissão da O. N. U. para administrar o Sudoeste africano, disse o dr. Franco Nogueira que se deseja que ali reinem a ordem e a paz e que a própria O. N. U. resolva, após a resolução de Dezembro, tomar uma atitude mais realista, pois a anterior seria contrária à Carta e ilegal, arriscando-se a provocar um conflito armado com a África do Sul, actual mandataria daquele território e que se opôs à resolução inicial. As negociações com a África do Sul — acrescentou — é a atitude mais responsável e sensata.

A uma outra pergunta sobre se a não inclusão na sua declaração, de um comentário à visita do Papa a Fátima tinha qualquer significado, respondeu afirmando que não.

O caso do Canal de Moçambique

Depois de esclarecer que não tinha notícia de quaisquer actos ofensivos à liberdade de navegação no Canal de Moçambique, disse:

— No entanto, alguns navios mercantes têm sido interceptados no alto mar. Note-se que se tratou de navios não portugueses. Mas fazer parar um barco no alto mar em tempo de paz, é um atentado à liberdade de navegação, o que contradiz o princípio que se pretendia pôr em execução no Golfo de Akaba.

— Mas o caso referido por V. Ex.ª quanto à passagem da esquadra russa para o Mediterrâneo?

— Não está no caso tratado, pois trata-se de uma força militar naval e não de barcos comerciais. A presença russa no Mediterrâneo é uma realidade política que veio alterar o equilíbrio estabelecido e constitui um perigo.

Respondendo a outro jornalista sobre as recentes declarações dos consules britânico e americano em Macau, disse que as autoridades portuguesas de Macau lhes deram toda a protecção, para salvaguardar bens e a própria integridade física das pessoas em causa. Estranhou que o consul dos Estados Unidos tivesse enviado uma circular aos cidadãos americanos residentes em Macau, aconselhando-os a abandonar a cidade, uma vez que, durante as alterações da ordem em Janeiro o não fizera, mas fá-lo agora, num momento em que reina a maior calma na província: «Ninguém corre ali risco e gostaria de saber porque é que o consul americano tornou pública a tal circular em Hong-Kong, nesta altura e não o fizera antes».

Confraternização do pessoal do Ar Líquido

Efectua-se nos próximos dias 10 e 11, a XII Jornada de Confraternização do Pessoal da Sociedade Portuguesa do Ar Líquido.

Além de uma digressão turística pelo Alto-Alentejo, a festa inclui a organização dos 1.ª Jogos Florais (quadra) do Pessoal do A. L. e ainda outros concursos.



A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES FRIMATIC
REPRESENTANTES: REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 94-C — TEL. 533755 — LISBOA

TÁXI

● potente ● rápido ● resistente ● leve

VAUXHALL 101S

com motor DIESEL

● travões de disco com servo-freio

em exposição na
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO 48-A e C

CONCESSIONÁRIOS DA GENERAL MOTORS

L I C E N C I A D O

De preferência em Economia, Finanças ou Engenharia

Precisa-se — Para organismo do Estado

Oferece-se — Lugar de técnico de 2.ª classe com o vencimento de 6480\$00

— Ocupação em Lisboa

Exige-se — Idade até 35 anos, «curriculum» mencionando habilitações, experiência profissional, locais onde trabalhou, residência, telefone e mais indicações úteis.

Resposta a este jornal, ao n.º 164



RUA DO ALEGRI, 48-B,
KETELUX — ILUMINAÇÃO TEL. 361020-362168
APARTADO 2917 — LISBOA

ILUMINAÇÃO
DECORATIVA

JARDINS
PARQUES

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» e distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA



viva
DE SUCESSO
EM SUCESSO

SEJA QUAL FOR O SEU PONTO DE VISTA

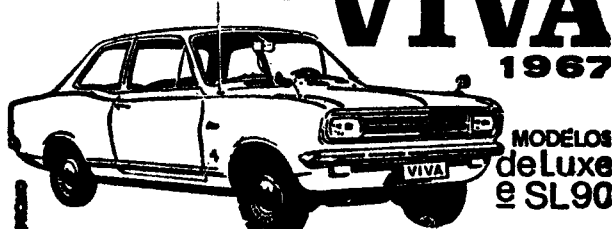
ELEGÂNCIA, ECONOMIA, ROBUSTEZ
SEGURANÇA, RAPIDEZ, CONFORTO, ESPAÇO

OS NOVOS MODELOS

VAUXHALL VIVA 1967

DE LUXE — 56,2 HP a 5400 r. p. m. ESC. 63 532\$70
SL 90 — 68,9 HP a 5800 r. p. m. ESC. 70 638\$00
(TAXAS INCLUIDAS)

SATISFAZEM OS MAIS EXIGENTES
VAUXHALL VIVA



MODELOS
de Luxe
e SL90

EXPOSIÇÃO E VENDA



AUTO-INDUSTRIAL



LISBOA - AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 93 - TEL. 53 89 56 - COIMBRA - LEIRIA
ESTORIL - AVENIDA DE NICE, 4 - TEL. 26 33 96 - CALDAS DA RAINHA

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO
DA EXPLORAÇÃO DO RESTAURANTE E BAR
DO AEROPORTO DE FARO

1. — Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 11 de Julho de 1967, no Aeroporto de Faro e perante a comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para a concessão da exploração do restaurante e bar do mesmo Aeroporto.

2. — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc. — 5 000\$00 (CINCO MIL ESCUDOS), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, à ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto de Faro —, até às 15 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou pela Secretaria do mesmo Aeroporto.

3. — O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto de Faro —, devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

4. — O depósito definitivo será de Esc. — 30 000\$00 (TRINTA MIL ESCUDOS).

5. — O programa do concurso e o Caderno de Encargos relativos à concessão, poderão ser consultados ou adquiridos, durante o prazo do concurso, na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou na Secretaria do Aeroporto de Faro.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, 7 de Junho de 1967.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

GRANDE HOTEL DAS Caldas da Felgueira



agora com a sua majestosa piscina
Canas de Senhorim — BEIRA ALTA

ESTÂNCIA TERMAL
E DE REPOUSO

BALNEÁRIO TOTALMENTE REMO-
DELADO

Recomendada para tratamento de:
Bronquites, Asmas, Faringites, Rin-
ites, Sinusites, Hipertensão arterial,
Flebitis, Arterites e Hemorroidal,
Psoríase, Eczemas e Reumatismo

40% dos clientes destas Termas são
de classe médica e seus familiares

ABERTO DE 1 DE JUNHO
A 15 DE OUTUBRO

Informações e marcações:

Rua da Madalena, 42
Telefone 86 97 41/2/3

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.ª, Esq.
Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª, 5.ª e sábados — 15 h.

Dr. A. Pita Negrão — Clin. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e Sáb. — 18 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e — Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorroidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.

Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Jorge Falcão — Pele e Sifilis — 15.30 h.

Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenç. Pulmonares — 16 h.

Dr. José Benard Guedes — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE

Estabelecimentos

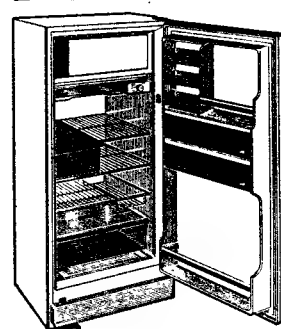
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
L I S B O A



Frio

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA DE REFRIGERAÇÃO

PHILIPS



O FRIGORÍFICO COM ISOLAMENTO
TÉRMICO ESPECIAL DE POLIURETANO
QUE LHE PERMITE OBTER
NO MÍNIMO ESPAÇO
A MÁXIMA CAPACIDADE

«Baguala: a Argentina canta e dança», no Teatro Avenida

(Continuação da 5.ª página)

lantes) é um numero admirável, em que as diversas vozes dos que apregoam as suas mercadorias formam um conjunto polifónico muito belo e bem estudado, para logo em seguida em «Candombe», nos aparece uma sugestiva e colorida imagem balética dos negros festejando a sua libertação, quando foi abolida a escravatura.

Em «A Independência», o povo canta a liberdade conquistada, em versos cheios de vigor e beleza, que a música sublinha muito bem, e cuja funda raiz popular se adinha até na sua semelhança com diversas composições de outras latitudes, constituindo este, sem dúvida, o mais emocionante momento do espectáculo. Espectáculo que em toda esta primeira parte se continua a manter a uma boa altura, nomeadamente com «Candombe», «Sou da terra» (canta o gaucho: «soy de raíz como el arbol, mitad cielo y mitad tierra») e «Zamba do novo tempo», nos quais, a par do resto, se conseguem belos efeitos plásticos.

A segunda parte — «Terra e cor» — principia com «Tango», um bom numero, em que o pitoresco e o humor se unem ao virtuosismo das bailarinas e dos bailarinos, e mantêm sempre o seu interesse até final, passando por um misto curioso de instrumentos nativos típicos argentinos, bem tocados por Carlos Benn e Pott, e culminando com «Misa Chico e Carnavallito», no qual se fundem a alegria, a animação, o colorido, com uma música e um cantar que têm uma marca inconfundível e com uma coreografia de surpreendente

TV A CORES

(Continuação da página central)

tica se limita às variações de intensidade de um sinal de natureza constante, é agora aumentada com a necessidade de elementos respeitantes não só à intensidade relativa como à sua natureza (cor).

Em relação à emissão duma maneira geral se complicam os sistemas a cores, quer do ponto de vista técnico (captação da imagem; tratamento da informação a transmitir) como do ponto de vista artístico, pois há que encarar, a par com os factores clássicos, o elemento estético dos programas segundo novos angulos.

No Japão e na América já há programas a cores; na Europa tem estado em discussão a escolha do sistema a adoptar por forma a não repetir-se a dispersão que a televisão monocromática criou ao recorrer a diversos sistemas: 405 linhas (Inglaterra), 819 linhas (França) e 625 linhas (restantes países). Há esperanças de que um unico sistema seja adoptado, quando muito dois.

No final da conferência do dr. W. Bruch foi servido aos convidados um beberete

A INAUGURAÇÃO DO ESTALEIRO DA MARGUEIRA

(Continuação da página central)

tes ultimamente registados no plano da valorização económica e social do País.

Entre as individualidades convidadas, contam-se representantes das mais importantes organizações bancárias e dos principais estaleiros e empresas armadoras da Europa, dos Estados Unidos e do Japão, em numero aproximado a três centenas e meia; personalidades dos meios financeiros e económicos internacionais, jornalistas estrangeiros, etc.

A cerimónia decorrerá a partir das 15 e 45, hora a que deverá chegar ao terrapleno da Margueira o Presidente da Republica. A inauguração do estaleiro será assinada pela entrada, na doca principal, de um petroleiro de grande tonelagem. No final, será oferecida aos convidados uma recepção, a bordo do paquete «Príncipe Perfeito», que se encontrará, em seco, na doca n.º 12.

A receber os jornalistas, encontravam-se os srs. eng.º João Rocheta, director-geral e Eduardo Matra, das relações publicas.

Finda a visita foi oferecido um almoço aos representantes dos órgãos da Informação.

efeito — tudo que o público aplaudia calorosamente.

A companhia é francamente boa, desde a voz muito bonita e quente de Mercedes Sosa, até ao quinteto vocal «Los trovadores», que, muitas vezes, atingem a craveira do excepcional (no género, claro). Chito Zeballos, os magníficos guitarristas Carlos Vallejos e Luis Amaya, e um corpo de balletado muito afinado. A coreografia (assinável) é de Nestor Perez Fernandez, a direcção musical de Oscar Cardoso Ocampo e Ernesto Mastronardi, e a direcção geral de Juan Silbert.

Misto de folclore (e até, eventualmente, pesquisa folclórica: falta-nos competência para o afirmar) e de «show» com outras características, este «Baguala» constitui um espectáculo (mais um que se fica a dever ao espirito empreendedor de Vasco Morgado) vivo, colorido, cheio de ritmo e beleza, que deve agradar a um público que se espera corresponda

J. C. de V.

CONFERÊNCIAS Na Sociedade Nacional de Belas-Artes

É hoje, ás 21 e 30, que o eng.º Pierre Clement, director dos laboratórios Kodak-Pathé, em Vincennes, profere uma conferência, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, acerca dos «Progressos da Ciência e da Técnica Fotográficas».

Na Casa do Concelho de Gouveia, pelo prof. Abílio do Amaral

Na Casa do Concelho de Gouveia, o escritor e investigador prof. Abílio do Amaral faz, depois de amanhã, ás 21 e 30, uma conferência intitulada «Gouveia — Instituto Superior de Cultura e Civilismo» e que é aguardada com muito interesse pelo tema aliciante e pela personalidade e méritos intelectuais do orador.

COMUNICADO das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na provincia da Guiné, o soldado n.º 1184564, Raul Feliciano Silva e o soldado da milicia n.º 25/65, Atadu Seidi.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DO COMÉRCIO FALOU NO COLÓQUIO DE BOVINICULTURA

SANTARÉM, 8 — Hoje, segundo dia do 1.º Colóquio Nacional de Bovinicultura, no pavilhão da F. N. A. T., na IV Feira Nacional de Agricultura XIV Feira do Ribatejo, prosseguiu a apreciação do tema «Produção bovina».

A sessão de trabalhos, que começou ás 10 horas, presidiu o dr. Fernando Manuel Alves Machado, secretário de Estado do Comércio, que expôs «algumas ideias genéricas acerca da comercialização das nossas produções pecuárias, agrícolas e florestais, vindas de uma observação directa e, de certa maneira, profissional deste assunto e correspondendo à política que vem sendo praticada pelo Ministério da Economia», concluindo assim:

— Acabarei com uma palavra de fé, tal a evidência das reacções que se vêm notando contra a desvalorização injusta desses produtos, provocada pela desnecessária extensão dos circuitos comerciais, contra a qual são impotentes os mais perfectos sistemas legislativos se a la-

voura se obstinar a entregar-se nas mãos daqueles que não se afixaram com a incerteza das colheitas e não investiram na terra capital, suor e amarguras.

Em seguida foram apresentados trabalhos, seguidos de discussão geral do tema.

Esta noite haverá uma sessão de teatro da F. N. A. T., no seu pavilhão, e um festival taumático.

SORTEIO

da Liga de Cegos «João de Deus»

O sorteio ontem efectuado a favor da Liga de Cegos «João de Deus» contemplou os seguintes numeros: 1.º prémio, 225 822; 2.º, 193 902; 3.º, 129 646; 4.º, 19 868; 5.º, 196 946; 6.º, 227 249; 7.º, 293 848; 8.º, 121 178.

COMO RODA A RODA ?



Dia a dia



ESSO

Gota a gota

Uma fábula começa assim:

«dente a dente, a roda come a corrente...»

Não é uma fábula, é um facto. Dia a dia, milhões de crianças em todo o mundo interrogam-se perplexas:

— Como roda a roda?

— Que faz a roda rodar?

É simples: há uma roda dentada, accionando uma corrente, que acciona outra roda dentada, comendo a mesma corrente.

A força de uma criança chega para deslocar essas rodas;

existe uma outra força líquida que secretamente colabora:

— Gota a gota, o óleo alimenta as rodas dentadas. É a ESSO que as faz rodar.

Apenas um leve movimento. Não mais do que um tempo de ritmo

A fábula acabava assim:

«dente a dente, a roda nunca comeu a corrente...»



uma longa experiência ao serviço do homem

Celulose Billerud, S. A. R. L.

para a execução da
conduta de abastecimento de água
e da
rede de serviço de incêndios
nas suas instalações de Leirosa,
obras de grande responsabilidade,
escolheu tubagem de fibrocimento
e preferiu a da marca

Cimianto

CIMIANTO - Sociedade Técnica de Hidráulica, S. A. R. L.

Sede: Av. Fontes Pereira de Melo, 14 — Lisboa 1

Escritório (inst. provisórias): R. Martens Ferrão, 12, 1.º a 4.º andares

Telefs. 531161 (4 linhas) e 560160 (5 linhas) — Lisboa 1

Fábrica: Cortes da Quintinha — Telefs. 250141 e 250062 — Alhandra

COSTA DO SOL

LOTE TERRENO EM S. PEDRO ESTORIL — C/ 500 m², aut. const. 1 moradia isolada ou 2 geminadas. A cerca 1200 m. da estação, 240 contos.

ANDARES S. JOÃO ESTORIL — Junto à Est. e Liceu; c/ 6 grandes assoalhadas, coz. desp., 2 c. de banho e varandas c/ vist de mar. Bons acab. Ver lote 26, Qt.º da Carreira.

ANDARES S. JOÃO ESTORIL — Com sala comum, 5,5x3, 3 quartos, 2 c. banho, coz., desp. e varandas. Bons acab. Ver lote 44, Qt.º da Carreira, junto est. e liceu.

MORADIA S. PEDRO ESTORIL — C/ sala comum c/ fogão, coz., desp., quarto e b. criada, 4 quartos, 2 c. banho — 590 contos.

MORADIA CASCAIS — A cerca de 1700 m. da Est. c/ sala comum c/ fogão, 5 quartos c/ roup. 3 c. banho e lavabo, coz., desp. garagem e jardim — 580 contos.

APARTAMENTOS EM CASCAIS — 180 contos.

POLICARPO
C A S C A I S

Avenida Marginal, RSP, r/c., Dt.º — Telefone 281497
(Frente ao Cinema S. José)

TAMBÉM ATENDE AO DOMINGO

Fornecimento de: uma máquina, tipo semi-industrial para extracção de sumo de uva

Concurso Público n.º 55/67

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Rua das Trinas, 49 — Lisboa, onde se encontram patentes as condições do concurso, recebem-se as propostas para o fornecimento em referência.

As propostas são abertas no dia 24 do corrente mês, pelas 10 horas, devendo fazer-se a sua entrega e a dos correspondentes depósitos até às 16 horas do dia útil imediatamente anterior.

Lisboa, 8 de Junho de 1967

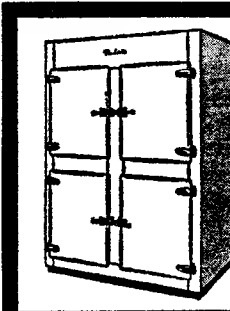
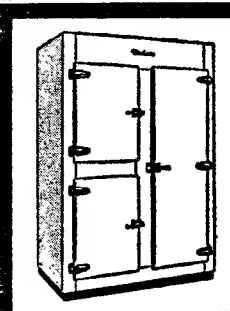
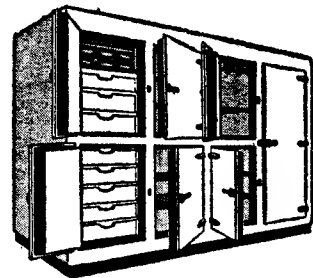
Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

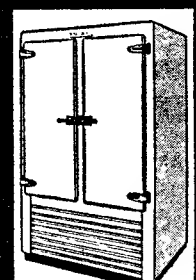
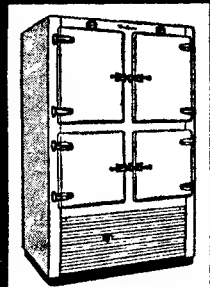
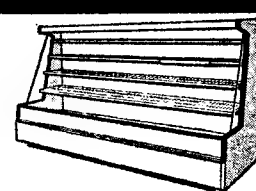
Refrigeração
POLAR

APRESENTA ALGUNS
MODELOS DE FRIGORÍFICOS COMERCIAIS
PARA TODOS OS FINS

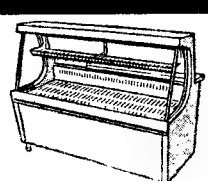


ESTRUTURAS TOTALMENTE METÁLICAS COM ACABAMENTO EXTERIOR EM AÇO INOXIDÁVEL OU PINTURA A ESMALTE DE ESTUFA

INDÚSTRIA HOTELEIRA • HOSPITAIS • LABORATÓRIOS • PASTELARIAS • CAFÉS • SUPERMERCADOS • MERCEARIAS • TALHOS



CÂMARAS FRIGORÍFICAS PARA CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS • CÂMARAS DE CONGELAÇÃO • CÂMARAS DE CONSERVAÇÃO DE PRODUTOS CONGELADOS.



AV. ALM. REIS, 94-C — TEL. 53 37 55 — LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA EDITAL 114/67

Eu, António Vitorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço saber, nos termos do artigo 359.º do Código Administrativo, que no dia 28 de Junho de 1967, pelas 16 horas, terá lugar na Direcção dos Serviços Técnico-Especiais — 4.ª Repartição — Armazéns — Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para a «CONSTRUÇÃO DE PAVIMENTOS E ESGOTOS EM DIVERSOS LOCAIS — 1967-IV».

(Processo n.º 71/67/CP/DSTE)

A base de licitação é de 2.984.670\$50
O depósito provisório é de 75.000\$00

O depósito provisório é efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/60.

O concorrente deverá enviar a proposta pelo correio sob registo, à Câmara Municipal de Lisboa — Direcção dos Serviços Técnico-Especiais — 4.ª Repartição — Armazéns — Avenida 24 de Julho, 171-C —, por forma a ser recebida até à hora anunciada para a realização do concurso.

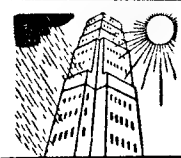
O processo do concurso encontra-se patente, na 4.ª Repartição — Armazéns da Direcção dos Serviços Técnicos — Especiais — Avenida 24 de Julho, 171-C —, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

Aos sábados o processo do concurso só pode ser consultado das 9 às 12 horas.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1 de Junho de 1967.

O Presidente,
António Vitorino França Borges



O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ª C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P. C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.ª Civil, Fundação Gulbenkian, etc., Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES
FACULTAMOS FOTOCOPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção («EVODE»)

«EVOTRUF» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361805 - 322118

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

POLICLINICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. Mário Jaquer — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas

«Diário de Lisboa»

DESPORTO

Acredita-se na vitória de Portugal mas convirá desconfiar dos noruegueses

• O jogo principiará às 19 horas, no Estádio Ulleval, em Oslo

por CÉSAR FAUSTINO

OSLO, 8 (Por Telex) — Não há dúvidas sobre o desnível futebolístico existente. Portugal é, na teoria e na prática, superior à Noruega. Provou-o já, em Lisboa, quando venceu, por 4-0, e noutras vezes tem sido fértil em testemunhos sugestivos ao patentear qualidades que o colocaram, por direito próprio, num plano de realce. O empate de Estocolmo fica a ser uma excepção, quanto à demonstração qualitativa, já que o resultado se deve rotular de valioso, considerando-se o facto de

se actuar no campo do adversário. Esta tarde, a digressão escandinava conhecerá o seu epílogo com a disputa do jogo, no Estádio Ulleval, um recinto que espelha o grau de pouco desenvolvimento do futebol norueguês. Contudo, neste recinto já alguns socorram, sem dó nem piedade. E eram temidos...

O «onze» lusitano será diferente, como se sabe, do que se exibiu contra a Suécia (nunca mais esqueceremos os derradeiros segundos quando uma vitória lisonjeira, mas que era de qualquer modo uma vitória a valer dois pontos, se transformou num empate...) e isso representa, porventura, o reforço da expectativa quanto à necessidade de haver outro rendimento.

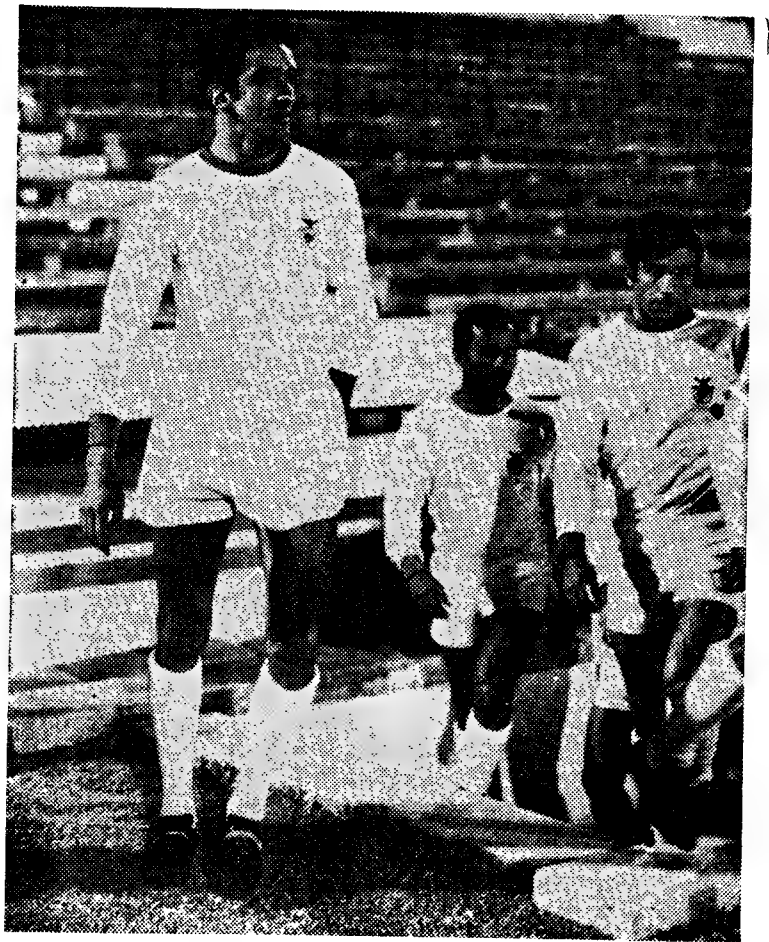
Duas alterações, precisamente no sector ofensivo, conquanto o dispositivo tático se mantenha. Isto é, os avançados lusitanos, agora com Estêvão e José Maria — dois estreantes — animam a supor-se que se não adoptará um pendor defensivo, com laivos de contra-ataque, timorato e inseguro, limitado a iniciativas individuais.

O estilo do futebol norueguês, que não é novidade para ninguém, fundamenta-se num definido espírito combativo. Não há nele reticências quanto ao esforço que é imprescindível. Aliás, os preceitos técnicos nos latagões da Noruega é pormenor de somenos importância. Força, entusiasmo e querer são as armas predilectas.

E' evidente que o «onze» português, reconhecidamente favorito, não deverá subestimar o seu adversário das 19 horas, sob pena de poder vir a experimentar dificuldades de solução impossível. A urdidura da manobra só lucrará, por isso, em ser objectiva, com economia de correrias e de pessoalismos. Bola a girar em movimentos variados para assim prevalecer a influência do sentido colectivo.

Aguardemos os acontecimentos, cientes de que desta vez os nervos não afectarão os jogadores lusitanos. Aliás, em Oslo o ambiente tem sido propício a um trabalho psicológico adequado para se encarar, airoso e, o jogo.

Os noruegueses anunciaram duas alterações em relação à formação que derrotou a Finlândia, por 2-0, em Helsinquia, no mesmo dia em que Portugal empatou com a Suécia. Os novos elementos são Thorsten, defesa, e Ediksen, extremo esquerdo. Quer dizer isto que a vitória não convenceu o treinador norueguês. Cuidado, por conseguinte...



Torres ao entrar em campo para disputar o jogo da sua reaparição

CICLISMO

INTERNACIONAL NA PISTA DE ALVALADE NO PRÓXIMO DOMINGO

Em organização da Associação de Ciclismo do Sul, realiza-se no próximo domingo, às 21 e 45, um festival de pista, no qual intervirá a equipa belga da Flandria, formada por Sels, Godefroot, Van Schill e Messelis.

Os portugueses serão os melhores valores do F. C. Porto, Benfica e Sporting.

O programa é o seguinte: I — Apresentação dos corredores; II — Critério de 20 voltas, internacional; III — Eliminação, para amadores; IV — Perseguição por equipas de 2 corredores, internacional; V — 20 voltas em linha para populares; VI — Critério de 20 voltas, para amadores; VII — 100 voltas em linha, com lançamentos de 10 em 10 voltas, internacional.

Os bilhetes são aos seguintes preços: bancada, 12\$50; superior, 7\$50. Os sócios do Sporting, com direito a lugar na bancada central, pagam 5\$00.

XADREZ

I Campeonato Nacional Individual por correspondência

A classificação final do I Campeonato Nacional Individual por Correspondência, organizado pela respectiva secção do Ginásio Clube Figueirense, da Figueira da Foz, ficou assim ordenada:

1.º, Virgílio da Silva Lopes, da Figueira da Foz, com 6 pontos; 2.º, Jorge da Silva Lopes, do Porto, com 3,5; 3.º, Manuel Moreira Pereira, de Rio Tinto, 3; 4.º, António G. Patrocínio, de Portimão, 2,5; 5.º, Raul José Eduardo, de Lisboa, 2; 6.º, Fernando Alves, de Sasseiros, 2; 7.º, Fernando C. Rodrigues, de Lisboa, 1.

As cinco taças disputadas serão entregues nas festas do aniversário daquele clube, a realizar no primeiro sábado de Janeiro do próximo ano.

O major Álvaro Sabbo... bisou e o brasileiro Nelson Pessoa... melhorou no 3.º dia do Concurso Hípico de Lisboa

Mais duas animadas competições serviram para dar continuidade ao 56.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa, que está a decorrer no Campo Grande, prestes a entrar na sua fase de maior interesse.

Decorreu assim, em ambiente festivo, de curiosidade e de emoção a terceira jornada do certame que a Sociedade Hípica se esforçou por organizar na linha das suas tradições, conseguindo o seu desejo.

Comportava o programa duas provas pelas quais se repartiram os conjuntos inscritos no certame. O balanço deste terceiro dia de provas deu a confirmação das possibilidades já reveladas nos dois dias anteriores, permitindo como que uma selecção de valores, com visível utilidade para a aposta mutua, que mais uma vez é um aliado das organizações da S. H. P. Dois apontamentos salientes foram:

Wagner na agenda de outros clubes

O brasileiro Wagner, que no fim desta época termina o seu contrato com o Leixões, está a ser pretendido por vários clubes, dos quais se destacam o F. C. do Porto e o Belenenses. Há que salientar, porém, que o Leixões tem direito de opção sobre o jogador.

neceram para a crítica as duas provas de ontem: a segunda vitória do major Álvaro Sabbo, no «Mazarino» e a regularidade em classificar-se do campeão brasileiro Nelson Pessoa, desta feita mais em evidência, dado que logrou, agora, um quinto e um terceiro lugares, o que é de veras animador e se torna mais séria ameaça para os nossos melhores concorrentes. — D. D.

Afonso Salcedo vai ser recordado

Numa organização conjunta da Federação Portuguesa de Atletismo e da Associação de Lisboa, vai ser levado a efeito um festival de homenagem póstuma a Afonso Salcedo, a que se associa o Sporting, o clube de sempre do devoto dirigente.

O objectivo do festival visa angariar fundos destinados à família de Afonso Salcedo, pelo que serão distribuídos bilhetes de convite nas bilheteiras do Estádio José Alvalade. Cada espectador deixará o donativo que quiser e se o desejar fazer. Em resumo, não é obrigação a aquisição do bilhete.

A abrir o valioso programa, que contará com a participação de quatro atletas espanhóis, o dr. José Salazar Carreira proferirá uma alocução, enaltecendo os méritos do malogrado desportista.

HOJE, À NOITE

ACTIVIDADES DA F.N.A.T. — 2.º Torneio de Ténis (distrito de Lisboa), 5.ª jornada: Eurico Nunes Duarte contra B. Lima Coelho e José A. Mendonça contra J. Dias Borges, nos «courts» de Alvalade, a partir das 18 e 45.

HANDEBOL — Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão, série B: A. Apolo-Ferreira Borges e Marítimo-Palmense, nos recintos dos primeiros, às 22 horas.

NATAÇÃO — 5.ª jornada dos torneios regionais de preparação, na piscina do Algés, às 21 horas.

O Oriental portou-se bem discutindo com o Benfica (o jogo, mas não o resultado)

Benfica e Oriental anteciparam para ontem, à noite, o jogo que lhes competia realizar na jornada de hoje da Taça «Ribeiro dos Reis». Fizeram bem, porque nesta altura do ano é muito melhor jogar futebol à noite que de dia.

É certo que o público não afiluiu ao encontro. Também o não faria de dia, estamos certos. Razões? As mesmas porque não vai aos outros jogos, desde que não esteja um título... em jogo.

Adiante, Benfiquistas e orientalistas fizeram uma partida que despertou curiosidade. Basta atentar no resultado: 3-1, a favor do Benfica. Esperava-se, certamente, mais golos do vencedor, mesmo considerando que jogava com a reserva. Daí o interesse que o encontro suscitou.

É que o Oriental não se limitou ao seu papel de equipa prevista para mais fraca, condenada a ser

Na segunda parte, as «apenas» continuaram a falhar aos visitantes. É lógico. Como já caía a flagrante subida do Benfica em domínio territorial, cresceu assim o resultado que, de facto, poderia ter sido maior. No fim, excelente comportamento do Oriental, em qualidade de jogo e de resultado.

Nota de especial interesse no jogo: o reaparecimento de Torres, há longo tempo afastado dos rectângulos, por motivo da extracção de um dos meniscos.

Reaparecimento que se sabia, tanto mais que Torres se mostrou perfeitamente recuperado, quer física, quer psicologicamente. Ténicamente, era forçoso acusar uma prolongada ausência e perdeu golos que, em condições normais, não perdoaria. Por exemplo, aos 70 m., a um metro de Edmundo, teve espectacular e escandalosa perda, ao querer fazer o golo em suavidade e colocação, tocando a bola para as mãos da guarda-redes. Enfim, Torres jogou, sinal de que está bom. Era o que mais interessava.

O árbitro não esteve atento. Cometeu deslizes, especialmente no que se referiu a benefícios ao infractor e não procedeu de modo idêntico para lances iguais. Também chegou a assinalar faltas para compensar outras mal assinaladas. Não tem lógica...

Registo do encontro: Árbitro — Henrique Silva, de Lisboa.

Benfica — José Henriques; Severino (cap.); Malta da Silva, Humberto e Adolfo; Santana e Ferreira Pinto; Baptista, Torres, Vieira e Diamantino.

Oriental — Edmundo; Renato, Antunes, Fragona e José António; Fonseca (cap.) e Carlos José; José Carlos, António Luís, Serralha e Mendes.

Golos: Severino, aos 14 minutos, numa insistência pessoal; António Luís, aos 43 minutos, numa fulgurante entrada de cabeça a «diver» marcado por Mendes; Vieira, aos 62 minutos, pondo termo a uma confusão junto à baliza de Edmundo; Torres, aos 72 minutos, em recarga a uma defesa da guarda-redes adversário (este golo pareceu-nos irregular, porque nos pareceu também que Diamantino fez o centro-rebate com a bola já fora do rectângulo).

Melhores exhibições: Malta da Silva, Adolfo, Ferreira Pinto e Vieira, no Benfica; Edmundo, Antunes, Fonseca e António Luís, no Oriental.

LUIS RODRIGUES

A Inglaterra venceu a selecção do México (3-0)

MONTREAL, 8 — (A. N. I.) — Foram todos marcados de cabeça os golos que deram a vitória à Inglaterra no primeiro encontro do Torneio Internacional de Futebol.

O Braga convidado a jogar em França

O Sporting de Braga foi convidado a jogar em Liège, no próximo dia 25. Como esta data não convém ao clube bracarense, a sua direcção apresentou uma contra-proposta.

da «Exp. 67», a Feira Internacional de Montreal.

Perante 9000 espectadores, a equipa inglesa bateu por 3-0 a equipa do México. Os golos foram marcados por Francis Wignall, Brian Labone e Michael Summerbee.

O próximo encontro da Inglaterra é no dia 7, contra a Austria, que, no dia 5, defronta o México. As três equipas constituem o grupo A, sendo o grupo B formado pela Rússia, Bélgica e Alemanha Federal.

Os vencedores dos dois grupos disputam a final do torneio, no dia 11.

QUINTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 1967

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
ELAS SÃO MAIS PERIGOSAS — no SÃO JORGE
CONTOS SUECOS — no ESTÚDIO 444
PÁGINAS ÍNTIMAS — no ESTÚDIO

SÃO JORGE
 As 21.30
ESTREIA
 (M. 17 anos)
ELAS SÃO MAIS PERIGOSAS
 com Richard Johnson, Elke Sommer e Sylva Koscina

TIVOLI
 As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
DORIS DAY na famosa comédia
UM PERIGO CHAMADO «CAPRICHOS»
 com Richard Harris

MONUMENTAL
 As 15.15 e 21.30 (Adultos)
3.ª SEMANA
 Um amor mais forte que os furiosos da guerra!
A 25.ª HORA
 com Anthony Quinn e Virna Lisi
METROCOLOR

CONDES
 As 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
 A mais famosa obra-prima de «suspense»
INTRIGA INTERNACIONAL
 com Cary Grant — Eva Marie Saint — James Mason

AVIS
 As 21.45 (Adultos)
 Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
 num filme de «suspense» para morrer a rir...

OS FUGITIVOS DE SING-SING
 O cartaz mais alegre da semana

EUROPA
 As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
 No exótico Oriente onde tudo pode acontecer...

A MONTANHA DA LUZ
 c/ Richard Harrison e Luciana Gilli
TECNICOLOR

CINEMA IDEAL
 Telef. 32 41 94
 As 15.15 e 21 h. (M. 17 anos)
PICADILLY, MEIA-NOITE E DOZE
O HERÓI DO BAIRRO

LI2
 As 21 horas (M. 12 anos)
 Telef. 4 85 60
MELODIA INTERROMPIDA
O REGRESSO DA VELHA CURIOSA

estudio 444
 Telef. 75 00 95
 As 21.45 (Adultos)
 Um filme estranho, divertido e caricato, com Birgitta Andersson, Monica Zetterlund e Hans Alfredson
CONTOS SUECOS «SVENSKA BILDER»
 de Tage Danielsson

SÃO LUIZ
 As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 12 anos)
 Uma história simples e humana
ANJOS REBELDES
 com Rosalind Russel e Hayley Mills

POLITEAMA
 HOJE, às 21.30 em reposição
 Um êxito de gargalhada que deu a volta ao Mundo
 com o famoso cómico Mário Moreno na fabulosa farsa
CANTINFLAS A LA MINUTA
 com Rosita Arenas e Angel Garasa (Maiores 12 anos)
 Hoje, às 18.30 — Sessão clássica (M. 12 anos)

ROMA
 As 15.30 e 21.45 (Adultos)
 2.ª semana de encontros
 Lilli Palmer, Curd Jurgens e Françoise Arnoul
 no luxuoso e espectacular filme
O CONGRESSO DO AMOR
 Cinemascope — Eastmancolor

MUNDIAL
 As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
 Mistério, amor, e aventura
SAFARI DIAMANTES
 com Jean-Louis Trintignant e Maria-José Nat
EASTMANCOLOR

RESTELO
 Telef. 61 03 75
 As 21.30 (M. 12 anos)
 com Montgomery Wood e Evelyn Stewart
ADEUS, GRINGO

IMPERIO
 (M. 17 anos)
 As 15.15 e 21.30
 Um filme de espionagem passado na Alemanha Oriental
 Telef. 55 51 34

A FRONTEIRA DO MEDO
 Montgomery Clift e a bela Macha Mirel em duas grandes gravações

estudio
 As 21.45 (M. 17 anos)
 Uma realização surpreendente de Agnès Varda
 Telef. 55 51 34

PÁGINAS ÍNTIMAS
 Grandes interpretações de Catherine Deneuve e Michel Piccoli
 As 15.30 e 18.30 — Últimas exhibições de **TEMPO DE IMPEDADE**

EDEN
 As 15.15, 18.30 e 21.30 (Adultos)
 Toda a feroz luta pela vida no nascimento do Mundo
 Telef. 32 07 68

QUANDO O MUNDO NASCEU
 c/ Raquel Welch e John Richardson

ODEON
 As 15.15 (p. r.) e 21.30
6.ª SEMANA
 Um extraordinário filme musical com o famoso ídolo das multidões **RAPHAEL**
 Telef. 32 62 83

QUANDO TU NÃO ESTAS
 Arrebatadoras canções
 Eastmancolor (M. 12 anos)

ALVALADE
 As 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 12 anos)
 Telef. 76 30 80

ANJOS REBELDES
 com Rosalind Russel e Hayley Mills
COLUMBIACOLOR

CINE-TEATRO
 Telef. 93 75 93
LIDO
 AMADORA
 (M. 17 anos)
 Liberte-se de complexos e venha ver Alberto Sordi e Nino Manfredi no filme

OS COMPLEXOS

TERRAS
 As 15 e 21 h. (M. 12 anos)
 Telef. 32 09 17

SE TU NÃO EXISTISSES
A HISTÓRIA DE GLENN MILLER

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
 GIL VICENTE — As 21 e 45: «D. Quixote» (17 anos).
 VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Bocage — alma sem mundo» (12 anos).
 MONUMENTAL — As 21 e 45: «A promessa» (17 anos).
 A B C — As 20 e 45 e às 23: «Sete Colinas» (17 anos).

CINEMAS
 ARCO IRIS — As 21: «O colosso de Roma» (12 anos).
 CINEARTE — As 21: «Férias no Harém» (12 anos).
 IMPERIAL — As 21: «Brigada antigang» (17 anos).
 JARDIM — As 21: «Mulher sem cara» (17 anos).
 OLIMPIA — As 19: «Tarzan e a caçadora» (12 anos).
 PARIS — As 21: «A espada de Ali-Babá» (12 anos).
 PROMOTORA — As 21: «5000 dólares vivo ou morto» (17 anos).
 ROYAL — As 21: «O último Moicano» (12 anos).
 CAMPOLIDE — As 21: «El Greco» (12 anos).
 VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «Contrato para matar» (17 anos).
 PALATINO — As 21: «3 raparigas em Paris» (12 anos).
 BOMBEIROS V. DE LOURES — As 21 e 30: «O caso Ipress» (17 anos).
 CASTANHEIRA — As 21 e 45: «Aventura em Junho» (17 anos).
 SPORT L E BENFICA — As 21 e 15: «Escola de bem gozar a vida» (17 anos).
 MOSCAVIDE — As 21: «Pampa selvagem» (17 anos).

● **Na Linha de Cascais**
CINEMAS
 ALGES — STADIUM — As 21: «OSS 77 — Operação Flor de Lotus» e «Sepultado vivos» (17 anos).
 PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Rita, a filha americana» e «Chega-lhe que ainda mexe» (12 anos).
 ESTORIL — CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «A voz do sangue» (12 anos).
 CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «007 desafia os assassinos» (17 anos).

● **Na Outra Banda**
ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «Missão desesperada» (17 anos); ACADÉMIA — 21 e 15: «Nevada Smith» (12 anos).
 TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Os heróis de Telemark» (17 anos).
 COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «Não sou digno de ti» e «Lady Godiva» (12 anos).

● **Na Linha de Sintra**
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 15: «Ursos, o gladiador» e «As 3 espadas do Zorro» (12 anos).
 SINTRA — CINE-TEATRO — As 21 e 30: «Devagar não corre» (12 anos).

30 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

UM «WESTERN» DA MAIS ALTA CATEGORIA

ROBERT TAYLOR

na poderosa figura do mais rápido «Colt» do Oeste...



A VOLTA DO PISTOLEIRO
 «Return of the Gunfighter»
 com **CHAD EVERETT · ANA MARTIN**
 Argumento de História de Robert BUCKNER · Burt KENNEDY e Robert BUCKNER · James NEILSON · Frank KING e Maurice KING
 Realização de Produção de Robert BUCKNER · James NEILSON · Frank KING e Maurice KING
 METROCOLOR MGM
 Maiores de 12 anos

AMANHÃ ESTREIA
 DE GRANDE ESPECTATIVA
CONDES

ESPECTACULAR VENDA DE FRIGORÍFICOS
PLANO DE TROCAS VALE TUDO!



traga o que tiver e troque pelo **FRIGORÍFICO** que quiser!

Qualquer aparelho velho, antiquado ou inútil vale como parte do pagamento! Um avaliador estará nas lojas DARDO durante o dia inteiro, à sua disposição!

Traga qualquer velharia e leve um **FRIGORÍFICO** novo em folha!

em qualquer das 5 lojas

Dardo

MAIORES FACILIDADES MENORES PREÇOS

AV. DA LIBERDADE, 131 · R. S. BENTO, 53-57

AV. ALM. REIS, 124 · P. DE LONDRES, 7 · R. 1.ª DE MAIO, 146 (S. Amaro)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Choque na alta roda» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «O assalto ao Queen Mary» e «Um namorado com sorte» (12 anos).
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — As 21 e 30: «A presa humana» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Operação extermínio» (12 anos).

INSTITUTOS

Preparação intensiva para admissão aos institutos Comercial e Industrial

CURSO LICEAL

1.ª, 2.ª e 3.ª Ciclos

ACEITAM-SE JA ALUNOS PARA OS EXAMES DE OUTUBRO
 ESCOLA SÃO VICENTE — RUA DO PARAISO, 28 — Tel. 865904

bom apetite

RESTAURANTE MONTE ALENTEJANO
 Diariamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco, Enchido de Borrego, Sopa de cachola e mais pratos regionais
 Rua D. Luís de Noronha, 32-A (A Av. de Bernal — Telef. 778095)

PROGRESSO
 RESTAURANTE · CERVEJARIA
 R. Barata Salgueiro, 2 — Telef. 40115
 AMANHÃ
 SACALHAU A GOMES DE SA e CARIL DE FRANGO
 SÁBADO
 BIFES DE ATUM A SOTAVENTO e PEITO DE VITELA RECHEADO

RESTAURANTE CASTANHEIRA
 DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA
 Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
 SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
 AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
 (Maiores de 15 anos)

CHURRASCO
RESTAURANTE
 ABERTO ATÉ AS 3.30 H.
 Rua das Portas S. Antão, 83
 Telef. 323059

TROPAS ISRAELITAS EM DIFICULDADE NO DESERTO DO SINAI

Os árabes rejeitam o cessar-fogo

ARGEL, 8 — (A.N.I., F.P. e R.) — «Não haverá cessar-fogo para a nação árabe» — diz o jornal «El Moujahid», órgão do Governo argeliano, afirmando que a vitória dos árabes «é certa».

Por sua vez, Rádio Argel proclamou:

«Os Estados Unidos, a Inglaterra e Israel lançaram uma agressão contra nós e agora pedem-nos que aceitemos um cessar-fogo incondicional e sem garantias. Em face destes actos de agressão, afirmamos que não haverá cessar-fogo».

Por seu turno, o Egipto tornou hoje oficial a sua rejeição do cessar-fogo, determinado pelas Nações Unidas.

A primeira afirmação não oficial da rejeição egípcia fora feita pouco depois de o presidente Nasser

ter conferenciado com o embaixador russo no Cairo, que lhe entregou uma mensagem do primeiro-ministro soviético.

A Tunísia e o Kuwait anunciam idêntico propósito.

Entretanto, as emissoras egípcias, sírias e iraquianas incitam as suas tropas ao combate, apesar da ordem de cessar-fogo.

«AL AHAM» — ISRAEL RECEBEU AVIÕES AMERICANOS

CAIRO, 8 — (F. P.) — «Israel recebeu pelo menos 200 aviões dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, antes de lançar a agressão contra os árabes» — escreve hoje o «Al Aham», em artigo do seu correspondente em Nova York.

O jornal egípcio precisa que esta informação foi dada pelo delegado de um país asiático das Nações Unidas que deseja conservar o anonimato. O delegado asiático — acrescenta o «Al Aham» — afirma que o departamento da defesa americano foi informado dos planos militares israelitas antes do começo das hostilidades.

Apelo do Papa aos beligerantes

CIDADE DO VATICANO, 8 — (R.) — O Papa Paulo VI dirigiu hoje um apelo aos presidentes de Israel, do Iraque, da R. A. U., da Síria e ao rei Hussein da Jordânia para que acatem a moção do Conselho de Segurança da O. N. U. com vista a um cessar-fogo imediato.

O «Al Akhbar», jornal de grande circulação, disse em editorial que os árabes firmemente pensavam que a guerra com Israel era a batalha do destino, a batalha da vida e da morte.

ALMAZA ATINGIDA?

CAIRO, 8 — (F. P.) — Na capital egípcia sucedem-se os rebates aéreos que são precedidos de explosões surdas.

Eleva-se denso fumo da base militar aérea de Almaza.

Moscovo estuda a atitude a adoptar

MOSCOVO, 8 — (R.) — O Kremlin estuda a atitude a tomar na crise do Médio-Oriente, perante a continuação da luta, apesar da moção soviética pedindo o cessar-fogo imediato ter sido aprovada, ontem à noite, pelo Conselho de Segurança.

Tanto a imprensa como a Rádio de Moscovo mantêm silêncio sobre a recusa do Egipto e do Iraque em acatarem o pedido de cessar-fogo feito pela O. N. U., anteontem, mas acusam Israel de não o ter respeitado.

Antes daquela moção, a União Soviética insistira para que Israel retirasse as suas tropas para as posições

que ocupava, antes do início das hostilidades.

Os embaixadores árabes em Moscovo procuraram ontem organizar uma reunião em conjunto com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, a fim de esclarecerem qual é exactamente a posição soviética. Não há porém qualquer informação oficial de que tal reunião se tenha efectuado.

PEDE-SE A SUPRESSÃO DA CENSURA NA RÚSSIA

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — Entre os 473 delegados que participaram no 4.º Congresso dos Escritores Soviéticos, oitenta e dois, entre os quais Evtuchenko, assinaram uma carta colectiva em que se pede que a mensagem dirigida por Alexandre Soljenitzyn ao Congresso seja objecto de um debate publico.

Nesta carta, que não foi divulgada — mas que circulou nos meios comunistas estrangeiros de Moscovo — o autor de «um dia de Ivan Denisovitch» reclamava designadamente a supressão da Censura e a transformação da União dos Escritores num organismo de defesa de «todos os direitos dos seus membros».

QUE DESTINO DAR A 12 MIL CONTOS?

Quem sabe se, esta, não será a pergunta que o leitor terá que considerar, com toda a ponderação, amanhã à tarde? Efectivamente, que fará a doze mil notas de conto, se a «taluda» da lotaria de Santo António escolher o número do seu bilhete?

Uma possibilidade, bem real, e a que há que ter na devida conta. Claro, que não sabemos qual seja o ponto de vista de cada um que nos lê, até porque cada qual manda no que é seu. Uma observação, nos permitimos, contudo. Se a sorte grande lhes bater à porta, nada de resoluções precipitadas.

CAIRO, 8 — (R.) — Aviação egípcia atacaram, hoje, os israelitas no deserto do Sinai, enquanto novos caças «Migs» estavam a chegar vindos da Argélia, disseram notícias da imprensa e da Rádio do Cairo.

A Rádio, repetidamente, declarou que o dia de hoje seria decisivo na guerra.

Disse que diversas colunas blindadas israelitas se encontravam, agora, «encurraladas» entre El Arish e a costa, na extremidade Nordeste do Sinai.

Tanques israelitas tinham tentado infiltrar-se por detrás de El Arish e prosseguiram ao longo da costa, mas a Força Aérea egípcia tinha-os destruído dentro da própria El Arish, acrescentou a emissora.

Também disse que três aviões dos Estados Unidos tinham sido avistados a sobrevoar o canal de Suez, vindos de Norte para Sul, aparentemente efectuando um reconhecimento.

O jornal «Al Aham» que reflecte os pontos de vista oficiais egípcios, disse que novos esquadrões de caças «Migs» tinham chegado a uma base aérea egípcia vindos da Argélia e que cinco aviões de transporte tinham levado unidades avançadas marroquinas para combaterem ao lado das forças da R. A. U.

O jornal disse que tinham sido infligidas duras perdas aos soldados israelitas no Sinai. O inimigo tinha 180 mil homens na região, acrescentava.

O petroleiro «Gerez» aguarda ordens na baía do Suez

O petroleiro «Gerez», procedente do Golfo Pérsico, com carregamento completo, recebeu instruções para fundear na baía do Suez (fora do extremo sul do Canal) e aguardar ali novas ordens.

O petroleiro «Dondo», por seu turno, já recebeu instruções para vir pela rota do Cabo.

O petroleiro «Alvelos», que está em reparação em Malta, ficará pronto depois de amanhã e só então receberá instruções sobre a rota a seguir.

O paquete «Timor» que abandonou a rota do Canal, como dissemos, navega para o porto da Beira.

ALTIFALANTES

KEF

NA FIL

Mais uma vez os extraordinários altifalantes KEF estarão representados na FIL. Em distribuição o folheto «Como escolher um altifalante», edição inglesa de Raymond E. Cooke.

JORGE GONÇALVES
Stand n.º 529 - Galeria AA

CONFIE NA

Curiosaria da
GUIA

COMO O FAZ, HA QUASE 100 ANOS,
UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



***CAMPO
PEQUENO***

H O J E
AS 22 HORAS

M/6anos

**De novo
os melhores
da nova
geração**

**ÓSCAR
ROSMANO**

**JOSÉ
FALCÃO**

**MESTRE
BAPTISTA**

**JOSÉ M.
CORTES**



**FORCADOS
AMADORES
DA TERTÚLIA
TAUROMÁQUICA DO
MONTIJO, chefiados
por Renato Dias**

**TOIROS
de Mariano Garcia
e dos Herd. do
Dr. Henriques da Silva**

Tel. 77 18 19 - 76 15 39
- 32 17 12 e 3 07 89

**chega antes
do acidente**



SEGURO DO LAR



O Seguro do Lar é o único que lhe garante, por cada objecto destruído, o valor necessário para a sua substituição (e não o valor em 2.ª mão, nem o valor pelo qual V. comprou ... há anos).

O Seguro Império garante o lar, o conforto, a certeza de que poderá reconstruir um ambiente tal como era antes. Garante os objectos que lhe dão alegria, comodidade ou simplesmente prestígio.

Tudo isto, por um prémio anual insignificante.

Mas não esqueça: o Seguro do Lar só chega antes ... se V. o chamar! Recorte, preencha e envie-nos hoje mesmo, o Cupão abaixo:

A Império, Rua Garrett, 62, Lisboa 2

CUPÃO

sem qualquer compromisso da minha parte, quero ser informado, no mais breve prazo, de todas as condições do Seguro do Lar.

NOME _____

RUA _____

LOCALIDADE _____ TELEFONE _____

IAO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Vida literária e artística

2.º CADERNO

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Notícias

N.º 462

8-6-1967

AS RELAÇÕES PESSOAIS E LITERÁRIAS DE EÇA DE QUEIROZ E MACHADO DE ASSIS (4)

Por VICENTE DE FARIA COELHO

Machado de Assis, na sua insensibilidade, aumentada após a morte da mulher, não tendo filhos, isolou-se na casa do Cosme Velho; mas, para com Eça de Queiroz, amenizava essa insensibilidade ao receber os recados amáveis que chegavam de Paris, transmitidos pelos brasileiros que o informavam do bom conceito em que Eça o tinha e das palavras amigas e de admiração com que aludia à sua obra literária.

Enviou a Eça, embora com dedicatória sobremodo árida, o seu livro «Quincas Borba»: «A Eça de Queiroz — Machado de Assis, 16.4.92». Essa dedicatória, Josué Montelo a classificou como «um modelo de secura» — «sem uma palavra amável, que puxasse pela cordialidade do confrade».

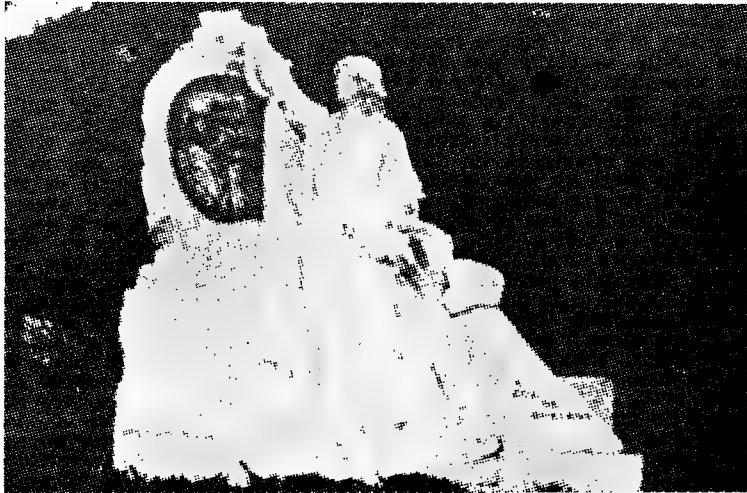
A Eça de Queiroz custou a receber o livro (e tê-lo recebido?), pois não se encontrava em Paris. Havia ido a Portugal.

O livro foi enviado para o es-

critório da «Gazeta de Notícias», em Paris, no Faubourg St. Honoré. Quem o recebeu foi Domicio da Gama, que acusou o seu recebimento a Machado de Assis, por carta de 12 de Junho de 1892: «Quería também falar-lhe no «Quincas Borba», que li no exemplar que o senhor mandou ao Eça de Queiroz, lá para o escritório da «Gazeta». O Eça está em Portugal e o seu livro está aqui em casa. Quando ele voltar lhe escreverá, naturalmente. Ele é talvez o seu maior admirador na Europa. Chama-o de extraordinário, que é o seu qualificativo superlativo de artista. Nós conversamos muito sobre tudo o que de sua pena aparece por aqui. O seu último livro foi um sucesso em toda a linha».

Indagámos acima: e tê-lo recebido?, porque nada se encontrou nos arquivos de Machado, a guisa de agradecimento de Eça pela remessa do livro.

O exemplar do «Quincas Borba», com a dedicatória do autor ao romancista português, pertence, actualmente, à viúva de Afrânio Peixoto, que não soube dar qualquer informação de como o seu ilustre marido o adquiriu. Tivemos-o em mãos ao visitar a exposição sobre Eça de Queiroz, no pavilhão da Exposição de Portugal, no Rio de Janeiro, quando se comemorou o centenário da



Monumento a Eça de Queiroz no Rio de Janeiro

CHESTOV E O ESSENCIAL

Por EUGÉNIO IONESCO

Entre os filósofos russos que a revolução não fez desviar da grande tradição metafísica cita-se com muito maior frequência Berdiaev do que Chestov. No entanto, a obra deste último «A Filosofia da Trágica», que a editora francesa Flammarion acaba de reeditar, exerce profunda influência na escola das gerações de intelectuais entre as duas guerras. Os leitores de todas as tendências sentiram-se deslumbrados ao encontrar, fi-

nalmente, um pensador tão próximo das preocupações e da linguagem comuns, reconhecendo-se a si próprios no esforço para recusar as imposições da Razão, as decepções do real e os silêncios do transcendente. Eugénio Ionesco, como tantos mais, encontrou em Chestov um eco fraterno aos seus espantos essenciais e à sua obsessão do absurdo. Assim o proclama neste

(Continua na página seguinte)

(Continua na página seguinte)

A criação do livro (de um romance-poema)

por António Ramos Rosa

A folha disposta sucessão de telhados, a inserção exacta e móvel, disposição e maneio circular de um espaço onde a mão encontra a espessura cálida e seca, outra propagação da terra, o gosto do deserto a tranquila claridade do dia a recuperar no arranjo das sílabas, o encontro futuro, iminente, regressando a uma origem a perfazer, impulso revindo por intervalos de aquém onde a palpação do sangue se conjugava com o tremor da cidade, travejamento sensível da madeira, intervenção lenta e ondulante, o toque brusco de uma palavra áspera, o dizível lastro de pedras e de água solta na precipitação das linhas, um conjunto móvel a formar desse subconjunto latente através do deserto sempre presente, o que não é mas só revém pelo brusco golpe de uma decisão scdenta, limite onde tudo se cala num rumor idêntico e vazio, corpo a formar na extensão plana, o volume do livro discernível à mão decompositora, possibilidade de fluir congelada e remível ao olhar totalizador, inscrevendo-se por massas escuras e opacas na total translucidez sob novas camadas articulando-se à resistência flexível para o manuseio-olhar do consumo originário, a travessia da ponte que mergulha na negra toalha de água donde a palavra surge fosforescente, é o fogo mesmo que é preciso trabalhar na terra deserta, e são alamedas novas, quotidianas, redi-vas que se delineiam, submergidas logo pela própria inércia de um voo que se detém e morre na brancura do sul, terra, terra, não é um grilo é a própria palavra modelada entre a origem e o fim, é a mão que o livro desenha, que a mão desenha, lá no fim-princípio para onde se desgarra a ansia de escrever, possível nascimento ou morte, água futura que a boca presente beija através do deserto em que navega.

PARA UM TEATRO ÉPICO

«Bocage, alma sem mundo»

de Luzia Maria Martins

por FERNANDO LUSO SOARES



BOCAGE

A maneira da crítica a que estamos habituados, eu poderia dizer o seguinte: que a peça de Luzia Maria Martins era um magnífico espectáculo (com o que escrevia a verdade); que «Bocage, alma sem mundo», era o começo já irreversível de uma esperança quanto a podermos contar com um teatro épico cheio de dignidade e de beleza, praticado por uma companhia de óptimos naipes, talvez a única com possibilidades no domínio deste tipo de teatro moderno em Portugal (com o que afirmava mais duas ou três verdades que o nosso público parece continuar a não merecer); e ainda que a estrutura desta obra para teatro faz lembrar, ou pelo menos evoca, o chamado drama-documentário de que nos falava Piscator, o qual apresentava ao espectador o «decurso épico de uma época» em forma de reportagem. A esse propósito até dava certo tom de erudição citar as palavras

do grande encenador e homem de teatro, que passo a reproduzir intencionalmente: «Considero ideia básica de todas as acções cénicas — escreveu, com efeito, Erwin Piscator — a ampliação das cenas privadas pela passagem ao histórico...». «Já não se trata — continuava ele — de realçar a curva interna da acção dramática, mas o decurso épico de uma época». E concluía assim: «O drama interessa-nos na medida em que possa apoiar-se no documento».

Aduzadas tais palavras eu diria, ainda à maneira da crítica a que estamos habituados, que estava encontrada a chave da porta que Luzia Maria Martins nos quisera abrir. A origem de «Bocage, alma sem mundo», que por certo determinara a sua estruturação épica e episódica, assentava naquele facto que a autora fizera consignar no programa do Teatro Estudado de Lisboa: que a ideia da peça «texto baseado em documentos de arquivos portugueses, espanhóis e ingleses e trechos de «European Travels», de William Beckford», fora atingir os múltiplos significados do retrato de uma época a pretexto de retalhos biográficos de Manuel Maria Barbosa du Bocage. E a finalizar o meu comentário eu diria ainda (aliás porque gostei de tudo, desde a fluência do texto à interpolação dos elementos retardantes da ac-

(Continua na página seguinte)

A OBRA DE SOULAGES NO MUSEU DE ARTE MODERNA DE PARIS

No Museu de Arte Moderna de Paris foi recentemente apresentada uma ampla retrospectiva da obra do pintor Pierre Soulages, organizada pelo conservador Bernard Dorival. O artista, que se instalou em Paris em 1939, expôs no Salão dos Super-Independentes, em 1946, posteriormente no Salão de Maio e em outros certames parisienses de grande projecção. Obteve um prémio na Bienal de S. Paulo, em 1953, e em 1957 o prémio maior da Exposição Internacional de Tóquio. Tem colaborado na decoração e encenação de peças de teatro de escritores prestigiosos, como «La Puissance et la Gloire», de Graham Green e «Héloïse et Abélard», de Vaillant.

Os quadros de Soulages são, geralmente, de grandes dimensões, não-figurativos e caracterizados pela justaposição de barras negras muito largas que ocupam



Soulages no seu atelier

a maior parte da tela, fazendo destacar o colorido claro e vivo do fundo. Os efeitos conseguidos pelo pintor são sóbrios e maelicos, impressionantes em muitos casos, adaptando-se expressivamente ao estilo da arquitectura contemporânea.

Exposição de Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas no Porto

A partir de amanhã está aberta ao público, na galeria da Livraria Divulgação, no Porto, uma exposição de obras de poesia pictórica de Mário Cesariny de Vasconcelos e Cruzeiro Seixas, incluindo dois quadros executados em colaboração com o poeta Carlos Eurico da Costa.

No decurso da exposição em data a anunciar, Ernesto Sampaio fará uma palestra no mesmo local sobre o Surrealismo em Portugal, seguindo-se a leitura de textos representativos desse movimento literário e artístico por Mário Cesariny e Fernanda Alves.

«Bocage, alma sem mundo»

(Continuação da página anterior)

ção, á marcação e representação das figuras e á concepção da cena, que por meio de variações mínimas nos enquadra nos momentos próprios) que a peça alcança muito acertadamente o sentido mítico confessado pela autora na faixa do citado programa: «Bocage é um mito, o que corresponde a dizer que todas as pessoas têm a sua visão pessoal do poeta». Mas tudo isto respeitava á peça como obra posta em movimento, isto é, passada de documento a documentário. Portanto, não viria a despropósito recheiar a crítica um

Interpretações e comentários

de literatura

por Alberto Xavier

Coligindo e seleccionando escritos dispersos sobre temas variados de literatura portuguesa e estrangeira reuniu Alberto Xavier, que o dobar dos anos não desviou destes interesses, um livro de interpretações e comentários de sugestiva leitura. Intitula-se «Camilo e outras figuras e factos da literatura nacional e internacional» e foi agora editado pela *Livraria Féria*, de Lisboa. Cinco temas camilianos abrem o volume, seguindo-se anotações ou ensaios breves em que perpassam as figuras e as obras de António Sardinha, Garrett, Júlio Dantas, Teófilo, Eça, Sousa Martins, o escultor João da Silva, Rabelais, Shakespeare, Cervantes, Rousseau, Goethe, Madame de Staël, Musset, Balzac, os Goncourt, etc. — galeria vasta e múltipla que dá testemunho de leitura imensa e de interesse intelectual sempre desperto.

Na longa bibliografia de Alberto Xavier sobre assuntos literários fica este livro a figurar como expressão de um género — a crónica de interpretação e crítica — que constitui em todos os países um índice de civilização espiritual.

pouco mais, descreteando sobre a função didáctica que Brecht defendeu para o teatro narrativo, em substituição da pura catarse aristotélica; e daí tornava-se possível que algumas pessoas menos exigentes dessem em pensar tratar-se de uma apreciação muito douta e profunda. Como veremos, porém, não deve ser isso o que está em causa numa verdadeira crítica, para mais considerada a natureza analítica do drama-documentário, ou seja, a compreensão de um vasto passado nas poucas horas do presente cénico.

No polémicamente já célebre *Sur Racine*, de Roland Barthes, contra o qual, por razões óbvias, investi todo o aparelho crítico de tipo clássico (mas *étriqué* como todos os Raymond Picard da França e arredores) o comentário furta-se ao conformismo pretensioso, até mesmo erudito, mas irremediavelmente balofo. Enquanto a crítica teve por função tradicional julgar as obras dos outros, ela não pôde deixar de ser o que sempre tem sido: conformista com os interesses dos próprios críticos. Mas a «nova crítica», a análise das estruturas, da linguagem, dos seres em jogo relacionai, não consiste em julgar, antes porém se realiza com «distinguir», «separar» e «desdobrar». Só assim, mediante uma actividade protética (que não paralisa a história, ao contrário do que pretendeu Lefebvre na sua *Metaphilosophie*) o crítico colhe a maior amplitude nos planos sincrónicos da realidade, como ponto de partida para uma mais compreensiva dialectização da mesma no plano diacrónico, isto é, na marcha histórica do tempo. A crítica moderna tem assim, necessariamente, de percorrer um caminho bem distinto do da crítica tradicional: ela não julga nada; simplesmente desmonta, compreende e reconstrói. E, para um fim como esse, nós podemos partir da curiosa anotação já transcrita do programa de Teatro sobre o carácter mítico de Bocage. O retrato de Manuel Maria, neste belo drama-documentário que cimenta um decidido roteiro para o teatro anti-conventional dos nossos dias, é o que interessa ao entrecortar das significações e dos símbolos. Daí, resulta, efectivamente, que os retratos biográficos do poeta só tenham relevo como pontos de concreta significação das estruturas sociais, filosóficas, políticas, morais e económicas da sua época. Tal como concluiu Bar-

thes ao estudar o teatro de Racine segundo o seu método estruturalista, o «vrai Racine» (agora o verdadeiro Bocage), o «Racine-ense» (o Bocage ele próprio) não passa de ser um sonho aberrante de qualquer metafísica. Barthes pegou em Racine e desmontou-o nos seus «elementos estruturais» (no sentido que esta palavra traz da antropologia de um Lévi-Strauss, quando não já da linguística de um Saussure). Depois observou o jogo desses elementos puramente relacionais, tratando de averiguar o seu funcionamento.

Luzia Maria Martins procedeu de forma idêntica á do crítico francês. Pegou em Bocage-homem, tomou-o como fragmento da sua época e integrou-o em jogo com os outros fragmentos contemporâneos. Não basta, todavia, uma análise sincrónica de significados, todos do mesmo plano temporal, para a figura ficar realisticamente analisada. Um Racine psicológico (um Bocage psicológico), um Racine social (um Bocage social), um Racine ético (um Bocage ético) — tudo isso podia ser muito, do ponto de vista realístico, mas seria pouco, mesmo assim. É que o realismo estrutural não se detém onde os antecessores de Barthes e de Goldmann se detiveram. Com Barthes chegou-se á análise das significações míticas no drama raciniano, e com Goldmann, que acrescentou ao método estrutural uma perspectiva sociológico-genética, aferiu-se o que este contributo importa, independentemente de mais, para ficar implícito um juízo de valor sobre a própria obra literária. Tal como acontece com a «língua», cuja origem se perde e que, por isso, não pode ser pensada historicamente, a realidade transporta-se para um plano mítico, forma estruturas que passam a ser significativas para o homem, ainda que tenha sido ele quem provou a sua formação, quem as construiu. Eis o que acontece ao Bocage, de Luzia Maria Martins. Ele é já um mito, como lucidamente a autora observou — um mito feito por nós, mas que está fora de nós, pairante como «engrenagem» que domina, informa, e se desdobra em significados. Bocage não aparece como uma pessoa de quem estamos a presenciar simplesmente o seu comportamento no mundo. Ele vem com mera expressão materializada do mito que se gerou e que para como uma estrutura significante.

FERNANDO LUSO SOARES

As relações pessoais e literárias de Eça de Queiroz e Machado de Assis

(Continuação da página anterior)

primeira publicação literária do romancista português.

Sobre as atitudes e delicadezas recíprocas de Eça e Machado citaremos algumas manifestações encontradas em cartas e escritos diversos:

Em 6 de Junho de 1897, Magalhães Azeredo, que habitava Paris, declarou em missiva a Machado de Assis: «Vejo aqui com muita frequência o ilustre romancista Eça de Queiroz, que, como sabe, o tem em grande apreço».

Machado de Assis, respondendo, prometeu a remessa de um conto para a *Revista Moderna*, o que não cumpriu, acrescentando: «Também recebi, mandados pelo editor, dois números da *Revista Moderna*, que me parecem, literária e materialmente, bem feitos. Os dois contos de Eça de Queiroz, *Perfeição* e *José Matias*, são lindos».

Ainda, Magalhães de Azeredo, em carta de 11 de Novembro de 1897: «Domício da Gama, que vejo aqui com frequência, e que é um fino espírito, me pede lhe transmita muitas lembranças e Eça de Queiroz me encarrega de mandar-lhe um grande abraço espiritual». E adiante: «Não imagina que simpatia e que entusiástico apreço ele manifesta á seu respeito».

Machado de Assis respondeu, no dia 7 de Dezembro de 1897, para agradecer «as recomendações de Domício» e o abraço espiritual de Eça «cujo grande talento tem aqui á admiração de todos, novos e velhos».

Anos atrás, realmente, Machado de Assis manteve em relação ao confrade português, «um ar de polida cerimónia», como assinalou Josué Montelo, atitude que Heitor Lyra preferiu designar como «de uma polida frieza».

Todavia, por volta de 1898, mais conciliado literariamente com Eça de Queiroz, talvez tocado pela magia dos conceitos elogiosos por ele emitidos, o reservado Machado de Assis assim se expressou: «Começamos aqui a ler a *Ilustre Casa de Ramires*, que promete ser (aca-

demicamente falando) nova floreação para o nosso Eça de Queiroz. A arte com que está posta, desenhada e pintada a principal figura, é, realmente, admirável, e não preciso falar particularmente da língua e do estilo, que fazem parte dele».

Notem-se as expressões carinhosas usadas por Machado de Assis; elas mostram quão longe estava o tempo da causticante crítica por ele feita, quando do aparecimento do *Primo Basílio*.

Ponderou, a respeito disso, o erudito Heitor Lyra, que «a chamada escola realista tinha, afinal, vencido em toda a linha, e, que o romancista brasileiro, apesar de todos os preconceitos literários, do seu feito de homem e de artista e do pouco que evoluiu na sua maneira de escrever, não podia, afinal, ficar atrás de seu tempo». Realmente, Machado de Assis acabou por conciliar-se com a escola literária que tanto combatia.

Por ocasião do falecimento de Eça de Queiroz, escreveu Machado de Assis uma carta a Henrique Chaves, que substituiu Ferreira de Araújo, por morte deste, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, repassada de belos conceitos e de carinhosas expressões. Eis a carta, que merece lida e tem a encimá-la o título «Eça de Queiroz»:

«23 de agosto de 1900
Meu caro H. Chaves. Que hei-de eu dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdessemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais válido. E tal família não se compõe só dos que contactam com ele na vida do espírito, mas, também, das reliquias da outra geração e, finalmente, da flor nova. Tal que começou pela estranheza, acabou pela admiração. Os mesmos que ele havia ferido, quando exercia a crítica directa e cotidiana, perdoaram-lhe o mal da dor pelo mel da língua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a força que os uniu umas e outras, como só as une a grande arte. A arte existia, a língua existia, nem podíamos os dois povos, sem elas guardar o património de Vieira e Camões; mas cada passo do século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas.

A antiguidade consolava-se dos que morriam cedo, considerando que era a sorte daqueles a quem os deuses amavam. Quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam de entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever á terra que o ouviu e admirou. Onde ela é sem compensação é no ponto da vida em que o engenhoso subido ao grau sumo, como aquele Eça de Queiroz — e como o nosso querido Ferreira de Araújo, que ontem fomos levar ao cemitério, — tem ainda muito que dar e perferir. Essa plena força da idade, o mal que os toma e lhes tira da mão a pena que trabalha e evoca, pinta, canta, faz todos os officios da criação espiritual.

Por mais esperado que fosse este óbito, veio como repentino. Domício da Gama, ao transmitir-me há poucos meses um abraço de Eça, já o cria agonizante. Não sei se chegou a tempo de lhe dar o meu. Nem ele, nem Eduardo Prado, seus amigos, terão visto apagar-se de todo aquele rijo e fino espírito, mas um e outro devem contá-lo aos que deste lado falam a mesma língua, admiram os memos livros e estimavam o mesmo homem» (*In Machado de Assis, Outras Relíquias*, edição Garnier).

Dêsse modo, Machado de Assis encerrou, sublimemente, a sua admiração pelo inigualável escritor português, deixando gravadas, em letras de ouro e com inconfundível sinceridade, tudo o que merecia que fosse dito a respeito do imortal Eça de Queiroz.

V. FARIA COELHO

CHESTOV E O ESSENCIAL

(Continuação da página anterior)

comentário de impressionante vibração.

Era eu estudante quando li pela primeira vez alguns livros de Lev Chestov, traduzidos e apresentados com grande profundidade de análise e subtilidade por Boris de Schloetzer. O primeiro desses livros intitulava-se «As revelações da Morte». Boris de Schloetzer explicava Chestov, que por sua vez explicava Nietzsche, Tolstói e Dostoevski, que por seu turno intentavam explicar ou compreender a tragédia do destino humano. No fim de contas, Schloetzer, como Chestov como Nietzsche, Tolstói e Dostoevski preocupavam-se essencialmente com os mesmos problemas essenciais: as primeiras razões e os fins últimos.

Chestov, designadamente, seguia o seu velho mestre Plotino quando dizia que não temos tempo a perder e que a única questão importante é ocupar-se do que constitui, verdadeiramente, o problema mais importante. Nesse tempo da minha juventude, um amigo e companheiro de Universidade tinha visto morrer a avó, a quem muito queria. O que podem fazer por mim, dizia-me ele, quando perco um ente querido, o que podem fazer por esse ente que morre os monumentos mais grandiosos, as obras-primas da arte e da poesia, toda a beleza, toda a cultura, todo o saber — já que a ciência e o saber não são, afinal, o conhecimento. As verdades elementares, cada um de nós as descobre por experiência própria. O que importa é

não esquecer esses problemas que as verdades simples nos impõem, conservá-los na própria consciência, vivê-los, conferir-lhes o lugar mais importante, o primeiro lugar, na hierarquia das nossas preocupações. E porquê? Para termos consciência de nós-mesmos, para vivermos a vida autêntica e compreendermos o nosso destino que é, como disse Heidegger, o de nos projectarmos na morte. O mundo dos cuidados triviais, a vida na ignorância do que somos e daquilo para onde vamos, é também uma vida possível, mas aproxima-nos da vida das vacas.

O que esse adolescente formulava assim, em termos tão naturais, e tão nítidos, também eu já o tinha pensado, embora sem ousar reflecti-lo. Queria inconscientemente convencer-me, sem dúvida, de que os «monumentos» podem consolar-nos e curar-nos da ideia da morte. De que os «monumentos» são mais forte do que a morte, que são a coisa mais importante. Queria acreditar nisso — mas não acreditava realmente, evitava o

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

problema, recusava-me a saber a verdade. O amigo de que falei atrás, ante a agonia de uma pessoa que amava, tivera uma dessas revelações da morte de que fala Chestov. Li os seus livros pouco tempo depois. Mas a confissão do meu jovem amigo tinha-me preparado para o ler, para o compreender, para me compreender a mim-mesmo através de Chestov, ou melhor, através dos escritores situados na luz da verdade por Chestov. Desde esse momento, creio conhecer a verdade do nosso destino, entendendo o que é mais importante: tomar consciência da tragédia metafísica.

Na época em que li Chestov, toda a França, toda a literatura francesa, ou quase, dominando o mundo literário de outros países, tinha duas preocupações: a política e as histórias de adultério. Tinha havido Pascal, é certo, mas quem se preocupava com ele? Desde Racine, e por causa de Racine, a literatura do adultério proliferou no romance, no teatro e na poesia. Desde Corneille, e por causa de Corneille, talvez, a literatura apoderou-se da política. Desde Molière, outro sector da literatura francesa mistura o tema do adultério e a preocupação política. Com um clarão de lucidez e outros clarões, talvez diversos, para o Molière de «Don Juan». Com que se preocuparam os espíritos, desde esse século XVII? Com a psicologia amorosa, na ausência de amor verdadeiro, com a política e a rebelião. A França contaminou o mundo com a sua paixão da rebelião política, substituindo-se a uma revolta mais justificada, mais metafísica — a revolta contra a situação do homem no mundo, contra a condição do homem. Temos agora no mundo inteiro, desde a Re-

volução Francesa, uma espécie de mania da revolução. Está bem que se seja revolucionário. Desde que se fale em revolução, saudamos essa palavra tabu. Mas, sob o ponto de vista do progresso técnico, que não é, decerto, a coisa mais importante, as revoluções são nefastas — porque nada têm que ver com o progresso e a evolução da técnica, não a ajudam, antes a retardam, e reinstalam sob outros nomes as tiranias que tendem a enfraquecer.

Não discutirei mais, por agora, este problema. O que é certo, no entanto, é que o apaixonado da política é um apaixonado do efémero, voltando as costas aos problemas fundamentais. E é igualmente evidente que o obcecado pelas histórias de adultérios esquece o amor, faz por esquecer o amor e por esconder aos seus próprios olhos o mesmo problema fundamental, a grande revelação luminosa que pode trazer-nos o problema fundamental: o da nossa verdade essencial, o da morte. Olhe-se á volta, para todos os pequenos ideólogos, para os filósofos, para os «politisados», eleições, eleições... Que confusão, que caos, que névoas...

Reedita-se Chestov, um grande pensador esquecido. Talvez ele venha ajudar-nos, aos desorientados, a reencontrar-nos, a situar-nos de novo em face das revelações trágicas, do problema dos nossos fins últimos, do problema da nossa situação metafísica.

EUGÉNIO IONESCO

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

LIVROS DE POESIA

«PALAVRAS DISPONÍVEIS»
por **Silvia Soares**



Silvia Soares

A poetisa de «Palavras de toda a Gente» e «Horas Suspendidas», que tão bem e tão estreitamente associa a sua inspiração lírica individual com as mais largas aspirações humanas, acaba de publicar uma nova colectânea de poemas, «Palavras Disponíveis», que mais evoluidamente consagra a sua qualidade literária. A linguagem

poética de Silvia Soares ganhou sobriedade, contenção, domínio claro do que quer exprimir sem ter de sujeitar-se à retórica das imagens: «Ah! não ter eu/ a grandeza da montanha/nem a dignidade do granito/Resistir de pé a erosão tamanha/e não soltar ao céu/o mais pequeno grão».

É uma nobre e austera expressão de poesia, na sua força íntima que voluntariamente se domina, na limpidez e laconismo da forma e na musicalidade sem artifício, este livro de Silvia Soares que a *Editorial Presença* acaba de publicar em singelo e atraente arranjo gráfico.

«AS PALAVRAS FECHADAS»
por **Teresa de Melo**

Editado em Braga, o livro de poemas «As Palavras Fechadas», de Teresa de Melo, desvenda uma sensibilidade que se liberta ágilmente da retórica poética vulgar e assim consegue, algumas vezes, apreciáveis efeitos literários. A simplicidade voluntariamente mantida é o seu melhor dom.

«PROA AO VENTO»
por **Vicente Campinas**

Trinta anos de poesia publicada, uma agitada e inquieta experiência da vida, muitas desilusões inevitavelmente acumuladas, não extinguíram a veia poética de Vicente Campinas, que de longe nos faz chegar o seu novo livro «Proa ao Vento». Na dedicatória, exprime logo o autor a sua esperança e o seu drama — a um neto, que não sabe quando poderá conhecer, aos amigos nunca esquecidos, aos que «jamais perderam a fé na luta por um mundo de amor, de paz, de alegria, de fraternidade». E adiante explica que «o exílio é sempre um traço

«Viúvas de Vivos»
de **Joaquim Lagoeiro**
em 2.^a edição

O primeiro livro de Joaquim Lagoeiro, «Viúvas de Vivos», publicado há vinte anos, reapareceu em 2.^a edição, apresentada pela *Editorial Minerva*. As circunstâncias de hoje trouxeram renovada actualidade a este romance em que se retrata o drama das mulheres dos emigrantes, presas à terra e ao ambiente local que os companheiros abandonam para tentarem melhor vida e aforrar economias em terras distantes. A realidade portuguesa dos nossos dias veio mais largamente e intensamente ao encontro do tema, que Joaquim Lagoeiro versou na ficção romanesca com sentido dramático, inspiração social e casticismo de prosa.

Embora não tivesse atingido em «Viúvas de Vivos» a justeza de composição, a limpidez e a expressividade formal que conseguiu mais brilhantemente em «Santos Pecadores» — obra mais evoluída e realizada — o romance agora apresentado em 2.^a edição é testemunho de um escritor que cumpre seriamente o seu caminho.

amargo no caminho de qualquer um».

Dessa atmosfera nasce e continua a poesia de Vicente Campinas em «Proa ao Vento», uma poesia que confessa: «mal de quem não tem mais nada/além da sua esperança», mas que logo se abre em novos alentos, «molhado de verde/da esperança em flor». Tem belos versos e, em todos, um calor humano fascinante, o livro que Vicente Campinas quis acrescentar ultimamente à sua obra de poeta e novelista.

«HOJE. MAS»
por **José Alberto Marques**

Na Colecção Pedras Brancas (3.^a série) publicou José Alberto Marques um novo testemunho de experiência poética sob o título «Hoje. Mas». A sua originalidade é incontestável. A impetuosidade, a força de imaginação lírica e a vitalidade que lhe foram apontadas neste Suplemento quando publicou «A Face do Tempo», em 1964, subistem nos poemas agora divulgados. Mas o poeta continua a sua pesquisa, inventa o que a vida experimentada não chega a preencher-lhe — e apresenta neste novo livro um interessante testemunho de poesia, em que as aparências de audácia formal não escondem a dúvida latente sobre o valor literário autêntico dessas audácias.

José Alberto Marques deve ter, decerto, um longo caminho de poeta a percorrer. Será excelente que continue a ser um poeta que se espera.

«CHÃO NOSSO»
por **Francisco Viana**

Conjugando com fluência e naturalidade o humor e a emoção poética, consegue Francisco Viana, em «Chão Nosso», bons momentos de poesia. Traz a sua mensagem, em que há protesto implícito, crítica exacta, comovção recôndita — e essa mensagem é, em muitos passos, boa criação literária. Lê-se com gosto o livro, coisa que nem sempre os poetas celebrados conseguem. São vários os caminhos da poesia — e o de Francisco Viana tem um cunho muito original.



Alexandre Cabral

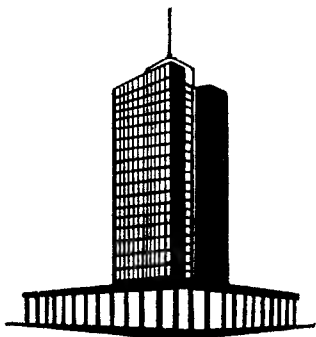
«O CARISMA DE FÁTIMA E A TEOLOGIA ISLÂMICA»
— ensaio doutrinal
de **António de Cértima**

A propósito do acontecimento religioso de Fátima e da coincidência deste topónimo com o nome árabe similar, intentou António de Cértima analisar sob uma original perspectiva as «surpreendentes convergências islamo-cristãs» inseridas na simbologia das Aparições. A ideia é curiosa, envolve audaciosas interpretações e suscita sugestiva reflexão a crenças e a não-crentes. Depois de uma introdução em que situa a sua tese, António de Cértima versa em capítulos de animada exposição doutrinal o aparecimento do Islame, as relações deste com a tradição bíblica e as possibilidades de conciliação entre o cristianismo e o islamismo.

Cumprirá a teólogos ou afins ajuizar da validade dos argumentos do autor. O ensaio «O carisma de Fátima e a teologia islâmica» tem incontestável interesse, ainda que seja a título de aventura intelectual. Edição da Parceria A. M. Pereira.



É PROPRIETÁRIO EM ANGOLA ?



DEIXE, ENTÃO, DE TER AS COMPLEXAS
PREOCUPAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO DOS
SEUS BENS IMÓVEIS NAQUELA PROVÍNCIA.

O BANCO COMERCIAL DE ANGOLA
através do seu novo
S.A.P.

assume todas as responsabilidades de :
cobrança de rendas
relações com os inquilinos
procura de novos inquilinos
obrigações fiscais
planos e execução de obras
transferência de rendas
contractos de arrendamento

todos os actos e diligências de
ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES

dirija-se hoje mesmo aos
S.A.P. — BANCO COMERCIAL DE ANGOLA
— LUANDA —

APÓIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL EM ANGOLA



Uma antologia
de **Camilo**

publicada no Brasil
por **Alexandre Cabral**

A colecção «Nossos Clássicos», da editorial brasileira *Agir*, tem a dirigi-la uma trindade literária em que se representam os valores dos dois países de língua portuguesa: Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Roberto Alvim Correia e Jorge de Sena. Estão nela representadas, em antologias precedidas de valiosos estudos por autores qualificados do Brasil e de Portugal, as maiores figuras das duas literaturas. Chegou agora a vez de Camilo Castelo Branco e da escolha dos textos e do estudo prévio assumiu o encargo Alexandre Cabral, romancista e contista que tem o seu lugar definido na ficção portuguesa contemporânea e que ao camilianismo, no melhor sentido literário tem consagrado estes últimos anos de trabalho intelectual.

Analisa o prefaciador, com sentido histórico-cultural, o ambiente em que Camilo nasceu e viveu, faz a apreciação crítica da sua obra, sem lhe esconder as fragilidades ou contradições mas sem lhe diminuir a grandeza; debate o significado do «profissionalismo» na sua carreira de escritor; e, precedendo-os de anotações nitidamente justificativas, apresenta ao longo do volume os textos do polemista, do epistológrafo, do historiógrafo, do cronista, do dramaturgo e do poeta. Deixa assim documentado o enquadramento em que se situa a obra do novelista, facilmente representável numa antologia breve e que a mesma colecção já havia testemunhado em outro volume, organizado e apresentado por Paulo de Castro.

O Camilo de múltiplas facetas fica assim retratado literariamente nesta colectânea de «Escritos Diversos» que Alexandre Cabral leva aos leitores brasileiros com fundo conhecimento e judicioso critério.

«O Conflito»
— contos e novelas
de **Manuela Montenegro**

Em edição da Sociedade de Expansão Cultural e com capa de Julio Gil acaba de ser posto à venda um volume de contos e novelas da nossa colaboradora Manuela Montenegro intitulado «O Conflito». As qualidades da contista, que deu a sua medida em «O Cavalito Árabe» e nas páginas deste jornal têm sido documentadas em colaborações assíduas, representam-se significativamente nas catorze «histórias» do volume agora publicado. A simplicidade narrativa, a fluência da intriga e do diálogo, a clareza formal, constituem valores positivos na ficção de Manuela Montenegro. E a «compreensão da simpatia», que Jacinto do Prado Coelho lhe apontou em outra oportunidade, a «nota emotiva» e a «simpatia humana» que Armando Ventura Ferreira lhe atribuiu, encontram na colectânea «O Conflito» novas expressões que não deixarão de solicitar muitos leitores.

Serão de assinalar no volume a diversidade de ambientes humanos e a aspiração de justiça, não só social mas sentimental, que se afirmam ao longo das suas páginas. Manuela Montenegro compõe a narrativa com bom domínio do género e sabe traduzir, em casos de aparência simples, situações fundamentais dos caracteres. Com «O Conflito» obtém a autora, sem dúvida, o apreço que o seu perseverante trabalho literário justifica.

ESCAPARATE

Autores estrangeiros

Título — «Teatro de Graham Greene O Viveiro — O Amante Benévolo»

Autor — Graham Greene.

Tradutor — Jorge Feio.

Editora — Arcádia.

Colecção — Col. Autores Dramáticos.

Numero de páginas — 231.

Preço — 45\$00.

Título — «Um Caso Tenebroso (A Comédia Humana)».

Autor — Balzac.

Tradutor — João Gaspar Simões.

Editora — Portugalia.

Numero de páginas — 411.

Preço — 50\$00.

Título — «Frank Kafka».

Autor — Max Brod.

Tradutor — Susana Schnitzer da Silva

Editora — Ulisseia.

Colecção — Documentos do Tempo Presente — 38.

Numero de páginas — 274.

Preço — 45\$00.

Título — «Dinheiro Graúdo — U. S. A.».

Autor — John dos Passos.

Tradutor — Daniel Gonçalves.

Editora — Portugalia.

Colecção — Romances Universais — XXXVIII

Numero de páginas — 574.

Preço — 80\$00.

Título — «O Cavalheiro de Domingo».

Autor — Irving Wallace.

Tradutor — Maria Isabel Morna

Editora — Portugalia.

Colecção — Contemporânea — 98.

Numero de páginas — 605.

Preço — 75\$00.

Título — «Sylvia».

Autor — E. V. Cunningham.

Tradutor — H. Silva Letra.

Editora — Portugalia.

Colecção — Col. Cinema — 10.

Numero de páginas — 299.

Preço — 45\$00.

Título — «Não se nasce Soldado — I volume (Os Vivos e os Mortos)».

Autor — Konstantin Simonov.

Tradutor — Natália Nunes.

Editora — Arcádia.

Colecção — Encontro Especial — 1.

Numero de páginas — 515.

Preço — 70\$00.

Título — «Na pior das hipóteses...».

Autor — Georges Simenon.

Tradutor — Gina de Freitas.

Editora — Livraria Bertrand.

Colecção — Col. Autores Universais — Série Mistério.

Numero de páginas — 183.

Preço — 30\$00.

Título — «Salvaterra».

Autor — Jean Iartéguy.

Tradutor — Bertha Mendes.

Editora — Livraria Bertrand.

Colecção — Col. Autores Universais.

Numero de páginas — 361.

Preço — 50\$00.

Título — «O Crime de Kyralessa».

Autor — C. Virgil Gheorghiu.

Tradutor — Santos Fernando.

Editora — Livraria Bertrand.

Numero de páginas — 383.

Preço — 50\$00.

«VÉRTICE»

Foi publicada mais uma edição (n.º 284, referente a Maio) da revista de cultura e arte «Vértice», que continua a marcar posição de relevo entre as publicações congêneres e no conjunto do nosso panorama intelectual. Do seu sumário destacam-se dois ensaios sobre Cesário Verde, da autoria de Oscar Lopes e Pedro da Silveira, «Ensaio na primeira pessoa», de Alberto Ferreira, e um artigo de João Medina sobre Eça

O disco partido

por MÁRIO DIONÍSIO

QUE conversa de surdos! E' irritante e, todavia, excitante. Já enfastia e ainda seduz. Pois como explicar que nos não cansemos de repetir mil vezes a mesma coisa, perdida a esperança de que alguém venha a ouvir precisamente, e só, o que se diz? Os malévolos, os inocentes, os distraídos e os atentos, os não muito dotados e os terrivelmente argutos misturam-se, cruzam-se, dividem-se, reagrupam-se (sem saberem uns dos outros) e reproduzem o que disse dos modos mais inesperados e irreconhecíveis. Tu desesperas, desistes, juras deixar tudo como está e recomenças...

Quando Claude Simon afirma que «a linguagem, a escrita, não exprimem: criam», resume a observação da sua própria experiência pessoal, que é neste ponto comum a dos seus companheiros do nouveau roman e se aplica afinal a toda a criação estética.

Simon diz em voz alta o que qualquer escritor, qualquer artista, sofredoramente atento ao que se passa enquanto escreve (ou pinta, ou modela, ou compõe) terá há muito verificado, embora não haja ousado ir tão longe em matéria de afirmação teórica.

A Simon e seus companheiros cabe apenas — mas cabe — a pequena glória de terem iluminado definitivamente, na época em que a reflexão sobre a linguagem se tornou particularmente pertinente (e graças a isso), uma zona de importância decisiva na compreensão do fenómeno estético, até aqui abordada de um ângulo quase sempre mais filosófico ou filosofante que rigorosamente analítico daquilo que concretamente constitui uma obra de arte no momento em que está a ser criada.

Na verdade, qualquer teorizador poderá, de fora, congelar hipóteses aliciantes, muito inteligente e eruditamente alicerçadas, sobre as relações entre as palavras (cores, linhas, massas, sons) e as ideias ou sentimentos, sobre o valor das obras e o seu significado sociológico. Mas só a um escritor (a um artista) — tenha ele o nível que tiver — será possível observar e testemunhar, de dentro, quanto é falsa a suposta relação de causa-efeito entre uma «forma» pré-existente, aguardando (não se sabe bem onde...) que a utilizem e um «conteúdo» (sem continente...) que seria encafuado, com maior ou menor habilidade, dentro desta ou daquela «forma». E é decerto o que Simon tem em mente ao opor «exprimir» a «criar» (para combater o simplismo que atribui à linguagem o papel passivo de «exprimir» o que qualquer entidade a ela estranha a encarrregaria de transmitir), já que é impensável uma criação linguística que não exprima.

Eminentemente dialéctico, o acto de criar consiste na constante e extremamente complexa interacção que se

produz entre aquilo que se quer dizer (que não se sabe até então rigorosamente o que é) e as palavras (cores, linhas, massas, sons) com que se tenta dizê-lo e que no acto de buscá-las se revelam as únicas possíveis para dizer (criar) o que só nelas mesmas se reconhece querer ser dito.

Qualquer pintor sabe que certo azul que inesperadamente colocou na tela, com dada inclinação, intensidade, espessura, dimensão — que não podia prever — altera totalmente o mais amadurecido dos projectos e encaminha o quadro para uma descoberta que se desencadeia e se metamorfoseia e sem a qual não há criação possível. Qualquer escritor sabe que é do próprio arranjo das palavras que as outras palavras surgem, se provocam, se eliminam, novas relações e situações nascem, e que é aí que, no fundo, tudo se passa. Porque é aí, nas palavras e só nelas, que tudo se torna possível, literariamente falando.

Qualquer deles sabe que é precisamente em nome da dialéctica da criação que a terminologia de «conteúdo» e «forma» tem de ser abandonada, se não desistimos de compreender alguma coisa de um domínio em que só Forma existe, não porque não haja valores psicológicos, ideológicos, sociais a considerar na obra de arte (como não?!), mas porque, em arte, só nela eles têm vida.

Pensar (como há muito se pensa) que num grande romance as personagens, em vez de obedecerem ao destino premeditado do autor, se lhe impõem a ponto de alterarem rumos previamente estabelecidos e que, no decorrer da criação, nascem personagens e situações que ele não podia ter previsto, não é senão reconhecer, por outras palavras, o papel criador da linguagem. Admitir que um romance «se faz a si mesmo», como Robbe-Grillet sustenta exemplificativamente a propósito de Robert Pinget, e que as personagens são «um devir sem projecto submetido de frase em frase às mais extravagantes mutações, à mercê do menor pensamento que atravessa o espírito, da mais pequena palavra no ar ou da mais fugitiva suspeita» é apenas levar aquele reconhecimento a um ponto extremo.

Não há, porém, criação da linguagem (porque não há linguagem, e ao contrário do que alguns novos romancistas parece que supõem) que não seja expressão da personalidade toda, do temperamento, da sensibilidade, da experiência pessoal e social, das convicções e dos ideais de um autor e da mentalidade que ele, mais ou menos conscientemente, representa. E por isso mesmo é que o acto aparentemente puro de criar se transforma na actividade mais comprometida (e mais autêntica) a que um homem se pode entregar, se é efectivamente um artista.

MÁRIO DIONÍSIO

por ARMANDO MARTINS JANEIRO

LISBOA e Coimbra contemplaram, intrigadas, os espectáculos do Nô. Ao espectador comum escapou a natureza do espectáculo — os mais sensíveis gozaram a sua beleza; os mais práticos e embotados puseram o espectáculo simplesmente de parte, por estranho e incompreensível. É sabido que o Nô é uma forma estranha e difícil de teatro e que para a compreender é necessária preparação e certo esforço mental. Ora é aqui que interviém o crítico — os críticos servem exactamente para fazer compreender ao espectador comum aquilo que não é facilmente acessível e requer prévio estudo e pensar. Do valor estético do Nô, a crítica — no sentido de apreciação estética — está feita por grandes escritores ocidentais; por isso o papel do crítico, neste caso, será sobretudo de auxiliar o espectador de Nô a compreender, e a analisar o desempenho dos actores.

Ora, como infelizmente os críticos portugueses também não compreenderam o Nô, não souberam explicá-lo. Ao ler-se o que escreveram conclui-se que ficaram provavelmente entre os espectadores

mais fechados às radiações dessa original arte vinda do Extremo-Oriente, que no entanto outros críticos e grandes escritores, como Yeats, Bernardo Shaw, Ezra Pound, Bertold Brecht, Claudel, Montherlant, declararam com admiração e entusiasmo ser jas mais belas e raras do mundo. Ora por que razão não compreenderiam os nossos intelectuais uma arte que outros com mais nome (e provavelmente também com mais arte e saber) admiram com entusiasmo? Talvez não fizessem aquele indispensável esforço para compreender. Se essa é a razão, a coisa torna-se nacionalmente séria. Porque assim como os críticos portugueses são livres de criticar a arte japonesa, são também livres os japoneses de julgar as críticas dos críticos portugueses. E o pior é que os japoneses já. Nos jornais de Tóquio, nos ecos que deram dos espectáculos de Nô em Lisboa, nas cartas escritas pelos membros do grupo japonês, mostrava-se surpresa por duas coisas em Portugal: 1) a falta de compreensão e a ignorância da crítica portuguesa (na farsa «Atados aos Paus», criada no século XIV, a um tempo em que no Japão se ignorava mesmo a própria existência da Europa, viram os nossos críticos evidente a influência europeia); 2) a extraordinária habilidade dos carpinteiros de teatro portugueses, que construíram um palco de Nô como nunca se fez outro fora do Japão.

Os trabalhadores mostraram-se acima da sua capacidade; os intelectuais abaixo dela. Isto poderá inspirar pensamentos melancólicos sobre os nossos deveres de intelectuais num país como o nosso onde a cultura é não muito espalhada e pouco profunda. Os deveres que pesam sobre um intelectual português são, a meu ver, mais pesados e mais graves do que aqueles que pesam sobre um intelectual francês ou japonês, por exemplo, porque a França e o Japão são provavelmente os países do mundo onde a cultura está mais espalhada. Aí, ao intelectual cabe pensar os grandes problemas e dar sobre eles a sua opinião, esclarecer os aspectos actuais da cultura e juntar à herança recebida das gerações passadas a meditação e as modificações em que as formas de vida de hoje revivificam, aprofundam e prolongam essa herança. Nos grandes países da cultura, o papel do intelectual é fundamentalmente criar mais cultura. Nos países que não gozam desse raro privilégio, a função do intelectual é — além de criar cultura — espalhar a cultura existente e pô-la ao alcance dos menos beneficiados pela luz do espírito. Este pesado dever impõe um esforço constante e uma consciência viva da elevada missão que não permite relaxar esse esforço. Não estou a predicar a ninguém, mas apenas a exprimir, com consciência e humildade, o espírito que me inspira quando tomo a pena para escrever.

Ora, se os japoneses do grupo

(Continua na 7.ª página)



JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

"Mestre de nós todos" (Aquilino Ribeiro) ■ "Nenhum nos dá a saborear tão vivo e puro o sabor do nosso idioma" (Oscar Lopes) ■ "Artista pela profunda humanidade, pelo engenho inventivo, pelo amor do idioma" (Urbano Tavares Rodrigues) ■ "Em João de Araújo Correia é justíssimo honrar a Independência dum excelente escritor" (José Régio)

PASSOS PERDIDOS
CRÓNICAS

MONTES PINTADOS
CONTOS

TERRA INGRATA
CONTOS

TRÊS MESES
DE INFERNO
CRÓNICAS

PERFIL TRANSMONTANO
DE TRINDADE COELHO

PORTUGÁLIA
EDITORA

25 ANOS AO SERVIÇO
DA CULTURA NACIONAL



Sala da re

A REPRESENTAÇÃO NA IX BIENAL

No mês de Maio passado inaugurou-se no Japão, com larga projecção internacional no mundo das artes plásticas, a IX Bienal de Tóquio. Constitui este certame, na actualidade, uma das mais representativas e prestigiosas jornadas

NOTAS DE LINGUAGEM

Ainda a

por

De vez em quando anima-se entre nós a questão ortográfica, questão ortográfica só, porque basta dizer questão ortográfica para imediatamente se saber que se trata da ortografia da Língua Portuguesa.

Na verdade, só o nosso idioma tem sofrido nestes últimos 50 anos o que se sabe, mas apenas no processo da sua escrita: nem as tentativas de reforma do Francês chegaram tão longe, nem até agora conseguiram qualquer resultado os elementos encarregados de empreenderem movimento semelhante para a Língua Inglesa, apesar de quase todos eles agirem sob a égide do nome prestigioso de G. Bernard Shaw.

E a questão entre nós já atingiu o exagero. Atingiu o exagero no numero de reformas, como atingiu o exagero na auto-suficiência de que deram mostras alguns porque

BRINDE ANTIGO

por JOEL PONTES

Aceitai a minha saudação mais fundamental
D. Ana de Sá
Vós que sois raiz, tronco, folha e tempo
De mim mesmo e do meu povo
Nauque que temos de começo com o vosso.
Amo-vos, D. Ana, e bem o sabeis, desde a tenra juventude
Quando por vós bebia nos momentos mais inesperados
— Em altas vozes que sempre fiz questão —
Levantando os ordinários vidros estudantis
Por vossa memória.
Por vós — há tantos anos morta e viva —
Morta porque alguma lápide por aí deve dizê-lo
E viva por Luís que vós sabeis,
Luís,
O nosso, de tantos povos, pelos sonhos gloriosos
Do vosso.
Filhos do sonho (esqueçamos o demais)
Nos sonhosmos brasileiros e sabeis o resto
Pois estais
Superior às coisas históricas pela morte.
Luís, vosso filho
Cujo pedestal de pedra uma vez beije
— Certa noite, Mãe, e em que estado —
Pensando em vós, D. Ana de Sá.
Beijo vossas mãos e silêncio
Olhando-me no brilho do vinho da saudação.



apresentação portuguesa na IX Bienal de Tóquio

EXPOSIÇÃO PORTUGUESA NA BIAL DE TÓQUIO

de convivência artística entre países, correntes estéticas e figuras da maior projecção na pintura e na escultura, a par das exposições internacionais idênticas que se realizam em Veneza e em S. Paulo. Incluindo o Japão, estão repre-

sentados nesta Bienal de 1967, com agrupamentos expositivos qualificados, 17 países, num total de 230 artistas das mais diversas tendências que levaram ali as suas criações, directamente ou através de organismos responsáveis. A representação de Portugal preparada e estruturada, como na anterior Bienal de 1965, pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, inclui trabalhos de João Abel Manta, Paula Rego, Sá Nogueira, Calvet e Manuel Baptista. Esses trabalhos estiveram expostos na Sociedade, antes de seguirem para o Japão, no intuito de facultar ao público português interessado o conhecimento directo das obras de arte que representariam o nosso País em Tóquio.

O júri da Bienal que funcionou este ano segundo um sistema diferente dos anos anteriores, atribuiu os prémios principais da jornada a Vasarely (França), Frank Stella (Estados Unidos), Peter Sedgley (Inglaterra), Jiro Yoshihara (Japão), Nelson Leimer (Brasil), etc.

JUSTIÇA ORTOGRAFIA

DE JOSÉ PEDRO MACHADO

não quiseram ouvir o depoimento (indispensável) do Brasil. Atingiu o exagero na maneira de tratar as matérias, como atingiu o exagero em ter dado azo às pretensões de alguns dos co-

(Continua na 7.ª página)

«História da Alimentação no Brasil»

de Luís da Câmara Cascudo

É um saboroso livro, sem força da intenção no adjectivo, o que Luís da Câmara Cascudo, mestre brasileiro de etnografia e folclore, publicou há pouco na Coleção Brasileira (Companhia Editora Nacional, S. Paulo) sob o título «História da Alimentação no Brasil». É este o primeiro volume de uma série que, certamente, poderá alongar-se — tão várias e complexas são as expressões e as relações humanas que na culinária se representam. Fruto de prolongadas pesquisas e reflexões, o estudo de Câmara Cascudo vai às origens das ementas indígenas brasileiras, observa a contribuição trazida da África pelas chusmas de escravos, analisa a instalação da culinária portuguesa no Brasil e conclui com a anotação oportuna do mais antigo tratado de cozinha em português, o receituário de Domingos Rodrigues publicado em Lisboa, em 1680.

O trabalho minucioso e paciente do investigador e a densidade de conhecimentos do erudito combinam-se na prosa de Luís da Câmara Cascudo com a fluência e a vivacidade expressiva de um genuíno escritor. Com razão escreve o director da Coleção Brasileira, Américo Lacombe, que não há tema, por mais complexo, que impeça Cascudo de o expor de maneira atraente. Não seria neste sobre a alimentação brasileira, evidentemente, que ele deixaria de revelar «a sua habilidade para reunir a maior seriedade, ao maior rigor na pesquisa e na indicação das fontes, o seu estilo próprio, humano e sem formalismos. Todo esse estudo, resumindo centenas de trabalhos, de inquéritos, de interrogatórios e de documentos antigos, é feito em tom de tal maneira inteligente e vivo que em nenhum momento o leitor deseja ver-se livre

do expositor. Há um tom de boa prosa brasileira, entremeada de boas alusões ao nosso anedotário e às nossas expressões idiomáticas, que reveste a seriedade do assunto de encantamento irresistível. Iniciando a «História da Alimentação no Período Colonial» (Rio, 1952), Joaquim Ribeiro citou um dos grandes espíritos da Alemanha que apontou duas forças propulsoras da vida: a fome e o amor. O amor foi celebrado em todos os tempos. A fome só agora principia a ser estudada. Aliás, emendemos em tempo. O que Câmara Cascudo apresenta aos leitores é menos a fome que a alimentação. É um livro construtivo, e não um livro trágico.»

É este o livro aliciente que o eminente mestre etnólogo brasileiro acaba de apresentar. Não lhe deve faltar o interesse grato e encantado de muitos leitores portugueses.

IMPRENSA LITERÁRIA REGIONAL

Com tenacidade honrosa, que só o conhecimento das dificuldades que defronta permite avaliar, a Imprensa regional mantém as suas páginas abertas à colaboração e divulgação literárias, com objectivos culturais merecedores de todo o apreço.

O jornal «Comércio do Funchal» apresenta em edição recente de aniversário, entre outras secções apreciáveis, o suplemento literário «Pedra» em que se incluem um estudo sobre «o amor moderno», de Daniel Gonçalves, uma crónica excelente de L. M. Angélica sobre Jorge Amado, carta literária de António Aragão, contos de Gilda Reis e Maria do Carmo Rodrigues, um inquérito a estudantes, etc.

Também o Suplemento de Artes e Letras do jornal da Figueira da Foz «Mar Alto», coordenado por António Augusto Menano, mantém lugar muito apreciável na imprensa literária regional. Nas suas edições mais recentes destacam-se as colaborações de Julio Conrado, Guido de Monterey, Ilídio Sardoeiro, etc. Uma entrevista de Carlos Faria com Ferreira de Castro, na ilha da Madeira, assinalou há pouco com relevo a actualidade literária do jornal.

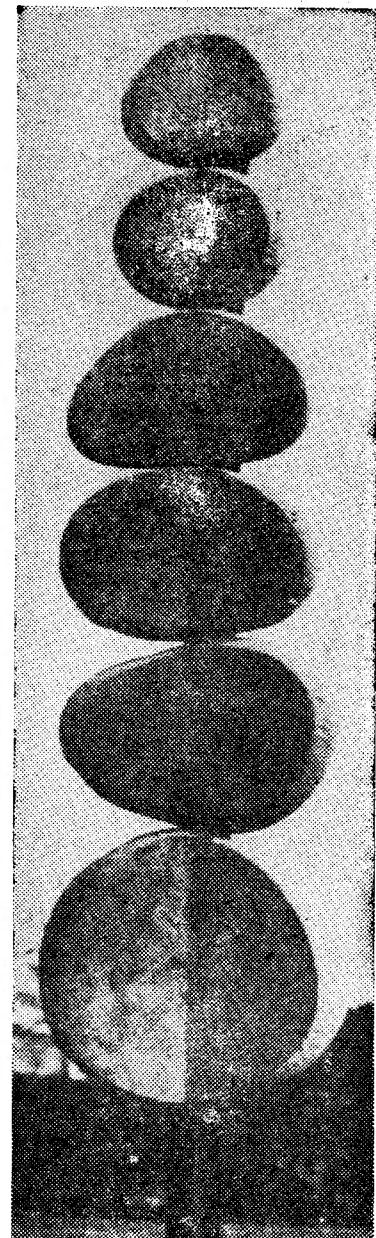
A página cultural «Ângulo», do jornal de Amarante «Flor do Tâmega», está igualmente a merecer as atenções do público literário. Em 7 de Maio publicou uma bela página de homenagem a Augusto Casimiro, em que se salientam as colaborações de Rogério Fernandes e Ilídio Sardoeiro, e em outras edições do suplemento incluem-se textos apreciáveis de Julio Graça e outros homens de letras.

Assinala-se, ainda, a continuidade da publicação das páginas literárias «Margem», no jornal «Gazeta de Coimbra», coordenada por Aurora Santos, e «A Estrada», de «O Eco de Pombal», dirigida por Santos Marques, que reúnem valiosas colaborações portuguesas e hispano-americanas.

No Ultramar, merece particular referência o Suplemento de Artes e Letras de «A Voz de Moçambique», em cujas edições ultimamente recebidas figuram artigos e crónicas sobre Reinaldo Ferreira, o pintor moçambicano Agostinho Mutemba, Fernando Pessoa, Valle-Inclán, Ana Akhmatova, Lev-tchenko, etc. O nível literário de «A Voz de Moçambique» justifica a larga irradiação que o jornal tem conquistado no mundo português.

PINTURA INGLESA CONTEMPORÂNEA

Na Galeria de Arte de Mannheim, na Alemanha, estiveram recentemente em exposição as obras de cinco pintores ingleses que em 1966 representaram a Grã Bretanha na Bienal de Veneza. Os cinco ingleses — o mais jovem, Bernard Cohen, conta 33, o mais velho, Anthony Caro, 42 anos — têm em comum a rejeição do expressionismo abstracto. Opõem-lhe, como indicou o crítico da «Frankfurter Allgemeine Zeitung», uma peculiaridade digna de nota. Com um auto-



Trabalho escultórico de João Fragoso em exposição na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes

ESCULTURAS DE JOÃO FRAGOSO E PINTURAS DE MARCEL NA S. N. B. A.

A última exposição desta temporada artística na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes apresenta esculturas de João Fragoso e pinturas de Marcel e está, presentemente, aberta ao público naquela Galeria. João Fragoso, que há mais de vinte anos tem vindo a afirmar-se com personalidade artística de relevo, com exposições individuais ou participação em exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro (incluindo a Bienal do Museu Rodin, em Paris, no ano passado) trouxe a esta representação dos seus mais recentes trabalhos na S. N. B. A., onze peças que traduzem um estilo e uma inspiração fortemente individualizados.

Jorge Marcel, por sua vez, expõe na mesma sala nove pinturas, testemunhando a evolução de um novo que procura e exprime a sua trajectória numa arte informal de decidida invenção. Além da presença afirmada em «salões» da Sociedade Nacional de Belas-Artes, desde 1958, assinala-se que Marcel foi o autor dos cenários e figurinos da peça «A maluquinha de Arroios» levada a cena recentemente pelo Teatro Experimental de Cas-

NOVIDADES LITERÁRIAS

JOHN DOS PASSOS
DINHEIRO GRAÚDO

(ÚLTIMO VOLUME DA FAMOSA TRILOGIA U. S. A. VOLUMES ANTERIORES: PARALELO 42 e 1919)
Coleção Os Romances Universais — 80\$00

IRVING WALLACE
O CAVALHEIRO DE DOMINGO

(UM LIVRO QUE SERÁ UMA REVELAÇÃO FASCINANTE PARA OS LEITORES DE O PRÉMIO e AS TRÊS SEREIAS)
Coleção Contemporânea — 75\$00

BALZAC
UM CASO TENEBROSO

50\$00
JOAO DE ARAÚJO CORREIA
PASSOS PERDIDOS

(ALGUMAS DAS MELHORES PAGINAS DO GRANDE ESCRITOR E MESTRE DA LÍNGUA)
45\$00

JOSÉ ANTÓNIO MACHADO
MADAME DE STAËL

(UMA BIOGRAFIA EXEMPLAR ★ UM ESTUDO NOTÁVEL SOBRE UM PERÍODO DECISIVO DA HISTÓRIA DA EUROPA)

Volume Ilustrado — 55\$00

E. V. CUNNINGHAM (HOWARD FAST)
SYLVIA

(UMA OBRA PLENA DE SUSPENSE PELO AUTOR DE SPARTACUS)

Coleção Cinema ★ volume ilustrado — 45\$00.



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA • PORTO

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Junho de 1937 publicava:

«Descobriu-se em Cromwell Road um clube de centenários e entre eles um coronel que dançou uma «rumba», ao completar o centésimo aniversário. A vida humana, como se sabe, é coisa frágil, sem outra segurança que não sejam algumas vagas esperanças que a ciência pretende amparar, como se faz às plantas que as nortadas açoitam.

Pois, apesar da miséria e do temor da nossa condição, o homem não quer habituar-se à ideia de expirar deixando suspensos os labores da sua ambição, avida de honras e proveitos.

O clube dos centenários, cuja descoberta foi anunciada na imprensa britânica, qual ilha venturosa em mar de procelas, chegou no momento em que as ilusões e quimeras quase não encontram quem as colha, sem perguntar a si próprio:

— Para o bem ou para o mal?

A verdade é que, se nós estudássemos a fundo, com intenção pessimista, as garantias da nossa existência, ficaríamos assombrados, ao contarmos os míseros fios que as sustentam.»

CURIOSIDADES

● Um hotel bem alto

O mais alto hotel do Canadá, agora em pleno funcionamento em Montreal, o «Chateau Champlain», tem 38 andares. Levou dois anos e meio a ser construído.

Tem 123 metros de altura e 600 quartos, 30 pisos, cinco restaurantes, um «music-hall» e uma garagem com capacidade para 400 carros.

Em cada apartamento há televisão a cores e dispositivo individual regulador da temperatura.

● A fala dos bichos

Os cientistas, entregues a estudos servidos pelas possibilidades da técnica moderna, demonstram que os bichos usam uma autêntica linguagem, a qual, naturalmente, escapa aos racionais.

Essas curiosas investigações têm incidido, em especial, sobre os mamíferos superiores — os únicos, dizem os pesquisadores, que dispõem de uma linguagem extensa. O «gibbon» e o gorila, por exemplo — e consoante as mesmas revelações —, dispõem de um «vocabulário» de trinta e duas «palavras» para as suas necessidades de comunicação, as quais são tão completas que até, segundo parece, incluem injúrias...

● Os dedais

O dedal já andava em uso na mais remota antiguidade e os gaulenses faziam-nos de ossos. No século XII começaram a ser fabricados de metal e aplicavam-nos ao dedo polegar.

Os dedais mais antigos tinham covas maiores e menos numerosas do que os modernos.

ANEDOTAS

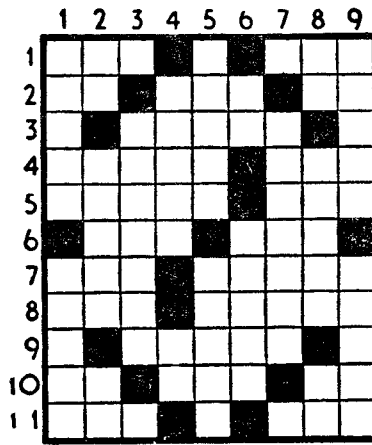
■ A cortesia de Luís XIV é legendaria. Um dia, o arcebispo de Toulouse recebeu o rei com um longo discurso. Em determinado momento, o prelado perdeu o fio à arenga, perturbou-se e acabou por se interromper a meio de uma frase.

— Aprecio imenso a sua gentileza — disse o rei — por me querer dar tempo para pensar nas belas coisas que está a dizer...

● A minha mulher leva as noites de taberna em taberna... — Isso é horrível. Detesto uma mulher que bebe. — Mas ela não bebe! Ela anda à minha procura.



(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4485



HORIZONTAIS: 1 — Uma das Espérides. Heroína francesa que foi queimada viva. 2 — Símbolo químico do ouro. Haste terminada em bico. Interjeição que exprime admiração. 3 — Alvorcer. 4 — Mulher que tem o cabelo avermelhado. Mil e quatro em romano. 5 — Verbais. Agora 6 — Doutora. Acreditei. 7 — Tempo do verbo ir. Leito do rio. 8 — Ave peralta. Igara. 9 — Adicionar. 10 — Força. Saudável. Alternativa. 11 — Rezo. Lugar onde um rio vai desaguar.

VERTICAIS: 1 — Veículo de rodas para transporte de cousas ou pessoas. Corrente de ar mais ou menos forte. 2 — Alternativa. Tramem. Sufixo que designa estado. 3 — Dários mios. 4 — Freguesia do concelho de Mora (Évora). Artigo definido 5 — Montes de areia produzidos pelos ventos à beira-mar. Leitos. 6 — Tempo do verbo haver (inv.). Gíria. 7 — Tormentoso. 8 — Batráquio. O mesmo que trisar. O sono das crianças. 9 — Água caída das nuvens. Labrego.

Resolva completamente este problema?

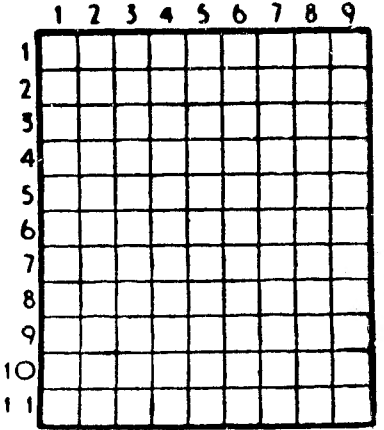
Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4484

HORIZONTAIS: 1 — Sus. CASA. 2 — Reparam. 3 — Op. Mota. 4 — Cor. DE. Tá. 5 — Amado. Mor. 6 — Biá. Dom. 7 — Soa. Verba. 8 — As. Ce. Aos. 9 — Sado. SS. 10 — Alisara. 11 — Oira. Ais.

VERTICAIS: 1 — Toca. Salão. 2 — POMBOS. Li. 3 — Ur. Raia. Sir. 4 — Sem. Dá. CASA. 5 — Pado. Veda. 6 — Cate. DE Ora. 7 — Ara. Mora. Ai. 8 — Sa. TOMBOS. 9 — Amuar. Assa. 10 — Provérbio: CASA DE POMBOS, CASA DE TOMBOS.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8329



HORIZONTAIS: 1 — Ilha inglesa nas grandes Antilhas. 2 — Canapés estofados. 3 — Alternativa. Figura que simboliza o povo americano. Batráquio. 4 — Um milhar. Preposição. 5 — Cabo para carregar as testas dos papafigos. 6 — Nome dum flor. Doença que dificulta a respiração. 7 — Reis. Chefe etíope. Cidade da antiga Coldeia. 8 — Adiciona. 9 — Emparelha. 10 — Aperto! molhos Cidade de Itália. 11 — Vê Pronome possessivo. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Antiga cidade da Palestina destruída com Sodoma pelo fogo celeste (Bíblia). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. 2 — Interjeição de dor. Artigo definido. Procede. 3 — Campeão. Pelos de certos animais. Língua do grupo tibetano falada ao N. do Tibete. 4 — Pedras de molinho. Passaros conirostros. 5 — Acarício. Suspiros. 6 — Seguiam. Usara. 7 — Símbolo químico do célio. Cabelos brancos. Para barlavento. 8 — Letra grega. Mulo. Patrão. 9 — Brilhara Artigo definido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8328

HORIZONTAIS: 1 — Moca. Atar. 2 — Adil. Ávila. 3 — Fi. Amolar. 4 — Rasca. Ja. 5 — Arcaram. 6 — Air. Bis. 7 — Sacarás. 8 — Om. Atava. 9 — Regule. Ai. 10 — Varra. Una. 11 — Orai. Erva.

VERTICAIS: 1 — Mafra. Corvo. 2 — Odiara. Mear. 3 — Cl. Seis. Grã. 4 — Acaro. Uri. 5 — Amar. Cala. 6 — Avô. Abate. 7 — Til. Mira. Ur. 8 — Alai. Savana. 9 — Raras. Soias.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, R. da Prata, 156, s/1 (único no género).

FACTOS REAIS

O GENERAL PATTON



13 — George S. Patton Junior de-cidira, logo na infância, que viria a ser um grande soldado. A sua campanha da Sicília, conduzida com rara mestria, ecoara como tambor proclamando os seus méritos e provava que ele tinha todo o temperamento de um verdadeiro chefe militar. Era, efectivamente, o chefe que convinha às tropas em combate e os soldados sentiam-se orgulhosos de combater sob as suas ordens. Apelidavam-no até, e com a maior admiração, de «Sangue e tripas», para assim sublinharem a sua coragem e arrojo. Prodigalizava a concessão de medalhas e distinções a quantos se destacavam heróicamente nos combates. A rotina exasperava-o e exigia, permanentemente, uma rígida disciplina.

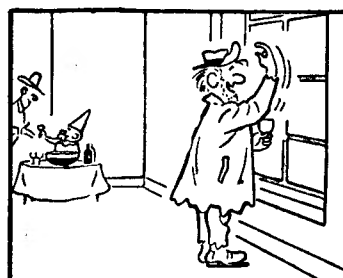
14 — O povo americano amava este guerreiro alto e espadado, de rosto avermelhado. Admirava-se a sua maneira elegante de envergar o uniforme, a sua cultura, a sua erudição, os seus modos de atleta, a sua famosa colecção de pragas, a sua velocidade, a sua inteligente estratégia e as suas vitórias. Gritava as suas ordens, numa linguagem forte e pouco académica, mas sabia empregar efeitos de estilo nos numerosos discursos com que deliciava as suas tropas. Era, além disso, um actor nato e nunca deixava de surpreender os seus auditores com declarações extravagantes e inesperadas.

15 — Por isso, e não raras vezes, as atitudes e actos imprevisíveis do popular «menino-terrível» do Exército americano aterrorizavam os seus chefes. Patton, um homem que sabia reconfortar os feridos com gestos e palavras quase maternas, deixou um dia que a cólera o dominasse de tal modo que chegou ao ponto de bater num soldado, durante uma visita a um hospital. Foi durante a terrível campanha da Sicília, que tantos homens custou aos aliados. O terrível espectáculo de sofrimento e dor que se lhe oferecia sujeitara os nervos de Patton a rude prova. Então, avistando um soldado sem ferimentos, aparentemente, o general, julgando estar diante de um cobarde e embusteiro, erplodiu e, com um só gesto, atirou-o por terra.

16 — Aquela gesto poderia ter sido o termo inesperado de uma brilhante carreira. O conhecimento do incidente logo se espalhou por entre as tropas e chegou, também, à América. A rádio transmitiu-o e todo o país falava do caso. Quando o Pentágono resolveu intervir, toda a gente julgou Patton irremediavelmente condenado. Foi então que o general Eisenhower, que bem conhecia e muito apreciava George Patton, usou toda a sua influência para atenuar a repercussão do incidente. E foi graças a ele que tudo acabou por se resolver com uma simples apresentação de desculpas ao soldado agredido. Patton pôde, assim, continuar no seu posto.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



«O MISTÉRIO DA CASA BENOIT»

Texto de J. WILMES — Desenhos de FRISANO

RESUMO — Vouziers (Ardenas), 1829. A casa do advogado Benoit foi assaltada, ao mesmo tempo que a esposa aparecia degolada na cama. Presentes em casa contemporaneamente ao crime: o filho mais novo, Frédéric, e uma sobrinha, Louise Faucher. Dois anos depois, em Versalhes, aparece também degolado um jovem, Joseph Formage, em circunstâncias idênticas às da infeliz sr.^a Benoit. A vítima mantinha relações pouco naturais com Frédéric e chegou, num acesso de ciúmes, a ameaçá-lo. O caso Benoit volta à actualidade. Vem a saber-se que Louise não estava afinal deitada quando a tia foi morta, razão por que a Polícia a procura, bem como a Frédéric. Este é detido num jardim e acusado do assassinato de Formage, mas nega tudo com grande calma. Pouco depois uma rapariga solicita audiência ao procurador do rei: é portadora de uma mensagem transmitida por Louise, pouco antes de morrer, no Hospital de Saint-Lazare.



49 — «Quase diria que a infeliz não podia morrer sem me contar tudo aquilo», explica a rapariga. Louise está na agonia e é com grande dificuldade que continua: «Marie, fui eu que matei a minha tia Pauline. Estás a ouvir? Fui eu! Sózinha! Tens de avisar a Polícia...» Marie cala-se por instantes, em lágrimas. «Senhor procurador, não era verdade... Eu conheci Louise — um perfeito anjo. Não faria nunca uma coisa dessas! Quando começou a delirar, chamou pelo nome do primo, Frédéric... Compreendi então que forjara a história. Mas Frédéric ainda a assustava, parece-me... Dizia assim: Frédéric, isso não, isso não! Depois recuperou a lucidez durante breves minutos e eu insisti com ela. Queria saber a verdade. Louise, criminoso? Impossível... Então ela olhou muito para mim, suspirou e voltou a falar. A mentira pouco tinha durado.»



50 — Frédéric amava-a... Pelo menos fazia-lhe crer isso. E foi preciso que a paixão de Louise crescesse desmesuradamente para a rapariga acabar por ceder. Porque tudo — educação, religiosidade, feito — impedia a ligação culpada. «Tens de compreender», disse Louise a Marie. «Ele era tão meu amigo e tão belo... Uma pobre rapariga como eu, sem nada no mundo... Só os meus tios me davam alguma coisa, distraíam-me... Nenhum deles soube. Morreria de vergonha! Eu ia ter com Frédéric à noite, já os tios estavam a dormir. E um dia ele disse-me que queria casar comigo. Ah, o tio nunca aceitaria uma nora pobre!... Ambicioso como era... Mas deixei Frédéric continuar. A minha felicidade não tinha limites.» A ruptura aproximou-se no momento em que Louise respondeu com um não redondo às propostas do primo. «O quê, tens medo do meu pai?», exclamou Frédéric. «Não preciso da licença dele, ora essa!» «Mas assim sem dinheiro, Frédéric...» «Deixa andar. Tenho cá uma ideia.» Os olhos do primo brilhavam de modo estranho.



51 — Louise não tardou a conhecer os planos de Frédéric. Dia após dia a discussão mantinha o mesmo tom aceso. Até que o primo explicou: «Vamos lá a ver se esse medo te sai da cabeça. Sei onde está o dinheiro, é um ar que lhe dá... Basta uma oportunidade, percebes?» Espantada, hipnotizada quase, Louise ouviu da boca de Frédéric o esquema do que iria passar-se...

(Continua)

O NÔ EM PORTUGAL

(Continuação da página central)

Nô notaram diferença entre o esforço de compreensão e de pericia no trabalho dos carpinteiros teatrais portugueses e no dos intelectuais, e se os resultados do trabalho daqueles e destes confirmam essa diferença, estamos em face de um problema sério de capacidade e honestidade intelectual.

É evidente que o teatro Nô é difícil de interpretar — mas por isso mesmo exige mais esforço, trabalho e estudo para tentar compreendê-lo. Em Londres, onde o grupo Umewaka-Hashioka teve muito mais êxito do que em Lisboa (o teatro Aldwych vendido oito dias antes de o grupo inaugurar as duas semanas de representações) se lermos as críticas dos vários jornais, vemos que os críticos, defrontando as mesmas dificuldades que os portugueses, igualmente intrigados pela estranheza do espectáculo, fizeram o necessário esforço para compreender. Os jornais de Londres mostram-nos os seus críticos entre fascinados e confundidos. O conhecido crítico W. A. Darlington, no *Daily Telegraph*, escreve: «O estranho da atmosfera, a completa ausência do mínimo realismo, o brilho sumptuoso do guarda-roupa, o estranho efeito hipnótico da música e a austeridade do estilo da dança, na qual a redução do movimento ao mínimo é havida por virtude...»

«As peças foram desempenhadas por uma companhia treinada, desde a infância, em uma forma de arte estilizada, da qual ninguém pode esperar, sem estudo, poder apreciar os pontos mais delicados. Apesar disso, mesmo para um observador inexperiente, a virtuosidade e pericia da companhia eram bem claras» Barry Norman escreve no *Daily Mail*: «Para aqueles de nós educados num teatro convencional, é decididamente dum gosto invulgar e não fácil de adquirir. Foi, porém, uma experiência recompensadora.» Philip Hope Wallace, no *Guardian*, conclui: «Para aqueles que o compreendem (o Nô) deve valer a experiência de uma vida inteira.»

Trago aqui estas citações apenas para documentar que Londres reagiu com mais ponderada atenção e mais consciência artística ao espectáculo do Nô. Não é minha intenção criticar ninguém, mas apenas chamar a atenção para aspectos do Nô que foram deixados na sombra e que assim não permitiram ao espectador português tirar do espectáculo toda a soma de prazer artístico que lá teria podido colher. Creio que se

deu a ideia errada de que o Nô é uma arte morta, em vez de se dizer que é uma arte antiga, um pouco mais antiga que a de Gil Vicente, mas hoje nos palcos das principais cidades no Japão muito mais viva. Há todas as semanas espectáculos de Nô em Tokio, Osaka e Kioto, em mais de um teatro na mesma noite — tal como se representa Shakespeare normalmente na Inglaterra. Mais ainda — nem sempre é possível ver peças de Shakespeare nos teatros de Londres; mas é possível sempre ver Nô em Tokio. Há em Tokio cinco teatros onde só se representa Nô.

É evidentemente uma arte difícil para um ocidental. Mas o mérito está precisamente em procurar as correspondências que existem entre as artes do Ocidente e do Oriente. É essa a direcção de um novo humanismo que hoje se espalha na velha Europa e sobretudo na nova América. André Malraux, Gabriel Marcel — que não são orientalistas, mas humanistas — foram dos primeiros a encontrar correspondências.

Em arte uma vasta bibliografia se tem desenvolvido depois de Malraux.

Com estas considerações eu desejava apenas dizer aos espectadores de Nô aquilo que não lhes foi dito.

Deveriam ter-lhes dito, como escreveu o maior dos poetas americanos, Ezra Pound, que «O Nô é uma das maiores artes do mundo». Como afirmou Bernard Shaw, que de tudo o que viu, o que mais admirou no Japão foi o Nô. Como apreciou Yeats que, inspirado em o Nô, tentou criar «uma nova forma de teatro, distinta, indirecta e simbólica».

Encontram-se em o Nô impulsos para novas ideias e criações, como fizeram Thornton Wilder, que nele encontrou pensamento e arquitectura teatral para compor a *Nossa Cidade*; como fez Henri de Montherlant quando escreveu *Fils de Personne*; como fez Claudel que sobre o Nô decalcou *L'Homme et son désir* e *La Femme et son Ombre*, além de ter escrito vários capítulos de entusiástica apreciação do Nô no livro *Oiseau Noir au Soleil Levant*. Seria fácil alargar o coro de elogios e de apreciações, se descéssemos a escritores de menor nomeada. E que diríamos de Bertold Brecht, que inspirou no teatro oriental o seu «teatro épico» e toda a teoria da «distanciamento» — e que directamente confessa «copiei do estilo dramático japonês».

Suponhamos, porém, que a críti-

ca portuguesa desdenha tudo isto. Que volta as costas indiferente mesmo aos êxitos que o Nô moderno de Yukio Nishima tem tido em vários países da Europa. Uma coisa ao menos, por honestidade, tinha o dever de dizer — que, no consenso de todos os estrangeiros que têm estudado a literatura nipônica (será preciso ainda citar um rosário de nomes?) os textos do Nô são o melhor de toda a poesia dos japoneses. Já é dizer alguma coisa — a melhor poesia dos japoneses, que é um povo de poetas. — E ainda que esta poesia se encontra hoje traduzida em todas as línguas ocidentais, incluindo a portuguesa.

Talvez estas considerações breves ajudem o espectador do Nô a apreciar melhor o valor duma arte cujos requintes acaso lhe hajam passado despercebidos. Não seria preciso muito, de resto, para a compreender: bastará que o espectador do Nô, como de qualquer forma de teatro, tenha presente no espírito a sua origem primitiva.

O teatro no Japão, na China, como na Grécia e na Europa das catedrais, nasceu nos degraus do templo. O mistério litúrgico é o fio que prende a plateia a essa misteriosa ficção que cria na alma do espectador o sentimento de que essa ilusão representada tem equivalências de vida vivida. Essa força profunda que dá valor de vivência a uma mentira fabricada está no fundo de toda a criação artística. E aí, nesse fundo criador de beleza e de maravilhoso, o Nô e o teatro de Gil Vicente, o drama de Shakespeare e o de Samuel Becket entrelaçam as suas raízes. — A. M. J.

NOTAS DE LINGÜÍSTICA

(Continuação da página central)

missionados para as reformas: esqueceram-se estes, porém, do quanto por isso mesmo o grande publico passou a atribuir-lhes nas responsabilidades de deslizes e de insucessos, já que de responsabilidades reais apenas se lhes pode pedir uma diminuta quota-parte.

Atingiu também o exagero quando se fez crer a muita gente que qualquer separação ortográfica entre Brasileiros e Portugueses representaria a quebra da unidade da Língua de Camões, quando, afinal, se esta se verificasse essa não seria causa decisiva nem mesmo de grande peso. E a propósito lembra-se que a maior separação dialectal entre essas duas grandes realidades do Nosso Idioma se verificou quando a escrita deste era só uma, lá e cá. Mais: se uma dessas partes continuasse a utilizar caracteres latinos e a outra passasse a adoptar os arábicos, nem por isso a primeira seria mais portuguesa, nem a outra deixaria de o ser...

Finalmente a mesma questão atingiu o exagero quando a ânsia de reformas e de legislar trouxe o esquecimento do título *Ortografia* para se entrar em questões de Morfologia e de Vocabulário, independentes e até estranhas a casos ortográficos.

A circunstância do «aproveitar o ensejo para...» não chega nem serve para justificar tão estranha atitude. Ortografia é ortografia e, como tal, os vocabulários ortográficos ou são o mais completos possível, ou, sendo resumidos, apenas registarão aquelas palavras que na verdade provocam dúvidas quanto à sua escrita. Para quê, neste ultimo caso, o Vocabulário de 1947 registar e, que, se, eu, tu, nem, mas, não, sim, etc., que toda a gente sabe escrever, e expulsou do seu corpo tantos termos cuja presença ali na realidade se deseja.

Para que a obra congénere de 1940 e da mesma instituição se meter com *Oxford*, *Cambridge*, *Amiens*, etc., como todos escrevem e dizem entre nós, para lhes opor *Oxônia*, *Cantabrigia*, *Ambiano*, que ninguém conhecia, ninguém usava, sem que tenha havido estudos preparatórios para o caso, e como se tem verificado, sem qualquer justificação?

Para mais os casos *Oxford-Oxônia*, *Cambridge-Cantabrigia*, *Amiens-Ambiano*, pelo menos, nada têm de ortográficos, apenas alinham no sector do exagero (neste caso, deslocado em termos estranhos), no das coisas ainda sem resolução. — J. P. M.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA EDITAL CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE «REPARAÇÃO DO CAMINHO DO ADARCE, EM ALVERÇA DO RIBATEJO»

FAZ-SE PÚBLICO que, pelas 15 horas do dia 26 do corrente mês, no Salão Nobre destes Paços do Concelho, se procederá ao concurso publico acima designado:

BASE DE LICITAÇÃO 300 000\$00
DEPÓSITO PROVISÓRIO 7 500\$00

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter efectuado o indicado depósito provisório na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, á ordem deste Município, mediante guia preenchida pelos próprios interessados, segundo o modelo que figura no programa de concurso.

O programa de concurso e caderno de encargos estão patentes todos os dias uteis, durante as horas regulamentares, nos Serviços Técnicos de Engenharia deste Município.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 1 de Junho de 1967.

O Presidente da Câmara,
JAIME MARQUES DIAS SIMÃO
(Licenc. C. Econ. e Fin.)

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2° TELEF. 369384

«LINHAS DE FORÇA», poemas de ANTÓNIO GEDEÃO — Lisboa — 1967

É este o quarto livro de poemas de António Gedeão, e isso se apresenta a cada passo, na segurança, na firmeza, no á-vontade da sua poesia. Sabe-se assim que estamos perante um autor amadurecido e invulgarmente lúcido, que domina com modelar precisão o material que utiliza na produção da sua obra de arte: as palavras. Tama-nha confiança obtida logo nas primeiras páginas convida-nos a percorrer este livro sem hesitações nem rodeios, certos de que vamos encontrar uma voz clara, ajustada e adulta.

É quase assim acontece. O poeta está hoje na plena posse dos seus recursos. É talvez por isso que a sua poesia começa a ter um ar despreocupado e irreverente, que implica uma certa dose de ironia

«Este é o poema do amor
Do amor tal qual se fala; do amor sem mestre.
Do amor.
Do amor.
Do amor.
Este é o poema do amor.
Do amor das fachadas dos prédios e dos recipientes de lixo
Do amor das galinhas, dos gatos e dos cães, e de toda a espécie de bicho
Do amor.
Do amor.
Do amor.
Este é o poema do amor.

(Abra-se um parêntese: neste poema de amor, como se explica que o poeta utilize expressões como «o amor tal qual se fala» ou «o amor sem mestre», expressões que premeditadamente vulgarizam a realidade a que se referem? Será a marca da ironia um pouco nos-

O poema que o poeta propositadamente escreveu só para falar de amor,
de amor,
de amor,
de amor,
para repetir muitos vezes amor,
amor,
amor,
amor.
Para que um dia, quando o Cérebro Electrónico contar as palavras que o poeta escreveu,
tantos que,
tantos se,
tantos lhe,
tantos tu,
tantos ela,
tantos eu,
conclua que a palavra que o poeta mais vezes escreveu foi amor,
amor,
amor.
Este é o poema do amor.

Esta referência a um cérebro electrónico (que pode muito bem ser qualquer entusiasta incondicional da crítica científica...) demonstra uma vez mais como, para o poeta, pouco interessa a consagração que o mundo da cultura lhe poderá reservar. Estamos perante uma poesia ansiosa de vida e de relação imediata.

Também noutros poemas se manifesta uma ingenuidade semelhante: «É bom ser flor, criança, ou ser doente».

Mas nada é tão simples que uma palavra o possa dizer. E nenhuma palavra é suficientemente simples para exprimir a simplicidade que possa haver. Nenhum sentimento

«As bombas destruíram todas as casas menos uma
as casas onde viviam os homens que não tinham cor nenhuma
Por entre os escombros
alguns milhões de cadáveres contavam anedotas e encolhiam os ombros

Quando já não havia mais homens para matar,
nem pedras por calcinar,
nem searas por destruir,
foi só então que as bombas cessaram de cair.
Sobre a mesa vermelha
uma verde maçã e uma garrafa amarela e torta.
Natureza morta.»

Ou ainda:

«Enquanto houver um homem caído de bruços no passeio
e um sargento que lhe volta o corpo com a ponta do pé
para ver como é;
enquanto o sangue gorgoleja das artérias abertas
e correr pelos interstícios das pedras,
pressuroso e vivo como vermelhas minhocas despertas;
enquanto as crianças de olhos lívidos e redondos como luas,
orfas de pais e de mães,
andarem acossadas pelas ruas
como matilhas de cães;»

Este paralelismo entre a violência e a ingenuidade não é fortuito. Quanto mais a violência se instala nas coisas, mais as coisas devem ser ditas com simplicidade.

«enquanto o grande pássaro de fogo e alumínio
cobrir o mundo com a sombra escaldante das suas asas
amassando na mesma lama de extermínio

e autoerótica, que, por vezes, se transforma numa crítica da própria poesia — o que nos lembra, por instantes, as sutilezas de José Gomes Ferreira.

Entre as características que neste livro se acentuam, uma há que merece relevo: a sua ingenuidade. Cada vez mais o poeta parece «estar-se nas tintas» para os problemas da forma, para as técnicas, para as alusões culturais, para todo esse arsenal de processos com que é uso inscrever o poema num certo nível intelectual. O poema aqui existe, muito simplesmente, e o resto não interessa. António Gedeão procura não se preocupar com tudo o mais, porque tudo o mais lhe parece muitíssimo secundário. Por sua vontade mesmo, o poema poderia muito bem reduzir-se a meia-dúzia de palavras essenciais, que se repetiriam com o jeito obsessivo da evidência, ou até apenas uma, se essa palavra fosse amor:

tálgica que sempre o acompanha? Ou será o seu novo tom descontraído e buliçoso, de quem brinca com as palavras e não venera qualquer seriedade emplumada? Inclino-me para a segunda hipótese).

«Tinha ouro e prata,
pedras nunca vistas,
safiras, topázios,
rubis, ametistas.
Tinha tudo, tudo,
sem peso nem conta,
bragas de veludo,
peleças de lontra.
Um homem tão grande
tem tudo o que quer.
O que ele não tinha
era um fecho éclair.»

Mas esta revolta do insignificante contra a totalização significativa da história atinge a sua expressão mais dramática no «Poema do alegre desespero»: aí, o poeta diz que compreende que no ano três mil tudo o que hoje conta tenha perdido a sua importância («... e a Guerra dos Cem Anos, / e a Invenção da Armada, / e as Campanhas de Napoleão, / e a bomba de hidrogénio, / e os poemas de Antó-

os ossos dos homens e as trevas das suas casas;
enquanto tudo isto acontecer, e o mais que se não diz por ser verdade,
enquanto for preciso lutar até ao desespero da agonia,
o poeta escreverá com alcatrão nos muros da cidade:

ABAIXO O MISTÉRIO DA POESIA»

Esta necessidade de simplificação dos problemas parece de tal modo se impor que da complexidade do real apenas ficam as suas linhas de força. Poderemos talvez resumir-las em três ou quatro oposições: ingenuidade — violência; ciência — vida; o imenso e o insignificante; a indiferença e a transparência.

Palamos já da primeira. Passemos pois às restantes: ciência e vida, por exemplo. É conhecida a personalidade científica que coexiste no poeta e que emerge aqui ou ali nas comparações ou no próprio vocabulário: colóide, aminocido, etc... Esse interesse pela

«Mas o meu coração é como o dos compêndios.
Tem duas válvulas (a tricúspide e a mitral)
e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).
O sangue ao circular contrai-os e distende-os
segundo a obrigação das leis dos movimentos.
Por vezes acontece
ver-se um homem, sem querer, com os lábios apertados,
e uma lâmina baça e agreste, que endurece
a luz dos olhos em bisel cortados.
Parece então que o coração estremece.
Mas não.
Sabe-se, e muito bem, com fundamento prático,
que esse vento que sopra e que atea os incêndios,
é coisa do simpático.
Vem tudo nos compêndios.»

Neste equilíbrio instável, o prato do cepticismo parece pesar mais quando a poesia se ocupa dos casos mínimos que alteram a ordem das coisas. Entramos aqui na terceira oposição. No intrincado funcionamento da máquina do mundo, há sempre ínfimos pormenores que modificam a configuração das coisas. Filipe II tinha tudo, mas...

«Tinha ouro e prata,
pedras nunca vistas,
safiras, topázios,
rubis, ametistas.
Tinha tudo, tudo,
sem peso nem conta,
bragas de veludo,
peleças de lontra.
Um homem tão grande
tem tudo o que quer.
O que ele não tinha
era um fecho éclair.»

Mas esta revolta do insignificante contra a totalização significativa da história atinge a sua expressão mais dramática no «Poema do alegre desespero»: aí, o poeta diz que compreende que no ano três mil tudo o que hoje conta tenha perdido a sua importância («... e a Guerra dos Cem Anos, / e a Invenção da Armada, / e as Campanhas de Napoleão, / e a bomba de hidrogénio, / e os poemas de Antó-

Dezenas e dezenas de pessoas passam ininterruptamente ao longo do [passoio].

Umas para lá.
Outras para cá.
Umas para cá.
Outra para lá.
Mas cada uma que passa
tem de fazer na esquina um pequeno rodeio
para não se esbarrar com o par que aí se abraça.
Olhos cerrados, lábios juntos e ardentes,
tentam matar a inesgotável sede.
Através dos seus corpos transparentes
lê-se na esquina da parede:
DANS CETTE PLACE A ETÉ TUE
MAURICE DUPRE
HÉROS DE LA RÉSISTANCE:
VIVE LA FRANCE.»

Há uma palavra que salva este poema da banalidade, mas é a palavra justa: transparentes. Aliás, a maior qualidade deste livro está

«Súbito, seus grandes olhos imensos descolam e levantam voo.
Ei-los que sobem.
Seu movimento é como se apenas as coisas deles se afastassem,
é como se move o tempo...»

É assim, numa comparação discreta que apressadamente se lê num poema sobre «os teus olhos», que se revela a agudeza desta poesia: capaz de definir o movimento do tempo em meia-dúzia de pala-

«As ruas longas e estreitas, silenciosas e vazias, parecem os longos e silenciosos corredores dos museus, de madrugada, à hora em que as figuras das telas baixam os olhos e adormecem, quando as madonas sorrindo baixam os olhos e adormecem nos longos e silenciosos corredores dos museus, de madrugada, quando os cardeais vermelhos e os anjos da Anunciação prostrados de joelhos baixam os olhos e adormecem nos longos e silenciosos corredores dos museus, de madrugada, à hora em que os reis montados em nédios cavalos baixam os olhos e adormecem, e os guardas dos museus apalparam as chaves debaixo do travesseiro, e adormecem.»

ciência revela-se admiravelmente no poema dedicado a Galileu, onde o autor nos diz: «Eu queria agradecer-te, Galileu, / a inteligência das coisas que me deste.» Mas um dos seus temas preferidos é precisamente o da irredutibilidade da vida à ciência, e, simultaneamente, da relativização que a ciência confere às coisas que na prática da existência nos aparecem como absolutas. Esta poesia balança entre um cepticismo moderado quanto ao alcance da ciência e uma certa crítica das ilusões de uma enraizada mentalidade romântica que a ciência implacavelmente destrói. Um exemplo:

Esta análise esquemática pretende apenas indicar os pontos capitais do livro de António Gedeão. Mas ela ficaria incompleta se não dissessemos que uma certa facilidade excessiva por vezes nos assusta e nos deixa uma vaga sensação de constrangimento. A inge-



ANTÓNIO GEDEÃO

nuidade é fascinante e urgente, mas é uma linha tênue que a separa da infantilidade. Aqui ou ali, a desenvoltura destes versos parece-me exagerada e não escapa a certos deslizes de gosto. Acontece que alguns poemas são demasiadamente a exploração de um achado («Poema da noite plácida», por exemplo), ou o resultado de uma brincadeira quase superficial. Um certo sentimentalismo, atenuado que seja pelo ácido da ironia, rompe em certos pontos o equilíbrio da expressão e mancha irremediavelmente a página do poema. O tom de conversa, tão oportuno e tão incisivo, também se arrisca a um certo desgaste e a um certo empobrecimento significativo. A preocupação com a rima torna-se por vezes um pouco evidente. Tudo isto não chega a perturbar a inegável qualidade de *Linhas de Força*, mas poderá ser prenúncio de certos riscos que — segundo creio — António Gedeão tem toda a vantagem em evitar.

A REEDIÇÃO DE «CARLOTA ÂNGELA» DE CAMILO

Na série das obras de Camilo Castelo Branco que vêm sendo reeditadas pela Parceria A. M. Pereira, constituindo o corpo inicial, como se espera, da publicação das «Obras Completas» com a cooperação de outros editores, foi agora distribuída a novela «Carlota Ângela». É esta a 10.ª edição que vem a público da celebrada narrativa camiliana, «subjugante novela passionnal» como lhe chamou Jacinto do Prado Coelho num dos seus fundamentais estudos sobre o escritor. A fixação do texto para esta edição foi realizada pela dr.ª Teresa Amado e a nota preliminar, usual na série apresentada pela Parceria A. M. Pereira, é da autoria de Luís Forjaz Trigueiros.

«Carlota Ângela» é, sem dúvida, uma das criações mais representativas da novela romântica em Portugal e uma das mais expressivas do estilo ficcionista de Camilo, para além das variantes da sua evolução. O trabalho de reedição das obras de Camilo pela Parceria A. M. Pereira prossegue meritariamente sob a direção do prof. Jacinto do Prado Coelho.